GENNESCO

VIDA ACADEMICA

LIVRO PRIMEIRO.

e

Livro segundo

GENNESCO

VIDA ACADEMICA

Il n'y a personne qui ne fasse son petit Faust, son petit Don Juan, son petit Manfred ou son petit Hamlet, le soir auprés de son feu, les pieds dans de trés-bonnes pantoufles.

(Esprit des Journaux).

(Teodomiro Alves Pereira)

2.ª EDIÇÃO.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.

1866. 2ª ed

O **Gennesco** é propriedade do Editor João do Espirito Santo Cabral.

O direito de propriedade acha-se garantîdo pela Constituição e leis do Imperio.

A meus companheiros de casa.

Meus amigos. — Jorge Sand, a bella romancista, respondendo á um critico de mérito, o Sr. Nisard, dizia: — « conta-se em Florença e Milão muitas anedoctas, verdadeiras ou falsas, sobre o immortal Benevenuto Cellini.

« Disseram-me que acontecia-lhe muitas vezes emprehender a factura de um vaso, e desenhar-lhe as fórmas e proporções com subido esmero. Mas, uma vez na obra, era-lhe habitual tão singularmente apaixonar-se por uma figura ou um certo festão, que elle acabava por enlevar-se no engrandecimento de uma, por poetizal-a, e no deslocamento de outra por dar-lhe mais graciosa curva. Então, elle, levado pelo amor do detalhe, esquecia a obra pelo ornamento, e notando, já tarde, a impossibilidade de tornar ao designio primitivo, em lugar de uma taça que encetára, produzia uma tripeça; por um jarro, uma lampada; em lugar de um Christo, o punho de uma espada. E' assim que contentando-se, elle acabava por descontentar aquelles á quem se destinava o seu trabalho. »

Ora se da obscuridade do meu gabinete, humildade de minha palavra, eu podesse fallar-vos sobre Gennesco nenhuma explicação avantajára á engenhosa observação da peregrina moça. Se o simile não me vai pela grandeza do genio, é certo no entanto, que vem aqui a pello, vista a identidade de circumstancias.

Como sabeis, havia escripto differentes artigos sobre themas diversos. Essa composição rapida, ephemera, e jornalistica, jazia esparsa, confusa, e empoeirada em minha pasta de escriptor, vistesl-a: e me insuflastes a idéa de atal-a em um feixe, e dar á luz um volume; abraçei o

conselho e appareço hoje trazendo o mesquinho óbolo para depôl-o á vossos pés.

Sois, todos, meus amigos; tão gravados estão em meu peito vossos nomes, época saudosa em meu viver peregrino, que fôra difficil riscar um só sem incorrer no sacrilegio de desbotar um outro. Tão solidarios vão elles!

Tendo-nos ligado o laço magico de pura amizade, tendo sido o nosso idéal o mesmo, nosso viver commum, e esperanças, tão communicadas, era indeclinavelmente a vós, que eu devia dedicar meu primeiro trabalho de fôlego.

E' bem humilde; pobre, talvez, de mérito, de belleza e de incanto; arrojado nas fórmas, rebelde á rotina, tão selvatico, em fim, que fôra sandice querer sujeital-o ás fórmas estreitas da arte theorica. E um selvagem, pobre diabo que anda de penna e fléxa no meio dos fidalgotes de casaca; muito excentrico para comprehender a ordem do dia.

Depois meus amigos, pensais comigo. Não é com uma pennada, mais ou menos dogmatica, que se pauta regras á inspiração. Não é da enumeração forçada, trivial e emphatica, em um seculo que se póde deduzir o espirito que levou um cerebro á criar uma obra. Então neste caso os inimigos phosthumos da escola byronica. Onde bate o coração, estremece a inspiração, e vôa sublime a imaginação: ahi está Byron. Lembrai-vos do Euphorion de Faust.

Tornou-se um lugar commum esse arreganho impotente por derruir o que o tempo levantou. Gritam, gritam, enrouquecem e acabam curvando-se ante o idolo que maldiziam. E' a fabula da serpente mordendo, na impotencia, sua propria cauda.

Quando eu vejo os moços perfumados, risonhos e tão amantes da vida, das flôres e das festas se persignarem ao nome de Byron, ou segurarem o relogio á visão medonha dos salteadores do poeta, lembro-me de Tartufo, o misero devasso que, na hypocrisia do cynico, sumia, virtuosamente, o rosto nas mãos, estremecendo lubrico ante os seios nús de Dorina; e ouço, com a face rubicunda e feliz, o bôbo de Shakspeare iniciando a philosophia commodista dos risos, céo azul, e amor na realidade; sua voz, lacrimosa, parece dizer:— « crês, pois, porque és virtuoso, que não deve haver mais nesta terra nem bolos dourados, nem vinho das Canarias? »

Bem vêdes, meus amigos era por demais crente o filho da tal realidade.

Querer idéar o molde do talento, circumscrever-lhe limites, prendel-o no ambito estreito da theoria real, é tão estupido como dizer ao poeta: canta isto, renega tu aquillo. A arte que deve ser livre, franca, e aberta a todo o adepto, olvidado o passaporte de suas crenças religiosas, politicas e communs, seria despotica, desvairada, implacavel, como aquelle salteador heroico que atava seus prisioneiros á um leito; espichava-lhes os membros, sobre elle, até que o igualassem, se eram pequenos; ou cortava-lhes a cabeça ou os pés, se eram grandes; para reduzil-os á justa dimensão do leito. Livre-nos, pois, o bom Deos, dos artisticos Procustos.

Não é o mesmo o ponto de vista sob que encaramos os objectos; e, ás vezes, as visões nos passam vestidas de uma roupagem sanguinolenta. Escriptos ha onde cada palavra é um gemido, cada phrase um soluço, depois vem a blasphemia, o stertor, tudo isto é poesia, horrivel, sim, mas verdadeira.

Ha na vida de todo ser que pensa e que lucta, momentos de descrença e de duvida; podemos, portanto, ser byronicos sem attrahir a maldição dos arlequins da poesia.

Lestes a bella introducção ao drama Chatterton? Ahi se diz: —« não ha nem mestre, nem escola, nem poesia; o unico mestre é aquelle que digna fazer descer até o homem, a emoção fecunda, e faz sahir as idéas de nossas frontes que algumas vezes se quebram. » Quem assim falla é Vigny e em materia de arte ninguem lançou a barra além delle.

Para esses que soffreram na duvida, que sentiram os dentes da descrença morderem-lhes as carnes, e chamaram, e chamaram e o paraiso não se abrio: uma lagrima: vai mal o sarcasmo cuspido sobre um tumulo. Ajoelhemos-nos e repitamos as palavras de uma mulher martyr: « aceitemos como grande licção as paginas sublimes em que *René*, *Werther*, *Oberman*, *Kourad*, *Manfred* exhalam seu profundo amor; ellas foram escriptas com o sangue de seus corações; ellas foram banhadas de suas lagrimas ardentes; pertencem mais ainda á historia philosophica do genero humano do que aos annaes poeticos. Não nos venha o rubor por termos chorado com esses grandes homens. A posteridade, rica de uma fé nova, contal-os-ha entre seus primeiros martyres. »

Agora, vou fallar-vos ao ouvido: nada conheço de mais melancolico do que o magnifico luar de S. Paulo, quando o céo é puro azul, o lago um paramo de brilhantes, onde os espiritos das aguas scintillam, beijando os raios da luz opáca; e o vento passa trazendo, perdida em suas azas, a derradeira nota da modinha da moça, que scisma.... ou o som enrouquecido do bronze da noite. Tudo isto é triste e fazia-me sonhar; eu derramava esses sonhos pelo papel, incoherentes, vertiginosos, lugubres ás vezes, e a tristeza passava.

Uns olhos negros, mas langues, uns labios roseos, mas ardentes, um pé mimoso, um collo elegante, e uma voz inspirada, abriam para mim um mundo novo, onde as mulheres eram anjos, as flôres perfumes, e os homens irmãos: eu sorria e escrevia. Meus sonhos eram Lelia, Julietta, Ophelia, Miranda, Haydéa, ou a alma dedicada de Gulnare, a homicida.

Ora, perdido em meio dos prazeres, com a fronte quente, o peito em palpite, e as mãos trementes, eu sonhava ao ruido do festim, ao tinir dos cópos, e voejar louco de uma valsa, um conto phantastico, a perder-se ao longe nas sombras azuladas onde a phantasia, tomando-o da terra, o deitava em dilirio. Eu vi-a, então, Musset, Hoffman, Achim d'Arnim; e com o sentimentalismo de Lamartine ou philantropia sensitiva de Vigny, eu desenhava em rudes traços, mão pesada, e lapis rombo, as fórmas bellas de Brigitta, Agandecca, Isabel, ou Kitty-Bell — a ingleza—a amante, castamente adultera, do pobre Chatterton.

No entanto, não vivemos só pelo coração.... a phantasia prostra e abate; bate as azas e foge; e ahi vem o frio, o gelo o positivismo da vida.... a idéa não volta, a mão pára, e o caso de Cellini se reproduz: creio que encetando a imagem do Christo, terminei pelo punho de uma espada. Que quereis? A inspiração tem algum tanto de fatal: é a Pythia sobre a tripode. Eis ahi o segredo da vida de Gennesco. Entrego-vol-o: protegei-o, João Carlos, Macedo, Chaves, Brant, Rabello, Matheus e Theophilo. Para vós que me conheceis, Gennesco não é um mysterio.

Vosso grato e eterno amigo

THEODOMIRO.

S. Paulo, 15 de agosto de 1861.

GENNESCO

VIDA ACADEMICA

CAPITULO I.

UMA TRANÇA DE CABELLOS.

— Na verdade Gennesco, és um mancebo original; mysterioso como um hyeroglifico, incomprehensivel como o infinito. Tu, o moço enthusiasta, fronte pállida, mas altiva que eu tenho visto nas orgias de nossos amigos enthusiasmar-se, despejando em catadupas torrentes de poesia, és o mesmo homem, que se ri infernalmente dos sentimentos mais puros que a sociedade consagrou. Pelo Papa! eis uma maravilha.

— Mathus, meu caro amigo, ahi vens com tal algaravia que fôra para invejar aos nossos prégadores; não te sabia ainda esse talento particular. Diz-me onde viste que o homem conhecesse o homem, e a intelligencia mais robusta o genio mais perspicaz, podesse conhecer o nosso coração? Paginas e paginas tem sido escriptas sobre tal assumpto e estamos ainda no mesmo ponto de partida. No dia em que a philosophia somnambula poder explicar por que os astros gyram e desgarram-se da orbita; por que o occeano corre com suas borrascas, suas calmarias e riquezas infinitas, has de conhecer essa vissera, mathematicamente insignificante, que se chama um coração. Rio-me da sociedade por que acho-a extravagante e absurda em suas affirmações, synthese e antithese. A côrsa

que foi uma vez ferida pelo caçador foge para o bosque, acolhe-se ao mais escuro das brenhas, mas a dôr a persegue, a irrita, e, ás vezes, a abate.

Ha vidas que, como a de Werther, foram ruidas em flôr por um vérme de morte; o sól levanta, beija-a de passagem, e a filha dos campos desfolha-se prematura. O juizo do mundo é vário, inconstante e caprichoso, como essas mulheres perdidas cujas noutes fastientas pagas com um óbolo miseravel; fôra sediço contradizer-me, Em nossa idade quando a innocente embala o berço de nossos sonhos e a pureza dirige os nossos actos, devotamo-nos por enthusiasmo e arrojamos de nós como a tunica de Nessus os vãos preconceitos da sociedade, esse juiz implacavel, mas suspeito, que, com mil olhos inquisitoriaes espreita os nossos passos tentando em tudo vêr o ridiculo.

Em nosso tempo de mancebos é possivel a amizade; encontramos naturezas, que se harmonisam comnosco; espiritos que se levantam á altura dos nossos; corações que palpitam no mesmo accordo; entretanto, Mathus, quam raras vezes somos comprehendidos: crês tu, que Byron fosse esse homem misanthropico egoista, e malevolo como sôem por ahi apresental-o? O poeta que desmaiava, vendo representada por *Kean* uma scena terrivel de Sir Gilles Overreach, e derramava lagrimas á Mirra de Alfieri, o homem que amava as crianças lindas e innocentes, tinha ao peito um thesouro de affeições, muito bons instinctos a pôr em campo; passou incomprehendido como um livro de magia e o mundo crucificou-o. Bocage tambem morrera assim; as turbas enthusiastas e delirantes que applaudiam freneticas seus admiraveis improvisos, não perceberam a eiva secreta, a substancia corrosiva que lavrava por aquelle ser. A fronte pállida, o rosto lívido e cadaverico. do Dante, é viva imagem dessas vocações soberbas que por ahi passam, como filhas de um outro mundo, almas infelizes lançadas talvez, na terra , em expiação de um facto tremendo. Querias pois, que eu me curvasse a essa sociedade mascarada, que escarnece o que ha de mais santo, e na crápula surda que a entontece, occulta, em ricos mantos, a lepra que a devóra?

Não, meu amigo, fôra loucura ao pobre naufrago que vê as ondas levantarem-se-lhe sobre a cabeça, ameaçando snbmergil-o, deixar-se levar pelo destino, e não nadar até á praia. Assim vai a vida, e nem chuva de fogo conseguiria regenerar o mundo.

— Gennesco, entristecem-me tuas palavras; parecesme sorrir sobre um tumulo, como no festim de Balthazar; terias, acaso, apertado a mão de alguma sombra, como na lenda da noiva allemã ? Desconheço-te pelo teu ar de Joung.

— Meu amigo, disse Gennesco, levantando-se, no momento em que entraste eu pensava em um dos factos mais tristes, que tenho visto, em minha vida academica; e a lembrança de um amigo, que perdi, moralisava-me algum tanto. O libertino mais extravagante, ousado e terrivel, que ahi possas figurar, passa por momentos de lucidez, que o habilitam á regeneração.

D. Juan chora lagrimas de sangue á loucura de Haydéa; Lovelace sente-se enternecido ante a dôr de sua Clarissa e Degenais, o pedagogo, dos libertinos, o calvo, que ria-se de tudo, chora ao ouvir o seu amigo Octavio.

— São onze horas, disse Mathus levantando-se e lançando um olhar pela janella. A noute vai escurissima, e nem uma estrella no céo, nuvens carregadas de chuva correm tristes no horisonte, e na terra o proprio grillo emmudeceu no canto. Por Deos! Eis uma noute Shakesperiana.

Sentaram se e accenderam os charutos. Gennesco quebrou o silencio: vais ouvir uma curta, mas terrivel historia; attinge pelo carregar das côres, e caracter de seus dous heróes, as sombras de um conto phantastico, é porém pura realidade, e a imaginação de Hoffman não conseguira tornal-a mais dolorosa.

Ha, na verdade, factos na vida do homem que excedem os desvarios da mais férvida imaginação; os crimes, os horrores, as desgraças dos Atridas ou da familia de Pelops nunca fôram descriptos pelos tragicos em toda sua verdade e encadeamento de horrores.

— Está bem! disse Mathus, entre uma bafôrada e um balanço de cadeira. Gennesco, continuou. Não te lembras daquella moça, a pobre operaria, ou costureira, que Octavio pôz sobre a procteção de Degenais? Creio que se chamava Cendrillon; assim a tinham baptisado os dous libertinos em attenção á tristeza de sua vida. Octavio, ao separar-se dessa moça, fêl-a bordar, uma bolsa que elle pendurou em seu quarto, como reminiscencia do que havia de mais pungente na sua vida de libertino, ou o exemplo do mais triste fragmento das ruinas do mundo.

— Vê, disse Gennesco, mostrando á Mathus uma trança de compridos cabellos, fina e loira, presa por uma fita amarella e um annel.

— Uma trança? Disse Mathus, apalpando para verificar da realidade; começo á crêr na verdade de tua historia. A fronte de Gennesco descahio, e elle fallou em voz triste.

— E' uma lenda triste, a que conta essa trança; no amarello da fita: o pranto, o desespero; no esgarçar dos fios, no pallor esvaecido dos longos cabellos, uma emanação do passado, um como vento de maldição, que passou curvando duas cabeças de moços. Hontem, era o céo que sorria, o amor que unia duas almas de fogo, hoje o inverno que géla, a nuvem pardacenta, que asphyxia, e separa inimigos dous seres que se amavam. E' um despojo que o naufragio de uns amores atirou á praia. Guardo-o, como se guarda a caveira de um bôbo ou o craneo da donzella, que nos morreu. Gennesco atirou algumas baforadas, concertou-se no leito, e continuou: vou, pois, contar-te a historia dessa trança, ou antes dos amores de duas creanças: um tinha 18 annos e ella, Georgina, contava, então, seus quinze.

— Espera! Werther, nos ultimos momentos da vida, com o pé já sobre o tumulo, enviando o derradeiro adeos á sua cara *Loth*, pedia a querida moça, que lhe guardasse, em memoria, o laço de fita rósea, que velava os seios della, no primeiro baile, que fôra para o pobre Werther a primeira pancada da fatalidade! Sempre a mulher: no berço e no tumulo! Disse Mathus, dando um murro sobre a mesa.

Não te espantes leitor. Mathus era tambem de carne e osso, não era Gargantua, nem ante-christo.

Era um amigo de Gennesco, seu companheiro de casa, e collega no anno. Tinha 23 annos, era uma fronte soberba, alma sensivel como Aldo, o rimador; sonhador como Gennesco, senão tão ardente, mais obstinado. Sorrir de um anjo nos labios de Lovelace.

Escuta, leitor, Mathus era adiantado discipulo da escola de Degenais. E' bom moço: sigamol-o ao capitulo segundo.

CAPITULO II.

GEORGINA.

Blanco es su vestido, ondea —
Suelto el cabello á la espalda,
Hoja tras hoja las flores
Que lleva en su mano, aranca.

(Espronceda).

Mathus escuta; Gennesco falla.

— Conheci, ha tres annos, em S. Paulo um estudante de preparatorios, intelligente, vivo e audaz. Natureza ardente e sonhadora. Como Alexandre, fôra capaz de queimar um palacio por contentar um capricho de sua amante ou de atirar fogo a uma cidade, por admiral-a ao alto de uma torre, cantando, como Nero, seu esboroamento ao crepitar do incendio. Parece-me que se chamava... Candido.

Comecei a relacionar-me com elle, a ponto de adquirir sua amizade, no seu primeiro anno de direito. Era um moço, poeta, parece-me que o genio da poesia borrifava-lhe a cabeça de lavas: nas orgias, ninguem punha pé diante delle, nos discursos, nas pilherias, e nas loucuras mais excentricas, que uma Republica de estudantes possa ideiar.

Sonhava grande futuro para o Brazil e zurzia, fortemente, sobre os costumes da época; franco, no tratar, altivo como suas montanhas; era Mineiro.

O genio daquella terra de bravos inspirava-lhe temeridade até á insania. No amor, era apaixonado, até á loucura; a fita dos cabellos de uma mulher, um sorrir de moça eram-lhe um mundo de venturas; uma fonte de ins-

piração, que jámais se trahia. Era o meu heróe dessa familia de ardentes, não sei se feliz ou desgraçada, cujo organismo impressionavel torna-se victima das mulheres, dos tolos, e dos homens.

Vendo passar, pela rua, uma donzella, olhos langues, volupia nos labios, e cadeiras bem moldadas, um abalo electrico corria-lhe os membros, e elle sonhava, sonhava... até, que ella sumisse, nas ruas tortuosas. Byron e Musset, o diabo e seu acolyto, eram seus poetas favoritos, tinha-os á cabeceira, como se diz que Alexandre tinha o seu Homero. Em tão boa companhia, sobr'excitada sua imaginação, por aquelles dous genios, seu viver era uma agitação de febre, ora, tambem, um devaneio, que o fazia parar longas horas, contemplando uma nuvem ou suspirando ante um retrato de moça.

Sua natureza expansiva queria, ar, muito ar, e a athmosphera, que o cercava, era muito pesada, para a torrente sombria de seus pensamentos.

Tambem seu maior desejo era ir á Italia: aquella terra de amor, com seus vulcões, cantores gondoleiros e mulheres amantes, era o ideal, o transumpto do que de melhor deu Deos ao homem, neste valle de provanças, dizia elle. Creio, mesmo, que na sêde de viver que o abrasava, as vagas do oceano, multiplicadas e cahindo-lhe, gotta por gotta, sobre os labios, não n'o teriam saciado. Sensual, como um padre, orgulhoso como Chatterton; estava para o champagne, como Musset para o absyntho.

Seu desejo era ter um serralho ou harem, prender as bellezas, vedal-as a todos, e despota da colonia, exclusivo gozador, beber toda seiva, as bagas divinas da feminil volupia. Amigo devotado e enthusiasta, desembainhara, de sua corôa de myrtos, o punhal de Aristogiton, para vingar seu Harmodio. Era uma amizade cega, louca, mas caprichosa: não soffreria de seu maior amigo um olhar, por sobre os hombros, um surriso de desdem. Orgulhoso, de dignidade e de força, não consentira que se lhe desse ou se lhe tirasse, mais ou menos do que lhe déra a natureza.

Abateria a mão, que se levantasse para arrancar-lhe a corôa da fronte, mas desdenharia curvar-se para apanhar uma maravilha, que se lhe atirasse aos pés. Era um energumeno, um doudo talvez. Nascido sobre os degráos de um throno seria um grande conquistador, cortador de cabeças, amontoador de corpos humanos como Gengis-Kan,

ou vegetaria na embriaguez dos perfumes, que alentam os despotas orientaes. Queimar-se-hia, sim, mas como o primeiro Sardanapalo, beijando os perfumosos labios de sua escrava favorita.

Seu estudo predilecto fôra a historia; embrenhara-se por esse labyrinto, desempoeirara os archivos, e, de sua viagem pelo passado, conservara, apenas, tres nomes de mulheres: Helena, Heloisa, Stuart; a belleza da destruição, a belleza do ascetismo, e a belleza martyr: era um doudo!!...

Não era amante da philosophia abstracta; o encadeamento de systemas, a classificação de escolas, e o halito secco de um raciocinio seguido eram-lhe somniferos ou causavam-lhe defluxões. Elle dizia ser a philosophia uma continuidade de sophismas, e preferia, de bom grado, um trecho de Tasso, uma scena delirante de Schakspeare ou Dante, ao mais maciço, succulento e abastecido dos pratos philosophicos. Fugia da theoria abstracta, como se foge de uma machina pneumatica onde nos espera a mais estupida das mortes: a morte pela asphyxia.

Tal era Candido na época em que o conheci e travei com elle amizade. Passavamos largas horas juntos, dormiamos em um só leito, nossa amante era a mesma, liamos no mesmo livro, viviamos em grande intimidade. Estava, portanto, em posição de bem comprehende-lo; e aposto, tua cabeça contra a do papa, que o conhecia mais do que elle a si proprio; tambem ninguem se conhece, se assim não fôra, não veriamos por ahi tantos principes idiotas amantes dos divertimentos, e loucos pelos elogios da criadagem. Seu espirito soberbo, era, no entanto, inconsequentemente nivelador, e se muitos, como elle, se conhecessem, em nosso paiz, em vez dos marquezinhos, barões balofos e cheirando a sola de sapatos, teriamos outro regimen estreme de animaes, de costado flexivel, e muito entendidos em cortezias.

— E' interessante o teu amigo, disse Mathus, sorrindo e derramando cognac nos copos. Partira, alegre, o pão e o sal com elle. Não hesitara, disse, levando o copo aos labios, tocar meu copo, contra o copo delle.

Gennesco tambem, beijou o cognac e accendendo novo charuto, continuou:

— Um dia, tive saudade de casa e resolvi, partir, pelas ferias, a visitar meus pais. Ao retirar-me de S. Paulo quiz levar o meu amigo, excentrico, para apresenta-lo á minha familia. Elle recusou e persistio em ficar. Nossas

cartas cruzavam-se constantemente; uma doença, porém, obrigou-me a ficar em casa mais tempo do que pretendia, e minha ausencia tornou-se mais prolongada. De volta passei muitos dias sem vê-lo, elle não tinha habitação certa, ora aqui, ora ali, ambulava de tenda em tenda como o Beduino. Um dia, porém, oh que bem me recordo; era uma bella tarde de verão, um céo de azul, sem uma só nuvem; o sol na posição languida de deitar-se sobre o horisonte, espalhava sobre a terra a hora triste do crepusculo. Eu lia um poema de Ossian, e encostado á minha janella, sonhava com Malvina.

Reinava de entorno, o silencio. O Tuamandatahy corria placido. Um vento ligeiro brincava com as palmeiras, e eu banhava a minha fronte no ar puro da tarde. Ouvi um grande barulho. Alguem entrava pelo portão; eu corri com o livro aberto a indagar quem era; emfim, esbarrei nariz contra nariz com o meu amigo!!

— Oh! oh! oh!, exclamamos simultaneamente, e cahimos nos braços um do outro.

— Como foste de viagem?

— Bem; e tu? Cessaste de escrever-me; pensei que tivesses sido arrebatado por alguma fada?!

— Dize antes por algum Mephistopheles infernal. Respondeu-me elle, cahindo sobre uma cadeira e entregando-se a melancolia profunda. Conhecendo o caracter do meu amigo deixei-o por algum tempo naquelle estado morbido, certo de que uma reacção fal-o-hia, em breve sahir daquelle entorpecimento. Pedi fogo, accendi um charuto, e cercando-o de uma nuvem de fumo puz-me a comtemplal-o. Depois de alguma pausa, elle ergueu-se encarou-me fixo e proseguio:

— Gennesco, vou contar-te minha vida nestes ultimos tempos, e se neste momento, me vês serio, é que a acção poderia arrancar lagrimas, a outrem que não a ti.

— Obrigado pelo cumprimento, disse-lhe eu baforando-o pelo rosto. Seus olhos scintillaram, elle sacudio os anneis do cabello, que lhe cahiam pela fronte, deu uma gargalhada; sentou-se, e limpando o suor, com um finissimo lenço de cambraia, começou:

— Passeava uma tarde deliciosa, pelas margens de um rio, cerebro esquentado, quatro garrafas de cerveja na cabeça, eu meditava um poema. Levado, nem senti, não sei se pelos pés ou pela cabeça, esbarrei nos fundos de uma casa de mesquinha apparen-

cia; beijavam-na as ondas em seu correr vagaroso. Eu tinha entre mãos a minha carteira, e ahi retractava minhas impressões da tarde, quando, encarando mais a casa, vi brilhar por entre as folhas de uma arvore dous pontos parallelos: pouco vivos para serem diamantes, bastante azues para que um poeta dissesse duas esmeraldas. Abri mais os olhos, e em meio ao arvoredo, descobri umas fórmas brancas, que semilhavam um corpo humano, e um volume redondo, que passaria bem por uma cabeça. Approximei-me, e com o olhar altivo de Lovelace, vislumbrei uma donzella que se curvava sobre o rio para apanhar agua. Era a hora do crepusculo; seu rosto não me era bem visivel, mas seu corpo era de garbo, e vi-lhe o arredondado das cadeiras, e o louro dos cabellos que enthusiasmaria até um agiota, o animal mais prosaico, que jámais sahio da argilla.

Naquella hora em que a poesia abandona as regiões ethereas, e vem n'um sorriso de Deos, reflectir-se sobre a terra, não ha natureza a não ser a de Satan, irmão gémeo do agiota, que se não sinta no mar das scismas, e no mundo dos poetas os córnos da lua; aquella mulher a olhar-me fitamente, as oscillações, que sentia minha alma turva, a cerveja que me fazia vêr dous em logar de um, e confundir um padre com um burro, queimou-me o sangue, e por um movimento irresistivel eu corri para a direcção della. Era tarde. Mal distingui a roupagem esbranquiçada de uma sombra que fugia. Esperei uma, duas, muitas horas a vêr se a fada voltaria a colher flôres como Proserpina, ou a banhar-se como Diana, na agua fresca do rio.

Embalde! o sereno frio ia-me varrendo a bebedeira, e com os fumos do bemdito licôr, foi-se enrolada a poesia, e a razão, puxando-me pelas orelhas, embrulhou-me em uma rêde de proposições, inducções e consequencias, que os philosophos chamam raciocinio: quem era aquella donzella? Era bonita, era feia? Era moça ou velha? Casada ou solteira? Talvez nenhuma dessas cousas. Quem sabe não era ella, simples visão do ébrio? Não te admires Gennesco, uma noute eu tomei-me por um sultão, e juraria que eram gozadas Odaliscas, as differentes garrafas, que viera de vasar.

Minha curiosidade estava em campo, e apezar de affirmar-se que a mulher é a alimaria em essencia, curiosa, não é menos certo que o homem contenha em si bôa dóse

do tal globulo, de nenhum modo, homœpathica. Uma vez. no caminho das supposições, cheguei mesmo a crer, que era ella alguma Naiade que ali apparecera tomando o fresco á margem de seu palacio de crystal; ou talvez... mas não, sereia não era: por que não ouvi canto e tinha ao inverso dos companheiros de Ulysses os ouvidos bem abertos, sem córnos, ou compridas orelhas que os ajudassem, é verdade; e a não ser um zumzum ou zamzam, e o miar de ùm gato de uma velha daquelles contornos, não sei que ouvisse musica ou canto. Sabes o meu genio extravagante; meu estomago estava cheio, minha cabeça apenas pesada, e o meu corpo pendia para terra seguindo a lei natural da gravitação.

Eu não estava na maré das rebeldias; estendi-me sob a arvore, e preparei-me para namorar as estrellas, e beber puro orvalho do céo. Passaram algumas nuvens carregadas de agua, e por divertimento vasaram-me alguns pingos sobre a ponta do nariz. Depois era o rio que cantava seu hymno ao creador, arvores que estalavam, folhas que sussurravam, e a lua que mostrava a face amarellada por entre as brumas mescladas de negrume. Pareceu-me, então, a lua o rosto enrugado de uma velha ratona que, em dia de inverno toma uma carapuça ou touca para esquentar.

Não gosto de velhas; de moças como um velho sensual ou cirurgião, filho da rapina, socio do gigante Caco, e caixeiro do deos Mercurio.

A filha da noute, com sua face desbotada, e olhar de protectora de amores, sorria e namorava-me; mas eu tomava seus sorrisos por caretas como as sabe tambem fazer um estudante de cólicas ou um bobo do paço. Já eu improvisava tremenda descompostura em verso heroico contra a maldita velha....

— Olá, Gennesco, não te rias do que digo, disse Candido interrompendo-se e fitando-me com uma seriedade comica, fazer um poema á lua em noute de inverno, ou, n'outros termos, á uma velha rabujenta, é cousa tão licita como compôr-se um epithalamio, um soneto natalicio saudando o nascimento de mais algum velhaco... digo isto, aqui elle abrio um parenthesis.... acompanhando Hamleto, o louco, e por tanto o mais sensato de nós todos, que dizia:—« nós todos somos tratantes; » ou fazer quadrinhas para solemnisar o anniversario de algum principe: a base é sempre nulla, o thema esteril e ridiculo; por tanto nada com mais nada somma nada, como dizia

Fr. Gregorio, o frade mais ratoneiro que, em minha vida, conheci.

Desde Annibal Caro, celebrando o nariz em bellas rimas, e em seu enthusiasmo de rimador chegando á abençoar tudo quanto o nariz cheirava, até o religioso poema Ahasverus, cantando-o Cosmos em todo seu composto, o o poeta teve sempre a liberdade de cantar o que e quem muito bem quizer.

Já a primeira nota sahia-me da cabeça, e o parto não fôra doloroso, e a parteira, a lingua, preparava-se á receber o féto quando fui atacado pela cabeça, e Morpheu subjugou-me como se diz, tambem, que S. Miguel subjugou Satan e o lançou no inferno; eu porém fui mais feliz, e subi para o céo, vaporoso, como a poeira levantada pelas tropas, na suavidade de um, *Te-Deum laudamus*, cantado por um frade rouco, e por bem da ordem, fanhoso. Sonhei.... não, não te contarei esse episodio, direi apenas que estava em meio de muitas moças bonitas, que me beijavam como seu Menino Deos, alguma cousa que semelha um ai-Jesu, e me apalpavam como costumam apalpar o colxão por verificar de sua macieza. No melhor do gosto senti um frescor agradavel passar-me pela testa, os meus sentidos se dispertaram, e eu abri os olhos passando a mão pela fronte.

— Advinha o que encontrei, e far-te-hei um soneto?!

— Alguma redoma de alabastro que mão caridosa te quebrou na cabeça; talvez gotta de orvalho tombada dos labios de alguma nympha, ou Walkyrie, adormecida nas nuvens; ambrosia, sem duvida.

— Perdeste carissimo, disse elle continuando, era oleo, nardo ou myrrha, que uma gallinha, que dormíra na arvore, me coára de uma parte pouco aristocratica, mas todavia lugar por onde sahem os ovos muito apreciaveis bem duros, e para comer-se com arroz, bebendo chá por cima.

Estava sagrado poéta; esfreguei os olhos, enchuguei como pude o presente da donzella digo donzella porque não sei se ella era virgem, ou não. Podia ser gallinha ou franga.

A aurora mostrava uma linda face n'aquelle momento, e sorria como devem surrir no paraiso as houris (o nosso não n'as tem, reccorro pois aos musulmanos). A' fé que desejei ter azas, e poder chegar á beijar-lhe os labios; nuvens côr de rosa orlavam todo o horisonte, em quanto

os peixes saltavam á tona d'agua, e o boi ruminava na seriedade do representante da nação. As aves cantavam, e um sabiá pousado no tronco de uma arvore secca descantava trinos que fariam rebentar de inveja uma cantora italiana; era a vida sobre a morte, o sorriso sobre a tristeza, ou um herdeiro em orgía sobre a mesa de seu defunto avô.... tal era o sabiá e o tronco.

Um gallo abrio a guella um pouco ao longe, e na realeza do terreiro, (realeza que vale bem qualquer outra) saudou os clarões de uma bella manhã. Um som de pisar furtivo, como o do gamo indo beber á margem do regato nas florestas de Minas, ou como o de um gato que corcovêa para saltar sobre os ratos, (note-se que não me refiro aos ratos da alfandega, do dinheiro dos estudantes, ou ás graves ratazanas do Estado), passou-me pelas orelhas. Prestei ouvidos como faria astuto caçador de veado, ou mulher curiosa, sobre tudo se trata de uma conversação crapulosa, e algum tanto livre, e vi, e esfreguei os olhos, e tornei á vêr.....

— Quem? maldicto?!

—A minha fada, o meu sylpho, o meu demonio do dia antecedente.

Era uma moça loira, olhos azues, cabellos castanhos, e uma cruz preta pendente de uma fita sobre o peito. Teria, ao muito, seus 15 annos; saltavam-lhe os seios do branco e fluctuante roupão como dous bagos de uva branca. Seus olhos azues scintillavam como a espuma do champagne vista ao clarão de um cyrio; eram, oslabios della, vermelhos, como dous tentos de jogo, e humidos, como um sobretudo passado da chuva. Ella tinha uma côr esbranquiçada, irmã de uma laranja branca, e mostrava pertencer á essa familia de mulheres ardentes que lutam contra o homem, levam-n'o de vencida, e riem-se da sua impotencia. Vinha no desalinho da manhã: solto o roupão, os cabellos cahidos aos hombros, e o pézinho nú, descançando fresco sobre uma chinelinha. O labio superior arrebitado, como quem olha desdenhosa uma cousa que se lhe mostra, provava que a malicia tinha por habitação aquella alma, e apezar de ser do genero feminino vivia em boa intimidade com a proprietaria. Olhei-a por algum tempo sem mostrar-me, eu a vi atirar as petalas de uma rosa sobre a onda, e seguil-os com os olhos no correr do rio. Eram os sonhos da moça, seus sentimentos de amor que o rio arrebatava.

Era ella o algôz de seus proprios desejos.

No emtanto, eu que passára a noute ao relento, suspirando ás fórmas bizarras das brumas, e gastara meu precioso tempo a esperal-a, não podia, em nome da economia do amor. conservar-me quêdo:

« Il tempo passa e non ritorna á noi e non vale il pentirsene di poi.... »

Dei um passo.... ella voltou-se; embisquei-a, e duas rosas cubriram-lhes as faces pallidas; mas não fugio; correu a nivea mão pelo roupão, e, occultando os dous pômos do peccado, voltou-me as costas, disfarçando-se com o rio. O paganismo falla de Leda e o cysne, á margem de um lago, em tarde poetica.... emfim chamei em meu auxilio minha eloquencia mais persuasiva: saudei-a, ella sorrio-se e saudou-me, tambem.

Hercules, derribando o leão que guardava os famosos pômos das Hesperides, roubou-os, colheu-os; lembrei-me do filho de Jupiter, o travesso; e corri sobre ella; um pequeno grito, benevolamente suffocado foi toda resistencia; beijei-lhe a mão, depois tomei-a nos seus braços, e em protesto apaixonado pintei-lhe um quadro de amor digno, sem duvida, de figurar, como ornamento, no quarto de alguma madre-abbadessa sensual.

Ella ouvia e cria, e eu.... eu pouco me importava com o que promettia.... momentos depois era-mos velhos conhecidos, haviamos entrado juntos em campanha, e apertava-mos as mãos, como dous bravos. Ella me disse que se chamava Georgina; morava com sua irmã naquella cazinha; pai não tinha e só em vida uma mãe, que morava para fóra. Apertei-a, convulso: o craneo ardia, tudo era vertigem; desafio Roméo, o pallido, com suas fallas ao luar, seu jardim de Capulêto, ou blandicias tremidas, ao cantar presago da cotovia, para imitar-me nas confissões palpitantes de um amor eterno, immenso, ardente, estremecido e louco que papagueei n'aquella manhã.... A moça tremia, seu corpo vergava, e suas louras tranças me cahiam pelo hombro. Seus labios eram fogo, suas faces queimavam, eram, os olhos desvairados; as palpebras cerraram-se pesadas pela febre do desejo; e seus seios arfavam como dous moços estafados da luta. Tremeu-lhe nos labios um suspiro. Eu concheguei-a ao coração, que batia forte como o duro malho de um ferreiro. Era uma fogosa moça, era linda então, e suspirava como um frade namorado.

Aqui, atalhou Gennesco, Candido tirou repetidas baforadas de seu charuto, e pedio-me *cognac*; eu gritei pelo moleque e dei-lhe *cognac*. Elle vasou um copasio; como eu agora faço, notou Gennesco, sorrindo-se para Mathus. Depois continuou — com seus olhos scintillantes e dizer apressado.

— Eu a apertava ainda em meus braços, perdida e louca, o roupão aberto, os seios descobertos; pousada sobre meus joelhos, chorosa de prazer, palpitante de gozo, e crente como timida creança, quando um beijo do sol despertou-a, e interrompeu-me; arrancando-me áquelle delirio dos sentidos. Ergui-me lesto e prompto como obediente soldado á voz do commandante, e com toda fleugma sacudi meus vestidos empoados. Ella ergueu-se tambem, e com a voz intima de sua alma me fallou assim: —« agora o senhor que disse amar-me tanto, que por mim só vive; que não estuda, não é feliz se me não vê, não abusará por certo, de minha imprudencia de moça. O senhor é estudante,é moço delicado; sabe que comprometteu meu futuro de creança, minha esperança de donzella e honra de minha familia, não me ha de abandonar. Eu, disse a pobresinha beijando sua cruz preta, juro-lhe ser sua, tão sómente sua. »

— E tu, malvado, o que respondeste?

— Ora o que querias que eu fizesse. Apanhei a sangue frio a metralhada de tão bons desejos; descobrira para meu mal, e da moral publica que ella não era bonita. Tinha olhos de gata pesteada e os dentes mais terriveis que por ahi possa ter a boquinha de uma mulher. Bebido o licor, foi então que reconheci que o vaso era de um barro vil; meu coração estava frio e mudo, como um copo vasio. Foi um jogo de vertigem, onde só a cabeça e os sentidos haviam parado.

Ella deu-me ardente beijo. Pendeu-se como a flôr roixa do pantano, prometteu ser minha, minha, só minha e apontou-me a margem do rio, como o lugar de futuras entrevistas. Pobre criança! Bofé que fôra de bom comico; suppunha que o coração do homem era semilhante a uma linda boneca. Douda! acreditava que se podia tomar um amante, curval-o a seus caprichos, como se toma um vestido, e troca-se sorrindo as flôres do cabello. Ah! ah! ah! ah! Elle ria-se como devera rir Satan vendo cahir no inferno seus irmãos de infortunio. Depois de algum silencio elle continuou: Vendo-a apertar-me em seus

braços tive vontade de atiral-a ao rio, porque a visse como a Ophelia, com a roupagem tão alva boiar sobre as ondas. Despedi-me d'ella; tudo promettendo, disposto a nada cumprir. Era ella, todavia, uma creança; um fructo tenro que se podia chupar mais vezes. Resolvi conserval-a, como se conserva um traste novo: um chapéo, uma calça balão, ou uma delicada botina á Miliés.

— Foste cruel. Abuzaste da boa fé da creança. Lôbo devoraste a ovelha que se desgarrara. E dizes que fôras capaz de tomar um raio ao sol para aureola de tua amante !.....

— Ah ! ah ! ah ! ah ! E's louco como um Platão. Tens teus ares de padre-mestre. A' fé que uma sotaina ou estamenha cahir-te-ia aos hombros ao geito de fimbria apanhada de uma chlamyde á grega. Mette-te frade, meu bom amigo; além de comer bons ovos, jurar pela tremenda e namorar tua madona, terás lindas ovelhas a moralisar. Candido levantou-se, caminhou pelo quarto; encostou-se, á porta, e contemplou-me por algum tempo.

Eu o aborrecia e o meu enfado era bem sensivel. Elle tornou a sentar-se, deu um pesado murro na fronte, atirou o charuto e fallou-me com a voz firme.

CAPITULO III.

UMA HESPANHOLADA.

— Gennesco, eu enlouquecêra. Desceria aos infernos á buscar uma perola á minh'amante. Seria seu escravo, contentar-lhe-ia todos os caprichos, sonhos de moça, desejos de donzella, e parvoices de velha; seria um cão, um dixe em suas mãos; mas era preciso que eu amasse; que no meu peito sua imagem vivesse á sorrir-me. Conheço-me capaz do papel de bandido, pirata, e jogador tudo, menos apostata, por agradar á mulher que me inspire paixão.

Oh, tudo por meu ideal; se ella fôra o sonho querido de minhas noutes ardentes, linda visão dos céos, anjo de Deos á brincar com os meus cabellos nas horas mortas do marasmo, sim tudo por ella, minha vida, minha crença, meu lugar no infinito. Eu não a amára; fôra ella propria á esfolhar sua grinalda de virgem; nada mais ella fizera que ceder a seu sonho de mulher. N'aquella occasião terias feito o que eu fiz; e á não ser Diogenes, o cynico, ou irmão de Apemanto, não sei quem desdenhe a joia que encontrou.

Querias acaso que D. Juan deixasse em virginea tranquillidade o corpo soberbo de Haydéa, a grega? Desejáras que Xavier atirasse de si a bella Hermenegilda, ébria de gozo, desvairada de luxuria, a cahir-lhe nos braços?

Puerilidades! Jámais acreditei nos contos extravagantes com que nos embalam os supersticiosos biographos do— *Flos sanctorum*. S. Antonio foi um parvo, e S. Francisco um impotente.

Em philosophia organica sempre preferí a materia á fórma. Gozei-a; acusa o vento por que abate a grimpa do campanario de Deos.

Mais um cópo de *cognac;* novo charuto, e Candido continuou:

Verás, no entanto, que aquella mulher é o meu anjo máo; lançou uma nodoa no meu passado, e deitou-me ás costas um madeiro pesado. Não morreu ainda em meu peito, a fonte dos bons sentimentos, que Deos ahi abrio; ha muita vida, muito bom grão, que possa fructificar. Mas aquella mulher envenenou-me a vida; ella tinha uma lepra que seu roupão velava.

Não te lembras da lenda de Wisperthal, tão sombriamente cantada por aquelle sceptico de bom gosto, o espirituoso Heine? Exactamente. A commoção, o champagne, e a excentricidade de meu estado intellectual, pregaram-me uma pêta dos diabos. Tomar um anjo n'um demonio, Dorothéa por Miranda, a innocencia n'um ser de lama; confundir Méphisto com o Papa, e buscar belleza n'uns olhos de gata!!...

— Eu admiro, ajuntei, a facilidade da conquista.

— Nada mais verosimil; nunca me julguei tão merecedor da toga de Cezar. *Veni, vidi, vici.* Vi Georgina, embisquei-a, e ganhei victoria.

Escuta. Todas são assim. Na época de effervescencia, quando seu organismo inflammavel arde sob sensações desconhecidas, olhos no céo, contemplando a lua, ha um vago, um lugar á seu lado, que a imaginação feminil tende á fazer occupar pelo homem. D'ahi vem o debater no leito, nas longas noutes á sós, em quanto as palpebras ardem, e o coração palpita. Santa Thereza desmaia, e a freira rasga o burel grosseiro, trocando o Christo, pelo romance palpitante de lubricidade.

Ha na vida desse sexo fragil e potente, orgulhoso e humilde, nobre e vil, devotado e vaidoso, um escolho terrivel uma prova perigosa, que só nos romances, onde os poétas mentem, deixam incolume a virtude: esse escolho, os phylologos do prazer chamaram — occasião. Quantas Véstas não se tem tornado Cypriotas!... Lucrecia, nova edição de Penelope, nem sempre deixa de que-

brar o granito no embate dessa onda do acaso. Por isso, um poéta famoso appellidou-a « uma deusa, oriunda dos amores de Thétis e Protheu. » Não quero mais exemplificar.

Lisongea as mulheres, falla á sua imaginação, sê um santo, ou um demonio, e tel-as-has á teus pés. Não ha homem sem cruz, não ha cruz sem mulher. Georgina se suicidara, eis tudo.

Aquelle que caminha á beira do abysmo, e ouve no fundo o chocalhar da torrente, cuspindo espumosa sobre o penedo, sabe que basta um passo, para abraçar a morte. No emtanto, uma vertigem inexplicavel, uma fascinação phantastica, um gesto satanico, talvez saudação da Nayade, o arrasta, muita vez na quéda, cavando-lhe um leito de pedras na escuridão das aguas. O rosto da minha amante se trocara por uma mascara; e a lembrança della me fazia mal. Eu dera o abraço em um cadaver. Não era mais a criança que se curvava sorrindo á beira do regato saudando innocente sua imagem infantil; não era mais a madona de um nicho, como os ha tanto pela Italia. Era a furia da hyena, a tempestade das paixões, que caracterisam a Asia, e fazem brilhar agudo punhal ás mãos de Gulnare. Era um traidor Upas, aquella mulher, descancei-me, um momento, á sua sombra e sahi para sempre envenenado.

— E ella, Georgina?

— Não me lembrara mais della. Quem se lembra de um cão, que vio, de um máo licôr que bebeu, ou de uma feia mulher que encontrou? Quando o vicio levantou seus templos, e mil altares queimam offerendas ao deos Pan, quem se recorda da moça que não ama?

Minha natureza altiva, meu desdem para seres despidos de sentimentos, que se elevem á altura dos meus, destaca-me para sempre desses seres mirrhados, vindos ao mundo em dia de carnaval marcados *ad eternum*, e fadados ao papel burlesco de cão gozo, que só vive abrigado ao calor da *saia-balão*.

Degenerescencias de homens, excrescencia pallida, incapazes do pensamento, perdidos nos sonhos de boa meza, enthusiasmando-se ridiculamente ante o sorriso de qualquer farpella, taes seres, por uma metempsycose singular, tem no corpo lascivo o espirito de um porco, ou a alma de algum abbade de convento.

— E Georgina, e Georgina?

— Em meio de meus pagodes, sonhos de poéta, e trabalhos de aula, nenhum tempo eu tinha para lançar um olhar ao passado. Esqueci-me della.

— Morreu? Interroguei-o, mais curioso da continuação de tanta loucura. Elle meditou, por momentos, e disse-me em tom arrebatado.

— Espera. Um dia, e aqui continua o meu pesadelo de sangue: eu estava em casa. Eram dez horas da noute. Encostado ao sophá, eu baforava um charuto, viajando o Oriente montado nas aventuras do dia. Estava aberta a porta de meu quarto; e um graniso açoitava fortemente as vidraças. Tudo era triste, até o charuto esturrava. Não gosto de estar triste; se fôra Byron ou Alfieri, galopara; mas na impossibilidade de imitar dous grandes poetas, acerquei-me da meza. Tomei a penna, e comecei á politicar. Ergui um estrado sanguinolento, forrei-o de preto, e fiz comparecer os apostatas do dia. Sois Ischariotas, como no Christo, venderieis o divino mestre; sois como o infame Escossez, trocarieis vosso rei por algumas mil libras sterlinas, Antalcidas, entregarieis vossa patria por uma pensão de Satrapa; para vós não ha idéa, não ha pendão, ouro, posição, galões e fitas, eis o supra-summum; o supremo postulado de vossas metamorphoses constantes. Apostatas, liberaes ou conservadores, sois perigosos como transfugas; semelhantes aos visionarios sombrios de vosso inimigo o Dante, trazeis as cabeças nas mãos, como lanternas, furta-fogo, porque no logar do pescoço, só tendes uma chapa de ouro, representando a effigie sagrada de um rei, de um papa, ou cardeal. Sois... aqui fui interrompido por um suspiro, suffocado por um solluço. E' o vento, disse eu, que vem conversando com o cemiterio. Sois maldictos e sê-lo-heis eternamente como a estatua de Perinet-Leclerc, o renegado, que.... novo suspiro bateu-me ao ouvido. Pensei na sombra de Perinet. Deitei o *cognac* em um copo, e como, o nigromante, esquentei-o ao clarão da véla, esconjurando do phantasma. Caminhei para a porta, a chuva ia mais forte, e pegando da chave pretendi fechal-a... um murro no estomago levou-me de recúo, tomei o castiçal, e allumiei o meu antagonista. Surgio diante de mim um vulto negro, envolto em mantilha escura; eu permaneci boqui-aberto, sonhando sempre com Leclerc. Elle deu um passo e fitou-me; os defuntos não olham, pensei, e vendo uma capa molhada de chuva, umas botinas sujas de lama, entendi, que na aristocracia

do sepulchro, os mortos não devem andar a pé, a deshoras, muito menos o cidadão Leclerc, que foi um heróe da pagina mais infame da historia da França. Mais seguro do terreno cheguei-lhe a véla ao rosto... e recuei assombrado diante do olhar terrivel de Georgina. Era ella, ou sua sombra? O *cognac* me tornava tudo, phantastico. Quem és, gritei, sombra, sylpho, demonio, ou mulher, vens do céo, ou do inferno?!...

CAPITULO IV.

CONTINUA A HESPANHOLADA.

A' fé, meu Gennesco, que estremeci, Georgina atirou de lado a mantilha, passada pela chuva, saccudio os desgrenhados cabellos, ao modo das Hespanholas, e encarou-me, com a raiva de mulher. Ella cruzou os braços e estacou diante de mim. Neste momento a luz tremeu, o chão clareou-se, e um trovão terrivel vomitou tremendo raio, que cahio no cemiterio. Eram duas terriveis tempestades: a natureza, e a mulher; fôra bem difficil affirmar: qual era a mais medonha.

Esperando o desfecho do drama, eu cheguei para a porta, tirei a chave, após fechal-a, e sentei-me na cadeira de balanço. Ella vio-me fazer tudo isto sem uma palavra, um só gesto. Eu quebrei o silencio:

— A que vens, minha bella, disse-lhe eu, sorrindo e affagando a cabeça de um cão de gêsso, que tinha sobre a meza. A hora não é das mais adequadas para uma visita. Não se entra em casa de um moço sem annunciar-se. A mulher, que penetra a sós, em uma Republica de estudantes expõe-se á martyrio bem triste... corre os riscos de um... etc., etc., etc.

Um sorriso de odio contrahio-lhe as feições; seus dentinhos rangeram, e com a voz guttural, ella atirou-me

ás faces, uma carga de chumbo: miseravel, disse ella acenando-me, miseravel!...

Ergui-me de chofre. Estendi a mão; já desembainhava meu punhal... era, no entanto, simples voz do instincto, um arrojo espontaneo: movimento animal, que a razão não pudera domar. Ri me e sentei-me. Estava certo que a tempestade não podia durar muito; e uma vez que não fôra assassinado por ella, dispuz-me a assistir á representação de uma tragedia á Shakspeare. Ella arquejou:

— Candido, Candido, disse suspirando.

— O que é? Respondi-lhe accendendo meu charuto. Um diluvio de lagrimas banhou-lhe o rosto alaranjado. Era a tormenta que fugia, e se quebrava em chuva. Ella sentou-se no sophá, e começou uma lenda amorosa, que, nascida de su'alma, me enlevaria, talvez.

— Não posso viver sem ti. Só penso que sou tua. Nos meus trabalhos do dia, minha canção te procura; e á noute só tenho um sonho, é tua presença. Meu coração está em teu peito, minh'alma captiva; e minha oração é teu nome. Candido, Candido, piedade, compaixão...

Os suspiros prorompiam: as lagrimas saltavam de improviso; e suas mãos se estendiam, para mim. Pobre criança! Tive pena della.

Não era facil a minha posição. Uma voz interna, por ventura, o meu bom anjo, dizia-me que aquella mulher mentia, e que sua paixão era phantastica. Tão criança, e já tão falsa, não era logico.

O *cognac* persuadia-me que ella me amava. Uma nuvem passou-me pelos olhos, um calafrio fez jogar-me os membros, e, entre uma baforada e um sorriso apertei-lhe a cintura.

Não sem examinar-lhe as ligas e o cinto a ver se, como á hespanhola, não havia por ahi um punhal de Toledo ou frasco de veneno.

— Oh, oh, oh, oh...

— Não te espantes, a Paulista não é tão aparvalhada, como suppões. A Brasileira, que sente ás veras, tem na occasião o sombrio da Ingleza, o obstinado da Allemã, o veneno da Italiana e o estylete da Hespanhola.

Por Deos! fui um animal prudente.

Face contra face, meus labios nos labios della, eu ouvia os queixumes daquella alma de fogo. Os suspiros tão ternos, o ambiente de volúpia, o escaldar dos beijos, tantos protestos de amor, tantos threnos de saudade, a chronica ardente de um passado de soffreres... pelo inferno, der-

reteram a neve de meu peito, e uma lagrima, não sei se de amor ou compaixão, saltou-me das palpebras. Eu chorei. Candido engulio em um copo de cognac, uma lagrima, que lhe viera. Já estava ébrio, e dava murros á ingleza em cada tópico da narração. Eu o contemplava. Elle continuou. Inda me lembro dessa noite, *cognac* e charutos, volúpia e lagrimas, tenho saudades!

— Inda bem que tu cres-te, lhe tornei.

— Engano. Quem, meu amigo Gennesco, póde dizer: —eu creio—, sim o amigo Werther nô-lo disse—tudo rola com a rapidez do relampago.—O que eu tinha era sede, os sentidos queimavam e meu organismo gritava. A sombra de Degenais me appareceu pela noite clara dos cabellos della e rio-se, dizendo: « Que importa que a mulher ame? Ha uma cousa que ella não perdôa: « é não ser acceita, quando se entrega. Se te ella amar uma hora, uma noute, um minuto, aproveita, nem sempre somos amados.

Passei uma noute deliciosa. Acordei-me aos primeiros raios do dia, que me espiavam pelos vidros da janella.

Georgina partio, risonha e alegre, despedindo-se muitas vezes, chorando sempre e cheia de felicidade, promettendo voltar.

Não pude evitar as gargalhadas, lembrando da opera buffa, que eu e ella representamos: em noute de tormenta, ao frouxo estalar de uma vela, que queimava o *cognac*. Este episodio passára bem pelo nome de *cognac* e charutos. Eu serei baptizado pelos bas-bleus da época, que, *ex-cathedra* dogmatizando, n'um fôfo paradoxo, chamar-me-hão caricatura byronica. Dê-me Satan o inferno, que o céo pertence *ex-jure* aos galhoupitos *litterateurs*.

CAPITULO V.

A TUNICA DE NESSUS.

— D'ahi em diante, notei eu, amaste Georgina?

— Pelo inferno que sim. Escuta: eu não podia acreditar n'aquella mulher, tão voluvel e ardente, passando com a rapidez do capricho, do riso ás lagrimas, da tristeza ao goso, e do odio ao amor. Era capaz de tudo, e uma só noute me déra conhecimento do genio feroz e tigrino, que animava suas acções. A scena do socco m'o provava.

No entanto, em mim havia dous homens bem distinctos; dous elementos em luta, meu anjo bom debatendo-se em duello de morte, com o máo principio. Eu não desconhecia o amor de Georgina; não a amava, é verdade, mas qual era sua culpa, se su'alma não se alteava até á minha? Não se curvava seu corpo aos meus desejos? Que me importava um amor exclusivo!?..

Até então, ninguem fallára ainda de sua vida, e o mundo não tomára tambem, a liberdade, de escrever o nome della no codigo das prostitutas. Demais, eu ria-me dos amores do mundo, para que tivesse direito á exigir a exclusão no amor. Meu mestre Byron ensinara-me que os juramentos da mulher eram escriptos sobre a arèa; e máo grado o apothegma, a Guiccioli o amava com delirio.

No emtanto, minh'alma de poeta, meu coração de moço, accessivel á todo o bom sentimento, inspiravam-me compaixão para com ella. Embora um presentimento me dissesse que cêdo me arrependêra, recebia-a muitas noutes em meu quarto. Pouco á pouco me afiz á aquelle viver agitado, ardente e sensual; longas noutes eu passava ao lado d'ella, ébrio de crápula, respirando seu hálito de philtro. Eu que começára por odial-a, que tão duramente a repellira, não podia, agora, dormir sem ella.

Dava ponto nas aulas; indispunha os companheiros e me ria do mundo. Meus poetas resomnavam sobre a meza, meus exercicios litterarios haviam cessado; e poetizando eu passava os dias em santo ocio, encarando as nuvens e pensando em Georgina.

— Fére com o ferro e morrerás pelo ferro, disse o filho de Deos.

— Sim, Gennesco, eu estava punido; os adeoses d'aquella mulher fôra como a tunica de Nessus, deixaram em meu corpo um veneno: o amor pagão, o instincto do gozo, o spasmo da luxuria. Meu genio altivo, minhas inspirações varias, tantos planos de vida, jaziam-lhe aos pés como flôres murchas. A's vezes eu me arrancava áquelle delirio, sentia em mim forças novas, e tentava fugir.... louco intento, baldado esforço.... um impulso tal só servia para mais fundo escavar o meu carcere. Ella mostrava amar-me sempre; erão sorrisos, beijos e cantos que a embalavam em meus braços. Com a fronte nos seios della, namorando a lua, nascendo risonha, em frente á meu quarto, seguindo-a no ondular de languidez, em sonhos magos em scisma perdida, eu esquecia meus deveres. Meus amigos não comprehendiam meu gesto sombrio, minha attitude reservada, e o ar de libertinagem que eu affectava então. Por evitar interrogações, commentarios e pilherias, eu os acompanhava ainda nas prosas, nos passeios e ceias de orgia. Mas meus labios eram mudos, meu cerebro esteril, e meu canto unico:— « Georgina. » Em meio das luzes, que tremiam, das flôres que perfumavam, dos risos que brotavam; entre os moços que se embriagavam, discursavam ou poetisavam; no estourar das garrafas, vozear de loucos, pilheriar frequente, e folgares tantos, eu só via uma imagem, uma sombra de donzella, uma visão de mulher que me passava em risos. No fundo dos cópos, no angulo das salas apenas me surgia uma lembrança: era Georgina; outras vezes, quando o cora-

ção batia, doce melancolia me corria n'alma; com o cerebro em fogo, labios palpitantes, eu afinava a lyra, sorria e cantava; nem riso, nem canto, meu suspiro era inda Georgina; só ella, espirito de minhas noutes, pensamento de meu dia, élo talvez unico, que me prendesse á terra.

Que delirio, meu Deos, que viver phantastico e infeliz! Disse Candido, suspirando e correndo a mão pelos cabellos.

Quando á noute eu deixava meus amigos; no bilhar, em casa, ou no theatro; volvendo só e tristonho uma força irresistivel me levava á casa della; e, nas estrellas do céo, nos ventos da terra, ou nos sons perdidos de alguma serenata longinqua, só ella eu via; o fogo que me queimava, a febre que me consumia, meu sangue envenenado só tinham um allivio: era quando eu descançava meus labios ardentes nos labios della.

Candido rio-se, e seu riso era medonho. Elle proseguio:

Dormi longas noutes, mezes muitos sob a impressão daquella mulher; longo fôra meu pezadelo, a fascinação de meu espirito. Um dia acordei, esfreguei os olhos, e senti-me outro homem. Em meu coração, os sentimentos haviam fugido de meu cerebro toda memoria de amor: laivos de nauseas me salpicavam os labios e relendo o livro, do meu passado, achei todas as paginas brancas e escripta em longos caracteres, uma palavra só: — o tédio!...

O tédio, o tédio, eis a nota horrivel que vinha, partida do céo, arrancar-me á aquelle horrivel pezadelo. Dôres e risos, esperança e pranto!...

Meu corpo não queria mais seu corpo, meus labios fugiam dos labios della, o meu coração esfriava ao contacto de seu coração. Estava quebrado o encanto: eu conseguira escapar ao canto da serêa Saudei a nova luz que me guiava, meu dia de libertação em estridentes gargalhadas. Veio a reacção. Um incommodo inexplicavel, um máo-estar indizivel, me atacava o ser á vista daquella mulher. Eu a achava feia, pallida e fria. Lembrando-me de seu genio audaz e seus instinctos de hyena, minha imaginação a pintava como horrenda furia. Uma noute eu tomei-lhe o pé, á vêr se era de cabra ou de bóde. Tive medo de Satan.

Era muito, ergui-me um dia e mostrei-lhe a porta. Que lagrimas, que suspiros, que ameaças... tudo isto me enfastiava; puz-la no andar da rua. O corvo se saciára de cadaver.

Aquelles amores occultos, aventuras da noute, e beijos ardentes tinham sido encantadores, para que ella em breve, os esquecesse. Seus labios queimados pelo fogo dos meus; e mais ainda o ardor dos sentidos della; lembravam-lhe notas perdidas em um passado de delicias. Ella não pôde esquecel-as e vinha pela noute bater á porta de meu quarto.

Fiz-me duro como o penedo, e deixei a onda de seus suspiros quebrar-se-me aos pés, sem um só ai sequer, um voto de consolação.

Quantas vezes não vinha, ella, bater á porta, chorar e chamar-me pelo nome:.... Candido, Candido.... depois tudo tornava-se quêdo. Ella dormia. Um pesadêlo constante era seu somno de toda a noute. Eu sorprehendia meu nome, sempre suspirado por ella, no debater da insomnia.

Uma noute, a derradeira, o pranto foi mais frequente, o debater mais lugubre; ella sahio eu ouvi seus passos, como os de uma sombra; tocaram de leve pelo chão e desappareceram. Pela manhã, ao abrir a porta, deparei com um pequeno embrulho, tomei-o e achei.... Candido parou, procurou no fundo da carteira e sacou d'entre os charutos, essa trança de cabellos, que ahi vês naquella caixinha.

— Vê, Gennesco, disse-me elle, foi o seu ultimo adeos a offerenda profanada, deixada no altar do infortunio; pobre Georgina. Candido não quiz continuar. Bebeu ainda; e calou-se por algum tempo.

Estava ébrio, ou succumbia á lembrança della?

CAPITULO VII.

A TASCA DO LOBISHOMEM.

Candido continuou, após algum tempo de scisma. Seu olhar éra vivissimo e as palavras tinham fogo.

— Livre da prisão, fiz como os passaros, cantei. Enamorei-me de uma linda Paulista, que com seu olhar de hespanhola e ademan de princeza fez-me esquecer Georgina.

Acordei a lyra ao vento de outra inspiração e sonhei muito amor. Quanto a Georgina não sei que destino a levara.

Voltei-me de novo aos prazeres, frequentei meus amigos e beijei a face de muitas mulheres. Nos bilhares, nos hoteis, nos theatros, nas orgias, meu lugar era infallivel.... podia ser recambiado.

Chegando a este ponto da narração, Candido parou: eu vejo-o ainda com seu rosto pállido, seu cabellos annelados e seu olhar ardente, parece-me que foi hontem, elle levantou-se bebeu com ardor fébril dous cópos mais, já cambaleava; e após ter apertado o coração, como se ahi comprimisse uma tormenta, proseguio:

— Eu destinguia, entre meus companheiros de casa, um mancebo altivo, fronte alta, faces coradas, como uma loura allemã. Alma ardente sonhava a gloria, promettendo pouco

e comprindo muito, tinha hombros largos, caracter sério e pouco attractivo, mas olhar vivo e braço seguro. Em breves palavras, era uma intelligencia e um caracter á Romana. Chamava-se Carlos. Uma noute, era ao cahir da tarde, eu voltava de S. Gonçalo, alegre e expansivo, vinha de estar com os meus amigos em uma discussão animada, em que, collocados em torno de uma mezinha, haviamos enxugado algumas garrafas de boa cerveja.

Ao entrar em casa Carlos chamou-me e batendo em meu hombro me disse: Candido, Georgina deu á luz uma criança e corre por ahi que é tua.

— Georgina ? disse eu, procurando lembrar-me a data da nossa separação. Impossivel. Essa mulher morreu para mim ha mais tempo do que o necessario para a concepção.

Tornou-se por certo, uma mulher perdida, embuçou-se na capa e estacou-se pelas esquinas. O féto pertence talvez, a algum estudante gondoleiro ou empregado publico.

— Candido, tornou Carlos em tom sério, antes de marear a fronte dessa mulher, necessario é vêr, se te não é seu corpo sagrado, como deve ser o da mãe de teu filho.

— Bem. Disse eu erguendo as espaduas. Entrei no quarto de Carlos. Vasei em dous copos algumas gottas de um licôr dôce e apresentando um a Carlos, levantei um brinde: á — solução do mysterio; se eu fôr pai, serás padrinho e verei se a exemplo teu posso tornar-me sério. Tocamos os cópos. Bebemos. A's 11 horas sahimos de casa em busca de Georgina. Carlos, por indagações sabia que ella morava na ladeira do C... em uma baiúca miseravel.

Era uma noute triste e eu della conservo uma recordação mais triste. A lua amarellada escondia-se entre nuvens pardacentas; as ruas eram desertas e uma bruma esbranquiçada turbava-nos a vista. Meu coração batia forte e uma sensação desconhecida agitava-me o ser. Eu me envolvia no capote, esfregava as mãos e tentava rir-me. Debalde; meus dentes estalavam e um calafrio corria-me pelo corpo. Eu andava ao geito do somnambulo, parecia ébrio e não bebera muito, cansado e não trabalhara no dia.

Descemos um becco escuro, subimos uma ingreme ladeira e Carlos tomando-me pelo braço bateu em uma

portinha que nos ficou fronteira. A rua era deserta e o céo surdo. Após longo esperar e muito bater uma luz fraca escapou-se pela fresta de uma janella que se abrio n'um ranger sinistro.

— Quem bate? disse uma voz antipatica, e vimos ao clarão pallido de uma lua de inverno, surdir da sombra um rosto de velha com os olhos cavos e dentes apodrecidos. Embuçei-me ainda mais e pude contemplal-a de perto.

Era seu rosto magro e ossudo, de uma côr de terra; seus labios grossos e compridas as orelhas; sua voz tinha um metal agudo que incommodava. Suas mãos grossas e esticadas tinham as unhas mui crescidas. Era um todo miseravel. A'quella evocação do inferno, apostarias que aquelle monte de materia sopitava os mais dôces sentimentos, as affeições mais caras n'um oceano de lodo. Era coruja, morcego e sapo. Era mais terrivel que o tigre, mais furiosa que um cão damnado.

Pertencia a essa classe de mães desalmadas, que embalam suas filhas educando-as como genero de mercado e n'um dia de maldição vendem-n'as ao ouro do devasso, exultando-se no cynismo da barregã. S. Paulo abunda em tal genero.

Ella mirou-nos rosnando; não sei porque meus olhos faiscaram e eu apalpei meu punhal.

— Georgina? Queremos vê-la. Abre a porta. A velha zombeteava e nos ria nas faces. Promessas, rogos, ameaças, tudo esgotamos. O Cérbero guardava bem o seu inferno.

Algumas moedas de prata franquearam-nos a porta. Entramos. Candido estremeceu, sua voz tremia.

— Já leste os mysterios de Paris. Lembras-te bem da tasca do Lobishomem; pois sobrepõe paredes mais amarellas, um fogo espesso saltando de um fogão visinho; uma esteira ennegrecida pela fumaça separando uma sala humida em duas saletas sujas, immundas e detestaveis. Idêa um chão frio como o gêlo, lodoso como um lameiro, e terás favorecido, aristocratisado e tornado—poesia—o lugar em que penetramos.

N'um duro grabato ao lado do quarto, dormia uma mulher pallida, livida como a fronte do *Giaour* emmagrecida qual a mulher vampiro de Hoffman.

N'um salto estive ao pé do leito, examinando as feições da dormida.

N'aquella mulher quebrada, pallida e abatida, victima de seu primeiro erro, eu reconheci, secca e eivada a taça de meus passados gosos; a visão que fôra de meus sonhos; demonio, que se puzera talvez em meu caminho fatal. Era ella, Georgina.

Ao crepitar do fogo amarellado, na escuridão semi-clara, que circundava o quarto; á lividez d'aquelle rosto de mulher, ao espectro zombeteiro da velha que nos fitava, sem dizer palavra; em cada parede humedecida pela esteira carcomida e rôta, eu soletrava a distribuição de meus affectos, os estragos de tantos encantos de meu amor d'outr'ora.

Era horrivel, alguma cousa semelhante á visão mortuaria de D. Juan de Marana, na igreja, onde da terra levantaram seus corpos de finados as almas que sua loucura de libertino prendêra em um carcere prematuro.

Era horrivel, horrivel, exclamou Candido, esmurrando a fronte n'um espasmo nervoso.

— Carlos gyrava pelo quarto, esquadrinhando, em busca da creança.

A velha era muda e feia, como a touca de seus ensebados cabellos.

Cercamos a Megera e interrogamol-a: — muda. Apenas um grunhir surdo offegou-lhe da garganta. A moça do leito despertou-se. Abrio largamente os olhos e sentou-se espantada no leito. Ella separou os cabellos louros com as mãos de espectro e fitou-nos curiosa. Seria impossivel pintar-te a raiva, o desdem e a senha do olhar d'ella... ferio-me como se fosse uma punhalada. Era a visão secca e desvairada do pobre irmão Medard.

Quiz fallar, um som enrouquecido semilhante ao ribombo de um trovão passou-lhe pelos labios lividos; seu rosto contrahio-se e ella cahio sobre a cama como um peso bruto.

Eu estava pasmo, febricitante e louco, era-nos força quebrar a concha e extrahir a perola: desejavamos saber o destino da creança. Não gosto de hesitações, esgotados os meios de brandura, vou ao fim saltando pelos obstaculos.

Desembanhei o punhal, tomei-a pelo braço e apontando-lhe o ferro ao peito, bradei em delirio:

— Ou falla ou morre!. ..

Carlos suspendeu-me, e por meio de juras, ameaças e promessas conseguio saber que era minha a creança; que

o odio que meu desprezo lhe attrahira, a conservava muda. Durante o somno, a velha, sua mãe que guardava a porta, allegando miseria a lançára na roda. Outro no entanto, era seu designio: — a mãe sem o filho valeria mais dinheiro.... já lhe rondava pela porta um velho sensual, em busca da carne humana. Georgina já se tinha vendido ao gozo brutal de um devasso de cãns.

A' fé, que tive ancias de matal-a; afinal sorri-me, atirei-lhe algum dinheiro e sahi em companhia de Carlos.

No outro dia paguei uma ama, alma de mãe, devotada e terna, n'um corpo de caipira; entreguei-lhe a creança e fil-a crear fóra da cidade.

— E essa moça, Candido, que destino teve Georgina?

Cándido levantou-se; queimou-se com o ultimo copo de *cognac*; espreguiçou, cambaleando como Cesar de Bazan e respondeu-me entre um bocejo e uma bafarada de charuto.

— Nem eu mesmo sei: renegou seu filho, odeou-me de morte e entregou-se á um velho comprador. Ai, ai, creio que morreu!...

Candido chegou á porta, despedio-se e partio, convidando-me para uma orgía. Estava ébrio.

CAPITULO ULTIMO.

METEMPSYCOSE.

Gennesco terminou. Carlos contou-me depois, que a creança era de Candido; e eu o affirmo, como se elle fôra; e que a mãe, natureza feroz e vingativa, a renegára em odio ao pae que a desprezára; e com a ponta do pé a atirára de casa, como a cadella que damnou. Georgina não lhe fôra fiel. No tempo em que suas noutes iam mais fervidas e repassadas de beijos, e quando Candido envenenado em seus labios só n'ella pensava; muitos momentos eram-lhe insidiosamente roubados, e a filha do prazer se abandonava a outros.

— Mathus, que tudo ouvira na embriaguez do somno, levantou-se, commentando o que ouvira.

— Pobre creança, trás gravada na fronte um stigma fatal. Nem o que se dá a todo vivente, uma terna mãe, ella pôde gozar no primeiro passo do mundo. E' uma lenda triste e parecêra phantastica, á não me affirmares a verdade do facto. O drama não teve ainda seu desfecho, qual será o resultado final?

Não sei, Candido não voltou mais á ver-me; sem duvida realisou o maior sonho de sua vida: partio para a Italia e corre novas aventuras, beijando o seio moreno das Italianas. Talvez tenha ido para a Turquia, fumar no

narghilé, respirando aquella athmosphéra polygamica. Quem sabe se não se metteu frade ou está morto? Creio mesmo que se não morreu de bebedeira, medita neste momento as festas do deos Conso e sonha um novo rapto de Sabinas. Ninguem me fallou mais n'elle.

— Bôa noute; disse Mathus. Levantou-se porém, ao chegar a porta do quarto de Gennesco, voltou-se e estacando em frente d'elle, disse:

— Gennesco, admitto até certo ponto a doutrina da metempsycose; de dous modos: creio que certas almas encarnam-se e vem peregrinar pela terra representando a belleza, as graças, e a ventura. E creio ainda mais, que certos espiritos culpados que já viveram na terra, vem expiar suas faltas em vida, sob o involucro do poeta, do genio, ou do talento. Quem sabe se por uma metempsycose possivel a alma do Candido não vive em ti? Pierre La Rameè e Pythagoras crêram neste genero de metempsycose. Talvez que a historia de Candido seja bem a tua.

Gennesco surrio-se com tristeza. Bebeu seu copo de cognac e dando uma gargalhada secca e sombria, disfarçou-se com o charuto e despedio Mathus; dizendo:

— Quem sabe? E' possivel.

Agora tambem diremos ao leitor:

— E' bem provavel.

UM BAILE ALLEMÃO

I.

Pedimos ao leitor o favor de uma pequena imagem:— e é, que consinta em subir nas costas do cavallo de Mazeppa, para dar-nos uma corrida á galope. E' dansa de baile.

Sabe o leitor, que entre as cousas difficeis da vida, ha uma que quasi attinge a impossibilidade. Assim é difficil encontrar um padre espiritualista, um estudante sem ponto, ou uma mulher sem vaidade; porém é mais difficil ainda chamar á contas um romancista.

Byron, escrevendo o seu immortal D. Juan, pauta o papel, risca-o e se propõe á um fim; uma vez em trabalho, o assumpto cresce, avulta, e quebra os limites sonhados. Byron escreve um poema tendo sonhado um conto.

A imaginação quebra o molde, d'ahi—a difficuldade de uma narração exacta.

Rousseau em suas *Confissões* renega toda a modestia, e sem mascara, sem vestes, apresenta-se nú, em despeito aos olhos pudicos das sentimentaes leitoras, que espiam por entre os dedos, um homem *in totum*.

Nú e franco, o impagavel autobiographo, vai iniciando-as em seu viver mais intimo. E' assim, que elle conta as

phases pueris, sérias, e pungentes, que o tomaram no berço, seguiram-n'o á virilidade, dizendo o ultimo adeos no gelado e triste leito de velho.

Horacio, o libertino, o condescendente amigo do Mecenas primitivo, recommenda ao narrador que não conte a historia de Troia AB ovo; partindo do momento em que Léda quebrou a casca dos ovos e mostrou ao mundo por um progresso extranho, o rosto encantador de Helena, a bella.

Posto que não seja Byron, Rousseau, ou o Epicuro romano, encontro-os n'um ponto: é a difficuldade em contar ao leitor sério, casuistico e moral, a historia do baile. Mas pedimos ainda ao leitor para desculpar-nos, se a musa das danças arregaçar muito as vestes curtas.

Fallar sobre os mysterios do coração, notar as diversas cambiantes das commoções de noss'alma, seguir o vôo phantastico, desabrido e vário da imaginação enfebrecida, não é por certo fazer um discurso bestialogico, tomar planos sobre creação de freguezias, pedir sinecura para afilhado; comer um cacho de uvas, tomar limonada, ou fumar um charuto. Tudo isto quer dizer, somma total que vamos fallar-vos de um baile.

Um baile!!!... gritaria matreira jesuita, passando a mão pelo rosario e persignando-se em costumada hypocrisia. Um baile!... flautaria curiosa donzellinha, abrindo largamente todos os olhos e atirando a flôr do cabello, como se esquece do namorado de hontem, e vê por entre as sombras da possibilidade um outro em perspectiva!...

Engano. Inuteis são agora, os esconjuros do padre, os desejos da pequena e a fome de comer e furtar dôces, que accommette as velhas. Não é de um baile frio, calculado e hypocrita, que vamos fallar-vos. Não são os heróes, rapazitos de casaca estirada, tresandando á almiscar, deixem em santa paz os frizados cabellos, os botins altos e as luvas de pellica. Não se trata de enganar, pirotear e fazer cortezias, *macaqueando* em litteratura.

Um baile dos nossos altos salões vale no entanto as honras de um olhar. Flôres, luzes, perfumes, namoradeiras, papalvos, marquezes velhos, barões desfructaveis, de luzida companhia; déra panno para mangas, succulento exercicio burlesco a quem tivera no craneo a alma de Cervantes, Larra, Rabelais, ou o genio humoristico de Henri Heine.

A' fé, que fôra de bom comico, o riso alvar das moças, o tiroteio estudado dos parvos, o conselho aparvalhado dos velhos e esses pequeninos nadas que fazem entontecer tanta cabeça de sandeu. O ouro que se vai em uma cartada, a má fé que preside ás apostas, tanto lôdo, tanta miseria que ahi se mostra, fôra comico, bem comico. Não é pois de um baile tal que vamos tratar.

Não fallaremos do culto exclusivo do estomago, da sede de riquezas, molestar de sedas, ou brilhar de diamantes. Mas de um divertimento modesto, pobre, operario; porém ideal, vaporoso, febricitante, louco, vertiginoso... allemão emfim.

O leitor consentirá pois, que acompanhemos Gennesco, a uma dessas noutes. Quando o nosso heróe sentia a fronte queimada pelo fogo do pensamento e o coração se lhe desfazia em melancolia, elle tomava o manto, accendia o charuto e ia esquecer o tempo em meio dos uivos guttares dos compatriotas de Gœthe. Entremos. E' uma sala estreita. Ha cadeiras, ha luzes e flôres. Dansa-se ao som de piano. O baile está em começo. Sentemo-nos.

II.

WALKIRIAS.

Era bello de vê-las! Ao saltar da walsa, cahir onduloso da quadrilha, ou meneio languido do balancear allemão. Ao som do piano que enthusiasma os animos nas notas apaixonadas, ternas, mil bellezas se ostentam, rodam e embalam a mente em um imaginar férvido.

A fronte liza e limpida dessas pobres donzellas, em quem a maciez da cutis, a delicadeza da epiderme, a terneza dos olhos azues, contrastam com a aspereza das mãos calosas pelo trabalho, retratam toda sua alma. E' um céo azulado, por uma bella tarde de verão, correm brancas nuvens, que levam o poeta á scisma, o pintor ao enlevo, e fazem desenrugar a fronte ao pensador severo.

Felizes ellas! Não conhecem ainda na candidez de seus costumes, o plano impuro, que faz o pensar constante do filho da crápula. Errantes no doudejar da walsa, com seus vestidos brancos mas singelos, louros cabellos e olhos de céo, simelham sombras vaporosas, passando com seu diadema de nimbo, pela imaginação melancolica do bardo scandinavo.

Singelas grinaldas de flôres prendem-se ás tranças aureas, brancas como seus costumes, pallidas como o luar do inverno. Entretanto nota-se uma cousa que não deixa

de ser singular: aquellas mulheres cahem febricitantes em vossos braços, sem pensamento de malicia; correm comvosco no vórtice rapido de uma walsa... polkam... passeiam seu um gesto... uma palavra. Se interrogaes, respondem; se vos calais, calam-se tambem.

Se lhes offereceis um copo de champagne, cerveja ou licor, acceitam e enxugam... mas mudas e serias, cuidarieis talvez serem ellas, divinos anjos, que ao cahir na terra perderam o dom de fallar.

Loucas pela dansa passariam no entanto, toda a vida, polkando e walsando. Eu vi-as dansar tres noites consecutivas, até os primeiros clarões do dia e ledas e frescas continuar após seus trabalhos diarios.

Uma noute o baile ia mais folgado, a sala superabundava de lindas allemães; e os cavalleiros, pela mór parte allemãs, tinham o cerebro esquentado pelos licores e pelos fumos da cerveja. As luzes pallidas e fracas mal aclaravam a sala do baile. Gennesco, que amava as impressões fortes e odiava a athmosphera gelada dos salões, onde os rostos tem mascara, os craneos chumbo; e os corações metal; onde se gyra como o boneco, falla-se officialmente serio na face, sarcastico na alma; e vossa fronte pallida é thema para os *espirituosos*; e vossa patriarchal casaca, alvo aos motetes dos aparvalhados; ali, naquelle circulo de salteadores de balão, onde tudo é mentido e infame; esquecendo-se licor para espesinhar o vaso; onde emfim, a dignidade de um homem vale menos que o relogio, e o pensador é animal curioso... Gennesco, que não pactuava com essas reuniões, vinha procurar um momento de prazer, trégoa a seus estudos, na contemplação das louras allemãs.

Elle, não pensava como Alfredo de Musset, que taes mulheres sejam insipidas e monotonas; natureza ardente e poetica elle amava com delirio todas as mulheres, ou desprezava-as todas. Momentos havia, em que vê-lo-hieis em seu quarto na maré das opposições. Imaginação férvida e enferma, pelo muito alimento que atirava a essa —*folle du logis*— como a appellidou um barbudo philosopho, era de ver-lhe então a fleugma com que reduzia á suas justas proporções.

Ria-se piamente dos *Ciumes do Bardo* pelo affectado, guindado, e abemolado da phrase, que mostrava o cuidado, a reflexão e o labor que empregara o poeta — no exprimir seu despeito ao bello sexo.

A paixão eleva-se, perde-se nas nuvens, envenena-se, como Julietta, ruge como Othello, ou uiva ao modo do rei Lear, mas não calcula, não medita e nem metrifica seu fogoso phraseado.

Gennesco, amava sobretudo, a explosão franca e sincera dos sentimentos Bebera surrindo uma copada de máo vinho, com o avarento, devoto sublime do deos, dinheiro, e apaixonado excentrico de uma *burra*; mas desdenharia olhar Jago, ou trocar uma palavra com um politico, vermelho hontem, e já negro hoje. Tambem ouvi-lhe por vezes dizer, que não sympathisava com o Gœthe; porque dominava impressões e excitava paixões que não sentia. Gœthe, dizia elle, é sympathico no Werther, espantoso no Faust, mas egoista e secco nas demais composições. Margarita e Carlota não são irmãs de Dorothéa. Gœthe cantara ardente na juventude, porque era poeta novel, e o espumante champagne estala o vaso que o contém. A Pythia o fizera curvar-se á força da inspiração.

Depois veio a sede de gloria, a ambição de dictador, e sua natureza de Jupiter desvairou-o, prendendo-o em um Olympo especial, inaccessivel aos loucos vôos das paixões mundanas.

Amava até o delirio Jorge-Sand, a viajante, com seu genio encyclopedico, seu coração de mulher, sua alma de artista e os seios núa, saias curtas e pernas descobertas. Mulher, não hypocrisara como as outras, não cedera aos prejuizos do mundo, nem cortara as azas á sua phantasia delirosa. Elle tinha-a á cabeceira, como o Christovão o seu Christo.

Stael era fria, em sua opinião, seus sonhos de moça, su'alma de artista, crearam um dia Corinna. Mas depois, a romancista mudou de vestes, renovando as flôres do vaso, quiz ser homem e entregou-se ao sorvete, para ir gelada e friorenta, admirar sensibilidade de Schiller, a illustração dos Schlegells, á publicar um juizo sobre a litteratura allemã. Era fria, insipida e desfructavel, dizia ella, e lembrava o dito do primeiro consul.

Era um original, aquelle brejeiro de Gennesco; amava como um doudo as filhas das neves, brotadas do solo á um beijo do nosso sol, e vestindo a duplice natureza do sylpho, ou da walkirie, e da Americana ardente. No meio daquelle turbilhão, naquelle mar de vozes roucas, sonoras, de baixo, de falsete, de toda a escala musical em fim, elle sorria, e fumava; ora observando os en-

contrões que se davam os allemães, ou admirando a perna gorducha e divinamente modelada, de uma volumosa allemã. Tambem ellas, na simplicidade germanica, levantavam o balão, e poisando o desembaraçado pé n'uma cadeira, ou tamborete, concertavam mui fleugmaticamente seu sapato, pouco se importando com os olhares, que devoraram com avidez as lizas columnas de alabastro. O toucador da allemã segue-a por toda a parte. Se uma perfumosa trança dos louros cabellos esmorece e róla pelo collo de neve, ella pára e pede ao cavalleiro que a concerte; se copioso suor banha-vos as faces no correr de uma walsa, vê-la-heis chegar junto á vós, e enxugar-vos o suor, como a santa da Biblia o enxugou á Jesus. Gennesco era quasi sempre—o *cavalier servente* de todas ellas.

Com que prazer n o prendia elle uma fita nos cabellos de uma linda allemã! E o leque, o mantelete, o ramalhete e o lencinho.... delicias do céo, se na terra viveis é por certo, no ruidoso folgar de um baile allemão!!...

D'entorno ás mezas, que cambalêam sobre quatro pés espiritualistas, caretêam quatro bojudas garrafas de má cerveja hollandeza, e quatro rubicundos, e sérios Tudescos bebem, tornam á beber, e vão e vêm na bebedeira, sem um riso, um gesto, uma oração; nada de palavras. Subito, um formidavel murro, seguido de uma jura guttural; quebra o silencio.... e faz tremer os copos e allemães.... isto é, as garrafas e os garrafões.

— O que é?—Acode na linguagem da garganta, o dono do hotel.

— Cerveja, cerveja! Bradam elles, com os olhos em fogo e voz de furacão do norte.

E novas garrafas chegam, esgotam-se e renovam-se, e o silencio continúa. Ao ver aquella meditação, ou apparencias, pelo menos, Gennesco lembrava-se de Hoffman, a quem um critico chamou pilar de taverna, e que encostado á uma cadeira, rodeado de garrafas, e namorando espumas, delirava seus sonhos extravagantes na excentricidade borbulhante de uma onda de cerveja. Foi sem duvida, em um destes momentos, que elle desenhou as fórmas ridiculas do famoso *trio*: Pyramides Splendiano Acoramboni, anão—Pitichimaccio, e *il* signor Pasqual Cappuzi de Sinigaglia.

Gennesco sentava-se ao pé das mezas, e ria-se feliz, contemplando o homem entregue á liberdade selvagem. Nos bailes allemães, só ha uma lei que tudo contém, e

milagrosamente salva tudo do naufragio da dissolução, é, o pudor. Insultai uma allemã e logo um sôcco valente ensinar-vos-ha o andar da rua.

E as mulheres eram bellas e o champagne estourava, os risos retumbavam, a poeira se enrolava, e a noute corria....

Gennesco perdia-se, louco e fascinado, em meio dos balões, e sonhava e scismava.... e as luzes eram pállidas os cavalheiros ébrios e as donzellas febris e arrebatadoras....

Gennesco levantou-se. Passára-lhe uma visão.

III.

ONDINA.

Sabeis a historia da Ondina? Como bellamente a traduz a cabeça poetica de Lamott Fouqué?

Viste-la passar á noute em uma nuvem de mysterio, nas melodias de Ariel, lembrando as notas ternas e apaixonadas de Beppa, por esse luar da Italia, na gondola phantastica da voluptuosa Veneza?

E suspirastes e crêstes, e bemdissestes e amastes?

E a onda que murmura, a espuma que se pratêa, as aguas que choram, os remos, que gottejam, e as gottas que scintillam, e além..... na sombra azulada do horisonte que foge, o écho perdido que vai, que vem, que chora, e canta e diz e cala-se?!...

Pois tudo isto é terno como a canção do Adriatico.

E a que pensava allor
Era um morrente palpito
Era um nascente amor?

Imaginai o que ha ahi de mais vaporoso terno, apaixonado e languido e tereis a idéa da encantadora Ondina. Nascida como a Venus da espuma do mar, e fadada á morrer na ebriez do primeiro beijo de amor. Era ella, assim. Gennesco vio-a, e amou-a e chorou.

Trajava um vestido azul e trazia vidrilhos na cabeça. Tinha um rosto claro e redondo destacavam-se daquelle véo de neve os dous olhos mais bellos que vi na minha vida; eram desse azul setinoso que faz lembrar o céo; humidos e voluptuosos como as bellezas meridionaes. Não caminhava, tão subtil aéreo era seu andar. Sua fronte cahia n'um collo púrissimo que fôra um travesseiro digno de descançar a cabeça de um anjo de Deos. Era bella, muito bella, mas dessa belleza divina sagrada e celeste, que inspira religião, respeito e adoração. Pouco fallava, e curvava-se como um véo de gaza beijado pela brisa fresca; parecia não ser filha da terra, tão indifferente se mostrava á bachanal que lhe ia ao pe.

Com seu ramalhete de flôres, vestes do céo, dentes tão alvos, e aquelle collo, deslumbrante de alvura dissereis, é uma creação religiosa, um dos anjos poeticos da epopéa de Klopstock.

Apoiado á uma columna aproveitando a confusão dos convivas. Gennesco admirava-a e reconhecia que o scepticismo cahe impotente á um acêno de mulher bella. Elle sentia uma attracção para aquelle anjo... sorria... e scismava... em quanto todos se perdiam na Babel das linguas.

Aquelle ramalhete, o perfume de tantas flores, essa musica, que nasce da harmonia da belleza; o pé tão leve a bater impaciente pelo chão... prendiam-n'o nas malhas de uma rede. Gennesco, já perguntara á si, se era amor o que elle sentia, ou essa commoção puramente physica, esse enthusiasmo dos sentidos, que participa do corpo e não de nossa alma.

Seria o que Octavio soffreu, ao ver a pelle mosqueada que rebuçava os membros de Marco, a dansarina italiana? Sonharia elle, com a orgia de Degenais?

Era talvez tudo isto... espiritualisado. Ha organisações excepcionaes, por tal arte formadas, que arrastam a alma em todas as suas tendencias. O amor para esses homens de uma sensibilidade á toda prova, attingida por qualquer objecto externo, é sempre mixto; nem só material, nem exclusivamente ideal.

Para esses Platão é um visionario.

Preferem a corôa de myrto de Anacreonte, uma ode á Lydia de Horacio, uma das paixões de Lucrecio, ou o banquete de Lucullo, á quantos sermões sobre a castidade, abstinencia carnal, ou abnegação dos sentidos por ahi papagueam os padres.

A imaginação engrandece os objectos, arrasta-os, e os eleva á altura do espirito, mas o ponto de partida é material; o principio de movimento todo organico. Heloise está neste caso; e suas cartas tão ardentes, embora saturadas de mysticismo, revelam sensações dos sentidos.

Gennesco não era com todos os *ff* e *rr* um Lovelace; não tivera ainda sua Clarissa Harlow, nem occasião de tomar de assalto e espada em punho a cidadella de um coração feminino. Não era tambem, irmão gemeo de D. Juan: não tivera Haydéa, nem tão pouco a proposta de Gulbeyaz. Era um filho da poesia, brincara muito com os poétas barbudos; adormecêra lendo Octavio e acordara com pacada na bóla, encarando tudo pelo prisma roseo de sua imaginação. Na galeria phantastica de seus sonhos, havia um nicho á espera da Madona. Creio que neste momento elle inda por ella espera, como os portuguezes o seu D. Miguel, os allemães seu Barba Ruiva e os judeus seu Messias. Elle seguia a paraphrase de Degenais: —« tomar o mundo como elle vem, o vento como elle sopra, e a mulher como ella é. »

Elle deu um passo e dirigio-se para ella:

— Minha senhora.

Ella encarou-o.

— Seria feliz o mortal, que vos merecesse as honras de um passeio.

Ella sorrio-se e deu-lhe o braço.

Gennesco continuou:

— Contam os poétas, que um filho da arte desceu um dia ao inferno, para ir buscar a sombra de sua amante...

Um allemão que passava de cachimbo, medio Gennesco dos pés á cabeça, a palavra—amante— dirigida á uma virgem. Gennesco bateu-lhe no hombro. Elle fez uma cortezia e passou.

— Mas, continuou o nosso heróe.... Euridice... leve-me o demo se me lembro do que vos dizia. Minha senhora, lembra-se?

A moça saccudio a cabeça e aventou-se com o leque. Gennesco pensou comsigo:

— Dir-se-ha que este sylpho não falle! »

— Minha senhora, continuou, deseja tomar um copo de cerveja, um dedinho de champagne, ou beijar um naquinho de presunto? »

A Ondina abrio os labios de crepusculo, e flautou um inaudivel — sim.

— Presunto, champagne, e cerveja! Bradou Gennesco, com os pulmões de Stendor. O éco ao longe repetio: — presunto....champagne.... cerveja....

Sentáram-se. Gennesco contemplando-a, esquecia-se do presunto, do champagne e da cerveja. Os cabellos da moça passaram-lhe de leve pelos labios: ella se curvára para apertar a fita do sapato.

— Creio que existam fadas, minha senhora.

— Como? tornou a Ondina.

— Quero dizer, que a fita dos seus sapatos affroxou-se novamente.

Ella desandou n'uma risadinha de veludo.

Gennesco baixou-se e tomou-lhe o pezinho.... que mimo!... que pluma!...

— *Hónni soit qui mal y pense*, disse Eduardo III de Inglaterra e deu origem á ordem da *Jarreteira*. O bom rei era menos feliz do que Gennesco. Ambos no entanto, tinham-se curvado á ver a torneada perna de uma mulher.

Gennesco não comia; sonhava e estremecia, á pensar no jaspe daquella estatua. A moça comia, triturava, engolia, devorava e bebia mascando presunto, engulindo cerveja, e enxugando champagne.

Ella encheu um copo de champagne, tocou-o com os labios e deu-o á Gennesco. Elle tomou-o suspirando, e tendo-o pela mão, vasou-o como se bebera no céo um pouco de ambrozia.

Uma vertigem passou-lhe diante dos olhos, suas mãos tremeram, sua cabeça pendeu e seus labios tocaram... tocaram a fronte della. A Ondina tinha o rubor nas faces e o lyrio da fronte humedeceu-se ao contacto de um beijo.

Ella ergueu-se amuada, e convidou Gennesco á dansar. Decididamente percebe o leitor que a moça comprehendida, perfeitamente a linguagem dos gestos.

Ella a Ondina, era um sonho, e apezar de ter comido como qualquer quitandeira, ou mulher toda carnosa e amante de *beefs*, é certo no entanto que seu corpo encantava e fazia sonhar delicias do céo. Gennesco se embevecia, contemplando-lhe o collo que palpitava e tremia como a rollinha que estremece sob as azas do macho. Lia naquelless olhos a sombra vaporosa de uma visão que passou e maldizia a estatua.... porque é bella, é fria; é plastica e não falla. E a moça se calava. Nem uma palavra; apenas risos....

No entanto o ambiente queimador de um baile, as risadas, a conversação correndo em meio dos perfumes, dos leques, dos lenços, e dos halitos da donzella que falla cantando, seguindo ignára, a nota queixosa da musica que foge.... oh! tudo isto ao lado de uma linda mulher, banhada ainda no aromoso encanto da castidade, enloquece, faz chorar, e inspira desejos de morrer.... de amor, de enlevo....

Gennesco contemplava-a perdido. Sua alma não era na terra mas no céo, seus pés já fugiam do solo, seus braços pendiam frouxos, sua respiração era custosa.... e a palavra de fogo, a nota mais perigosa ia cahir-lhe dos labios em vulcão.... quando.... Pelas tripas do usurario! o que foi?

— Nada. Cousa muito simples. Gennesco perdido no seu mundo de scismas, corria a sala entre allemães allemãs, e allemãesinhos, quando o altivo, forte, gigantesco e volumoso tacão de um maldito sapatão calcou-lhe o calo mais mimoso, choroso, e sensitivo que lhe bordava o pé.... Santo Deos!....

Gennesco atirou a Ondina, correu sobre o allemão, e rindo-se de dôr foi cahir em uma cadeira saudando os bailarinos com esta expressão, filha jenuina de Satanaz:

— Leve-te o diabo tacão de sapato!

Sua exclamação perdeu-se no meio de um grande ruido, era a musica, eram as velhas, eram as moças, eram as flôres, toucas e balões, que vinham tocadas de um vendaval temivel. Era o riso, o vórtice, o pé de vento, a tempestade e a loucura era o signal do galope.

A Ondina desmaiou, como a espuma da torrente.

E Gennesco suspirou. Porque? Ah! leitor, por um calo.

IV.

O GALOPE.

Ninguem poderá comprehender a poesia de um baile allemão, vê-lo passar diante de si, com suas donzellas loiras e brancas, mudas e vivas, sérias e loucas; seus allemães de cachimbo, de grandes sapatos, bigodes de turco, e andar pezadamente, veloz, se não tiver assistido ao grande galope, indispensavel condição de todo o divertimento deste genero.

São as luzes que impallidecem, a musica que arrebata, as moças que arquejam, os homens que vacillam; as velhas que se despertam, os calos que gemem, os çapatos que batem, os leques que vôam no meio de fitas, rendas, balão, toucas e loucura de vivos. Quem não vio um galope allemão... não comprehende a Allemanha. E' a frieza allemã como a quietação de um barril de polvora, chegai-lhe o morrão e tudo irá pelos ares. O morrão é sempre o galope.

Até então, as mulheres allemãs, que sentem os abraços do velho inverno, dormem pelos cantos, esquecidas de si e do ruido da festa. Com suas toucas pretas, vestidos compridos e sem balão, estendem-se somnolentas no santo quietismo da calma tudesca.

Boas avós! Longe de metterem doces no bolso do ves-

tido, ou em lenços feitos *ad hoc*, ou grasnarem como as nossas palreiras e intrigantes *vovós*, sonham com o seu paiz, e adormecem nas classicas margens de seu Rheno patriotico. Não correm saltitando pela sala, espirrando por entre as moças, e segredando ao ouvido das netinhas mil observações curiosas, que descubriram nas outras moças, como por exemplo:—« que o balão desta é comprido, o daquella curto; o pé de fulana, o de um gallego; o de sicrana muito fininho; que D. Maria viera com o mesmo vestido e D. Balbina untara muito o rosto de vermelhão. » Não! acocoradas em suas cadeiras simelham antes essas figuras phantasticas, que povoam as lendas allemãs, e que Henri-Heine, tão espirituosamente descreve.

A's vezes tambem, associava-se-me á idéa a caterva assombrosa das feiticeiras do Faust. O certo é porém, e seja dito em amor á verdade, que não n'as vi nunca, montadas em vassouras, ou cavalgando pyrilampos, ir em noute de tempestade beijar o presidente de seu club, *na parte onde terminam as costas.*

Ao signal de galope, as cabeças se erguem, as velhas despertam-se, esfregam os olhos, as toucas movem-se e uma vozeria geral passa, remoinha, cruza-se, embaraça-se, e vem ressuscitar, para logo depois morrer e tornar a viver. No entanto as frontes que se expandiam, os olhos que fuzilavam, e as toucas das velhas cahiram no marasmo primitivo. E um ruidoso suspiro retumbava pela sala.

Um incidente tivera lugar; o pianista, guapo crioulo-reluzente como a graxa, mas namorado da garrafa-cerveja, como qualquer allemão branco como o papel-pautado, bebera até perder o fôlego. A' primeira martellada no piano correram todos, e esbarraram com elle agachado a um canto, na estupidez do monado Sileno.

Gennesco passou e emquanto se tentava pôr o musico sobre os dous pés, elle parou diante de um quadro da Suissa, contemplando-o em muda scena.

Aqui montanhas que se levantam com seu boné de neves olhando bocejantes a face do céo. Além valles risonhos que sustentam as cabanas humildes do pobre mas altivo camponez.

Na historia de sua alma, abstrahindo dos homens Gennesco sonhava ternos amores, paixões puras, dramas sublimes, naquellas choças que servem de habitação aos filhos da liberdade: os compatriotas de Guilherme Tell.

Parecia-lhe ver as pastorinhas formosas com suas faces de purpura, sombreadas pelo chapellinho de palha, correrem ledas ao tenir do guizo de seus carneiros, surrindo felizes, como as flôres dos seus ramalhetes.

A's vezes lhe passava um sentimento de enthusiasmo, era que seus ouvidos tinham sentido os sons marciaes do touro de Underwald. Os gritos, as canções bacchicas, e o motim dos bebedores batiam-lhe aos ouvidos parodiando o ardor dos grandes dias de Grandson e Morat.

O' liberdade! E's um raio divino, scintilla electrica que nos queima as almas, e faz do homem, um deos. Onde quer que te mostres ha um anceio para o infinito, e um sonhar ardente que nos inspira o martyrio. E's filha de Deos. O homem em cuja fronte teus labios pousaram, está para sempre sagrado; a patria o povo e a gloria, tomam-no da terra para mostra-lo ao mundo.

Augusta filha do céo, teu sorriso é benefico; ao teu influxo, os campos se perfumam, a terra fertilisa-se, os genios surgem, e os tyrannos impallidecem. Eu adoro-te, porque és pura e santa; sacrifico-me porque tambem és a religião!

Gennesco foi arrancado ás suas reflexões por um barulho infernal que os pagodistas da cerveja e do presunto faziam na sala do interior. Em um salto elle encarava o espectaculo seguinte:

Muitos allemães ébrios, alegres e fogosos riam, choravam, e bebiam ainda, em torno das mesas cobertas de garrafas, e com seus olhos humidos, labios borrifados de licores, e murros tremendos, acompanhavam alguns heróes mais quentes, que em uma ronda de demonios, sapateavam, cantando o *ça irá, ça irá, les aristocrates à lanterne,* dos delirosos dias de 89 e 93.

Era um espectaculo vivo desses momentos seculos, porque passou a França.

O estourar do champagne, os gritos enrouquecidos, semilhavam o troar dos canhões, e um gorducho allemão tombando, com sua garrafa em punho, do alto da mesa, deu idéa da queda da Bastilha.

Os risos, os abraços, a alegria febril daquelles homens, no meio dessa orgia infrene, espalhavam fielmente os amores que então brotavam, mais poeticos pelo perfume da morte, mais sublimes na penumbra da guilhotina. O rosto innocente de alguma loura allemã, que surgia timido, attrahido pelo motim, fazia lembrar Carlota Corday, *o anjo do*

assassinato, passando como a virgem do destino, por essa caterva de miseraveis.

Começaram a Marselheza... os filhos da França corriam ás fronteiras, mordiam o cartucho e enviavam ao mundo a idéa da emancipação, na velocidade de suas balas. As bayonetas tocavam os peitos dos soldados, as costas dos principes, e espantavam Gœthe, fazendo-lhe estacar as mãos que desenhavam as primeiras scenas do 1.º Faust.

Súbito parou aquelle movimento. Os soldados deixaram de se fazer matar em Junmapes e Fleury... os vivas á Allemanha e á França amorteceram-se; e a onda dos ébrios moveu-se, torvelinhou, e veio estourar na sala das dansas.

O crioulo estava ao piano, e dormindo, sonhando, corria as teclas em um galope infernal.

As suspirosas endeixas do melancolico Chenier, se trocaram pelo riso lubrico, vertiginoso e desvairado de Fouquier-Tinville. Galopava-se.

V.

AINDA O GALOPE.

A sala tremia. As luzes vacillavam. A poeira saltava. As velhas turbilhavam, iam, vinham, voltavam, corriam, ralhavam, surriam, choravam e enlouqueciam, e o galope continuava.

O galope! o galope! Lembrai-vos da historia paga, passa-vos por ventura aquelle barulho infernal, bater de cymbalos, e vozear infrene, que faziam os Corybantes para suffocar e adormir os gritos de Jupiter menino, sobre o Ida?

Não ideais as vozes roucas dessas bacchanaes, thyrso em punho, cabellos ao vento, seios palpitantes, braços torneados, que se moviam em luxuria; fabricitantes, loucas, correndo ás festas dos deos Pan e Baccho?

E as Menades, ébrias de lubricidade, na sanha, na furia, no tripudiar, tomando o divino Orpheu e em uivos do inferno espatifando-lhe os membros, e derramando-os pela praia?

Phantasiai uma cidade tomada de assalto... tectos que tombam ao bater de balas, homens que rolam sanguentos ao tocar do obuz; tropas que se perdem no pó das ruinas, a oscilação em que balouça a população errante; uni-lhe um povo que foge dos estragos da peste; o grito, o espanto, a blasphemia do rico, e a gargalhada

do libertino ; ajuntai ainda uma subita inundação... ou habitantes fugindo diante das lavas que correm e correm veloces com a rapidez da morte, fogo e fumo, pedras e balas, miseria e lagrimas, baralhai tudo isto... considerai os risos, os saltos, as voltas, e os gritos de animação partindo da garganta de allemães ébrios e roucos, e tereis idéa do que se chama um galope infernal!!...

E as mulheres eram bellas e a Ondina era soberba!!...

Na vertigem do galope, seus balões, seus vestidos brancos voando no correr ligeiro, selvatico e febril; seus cabellos saltantes e faces animadas... confundiam, embaraçavam, e chumbavam um craneo de fogo. O vento gozava bellezas invisiveis ; e travesso passava polkando e cambalhoteando pelas vestes alvas.

A imaginação perdia-se soletrando encantos mysteriosos, e por uma fresta do céo lia as delicias do paraizo.

E as moças folgavam, e o galope continuava!

Tudo gyrava... tudo brincava... cachimbo e allemão, touca e velha, sapatão e donzellas. O crioulo se travara com o piano.

Gennesco olhou... quiz exhesitar... não pôde. Atirava se ao turbilhão, as ondas batiam-lhe de encontro, elle vacillava, procurava um apoio nas cadeiras e surria-se feliz, contemplando a imagem dos elementos, cambalhoteando no cahos.

E as filhas da Germania, oriundas no Brazil sentiam as neves avoengas derreter-se-lhes no peito e galopavam e enlouqueciam. Eram como as Willis de sua patria sombria; que despertavam do tumulo, e dansavam por uma vertigem, fatalidade, ou decreto do destino.

As ondas acalmaram-se. O suor banhava todas as frontes, e as velhas arquejavam de cançasso. Estava finda a refrega Bebia-se e refrescava-se.

Gennesco tomou pelo braco a Ondina cançada. Seus cabellos eram louros, seus labios de rubim, seus dentes eram perolas, e as vestes de setim. Elle levou-a ao botequim e pedio mais vinho. Ella sentou-se e bebeu...

Gennesco queria experimentar o pezo de uma espuma de onda, e representar a mimosa scena da Ondina de Fouqué. A agitação do baile, o fervor do galope, e a força do vinho, o ajudavam...

Neste momento um trovão medonho retumbou pelas salas. Os allemães levantaram-se em furia, e uma luta terrivel teve lugar.

Eram os inglezes bem regados de cerveja, que vinham importunos propôr aos allemães um exercicio de pugilato.

Oito inglezes lutaram com mais de vinte allemães; e deram socco, como verdadeiros *god'ames*. Eram frontes sanguinosas; vestes rôtas, e peitos arquejantes.

Veio reforço e a luta se travou mais renhida. Os murros soavam como graniso no telhado; eram tantas as juras, bofetões, pontapés e imprecações, que a casa cambaleava, e os lustres tiniam como um dia de juizo,

Os inglezes fugiram. A victoria foi pela Allemanha.

Naquella confusão Gennesco desappareceu; e n'outro dia, eram já dez horas, os companheiros brincalhões batiam-lhe na porta, chamando-o para o almoço, em quanto elle dormia, pesado como Napoleão aos primeiros tiros do grande dia de Austerlitz. Já não se lembrava da Ondina.

Quem no emtanto se dignasse correr as folhas do album delle, teria encontrado uma lembrança perdida, um écho de um sonho, que passou. Elle assignalara o encontro do baile, o vaporar da sylphide nesta quadra que cheira ao seiscentismo:

Tenho saudades do baile
Do baile que er'allemão...
Da moça, côr de esperança
Esperança de meu condão.

VI.

DHALILA.

Alguns dias depois do facto que presenciamos, Mathus, o inseparavel amigo de Gennesco, entrava pelo quarto e ia acordal-o. Eram dez horas.

O nosso heróe viera do theatro já bastante tarde; e embalava-se agora, no *dulce far nicnte* de um somno, em dia de feriado.

— Olá, olá, Gennesco, dormes ainda?

Mathus tomou-o por uma perna, fê-lo cahir, e abrio as janellas.

— São dez horas. O sol vai alto e dormes? Eis um erro imperdoavel n'um poeta. Se soubesses como vinha a aurora encantadora, que azul no céo, e que hymno magestoso mandava a terra á Deos.... por Shakspeare, que não dormirias!...

— Má... Má... thus....., disse Gennesco bocejando, começaste cedo, a *prosa*?!...

— A' proposito, disse Mathus, vamos aos sigarros.

Mathus gritou pelo moleque; veio fogo, e elle accendeu o cigarro, sentando-se ao pé do leito de Gennesco.

— Mathus, se estivessemos em outra hora, eu affirmara que já tinhas libado ao deos Baccho, ou te debatias, como sybilla-macho na santa inspiração do divino Pan.

— Acordaste estupido!... atalhou Mathus.

— Não. Quando entraste eu fui arrancado á um sonho delicioso.... tua entrada foi importuna como a do alugador de animaes, que vos bate á porta exigindo o importe do aluguel. Ou o cobrador de uma letra, homem de marmore, positivo como seus sapatos; cerebro duro como seus cobres; ou mimoso ratão, velhaquissimo charlatão, abastardado filho de Galeano, que por ahi exerce o sagrado mister de curandeiro; applicando-vos pilulas ou globulos homœopathicos.....

— Salva a redacção!...

— ..... ou fazendo-vos tomar clyteres de *salmoura*, para mandar-vos depois uma conta exorbitante, producto de alguns mezes, em que déste occasião ao exercicio dos gadanhos do tal tratante, dando-lhe para thema a conjugação do verbo, surripio!....

— Tá, tá, tá, estás estupidamente bestialogico?...

— Antes de entrares eu sonhava, disse Gennesco sentando-se na cama, ouvir uma bella composição musical. Era a melancolia de Bertini, junta á melodia de Verdi; era o canto de Boabdilla. Era a nota apaixonada do canto a perder-se ao longe por um céo de luar.... minha alma boiava n'aquelle mar de sons, lembrando a indolencia de Cleopatra, subindo as aguas do Cydno no enlevo material d'aquelle sensual de Antonio, o duumvivo....

— Máo, ahi vem as comparações!

— ..... E'brio e palpitante na sêde do goso, preso e vacillante, eu errava ao grado das notas, quando mudam-se as scenas, e eu em sonhos, o poeta, André, cahia aos pés da princeza, no drama Dhalila, do imaginoso Serpa.

— Bravo!...

— A italiana, olhos humidos, alma nos olhos, desejo no coração e palpitante o seio, tomava-me a fronte e....

— Beijava-te?

— Assim era.

Os dous mancebos riram-se e continuaram á fumar.

— A proposito, disse Mathus, como achaste o espectaculo de hontem?

— Tua pergunta não é facil de responder-se. E' collectiva. E' mister decompô-la. Por espectaculo entendo as moças, as flôres, os bancos e os *comicos*....

— *Actores*.... corrigi-te do máo modo. A' todo rei, toda honra.

— Como quizeres. Começarei pelas moças: vi muitas

especies:—brancas, vermelhas, pretas e algumas de amarello duvidoso.... estas creio que se tinham borrado de mais. Olhos.... azues, pretos, pardos e côr de cão goso ou tinhoso. Lindos cabellos, rostos soffriveis, e dentes postiços ou miseraveis. Isto.... quanto ao physico, no que se estende ao moral.... creio que as moças de S. Paulo são filhas d'Arabia.....

— Como? Lá viajas pelo Oriente, estou em jejum. Explica-te.

— Lá, não sei mais aonde; talvez em algum *folhetim*, *gazeta*, ou chronista da *quinzena*; noticia dimanada desses mil pretenciosos, que se dizem conhecidos em sciencia, usos e costumes orientalistas.... que os Arabes negam a existencia d'alma ás suas mulheres. Eu creio que é por isto, que os crentes prohibem ás mulheres a approximação do templo. Ora se assim é, temos, lá vai sillogismo:—as mulheres da Arabia não tem alma, as Paulistas não têem alma, logo são filhas da Arabia.

— E' preciso provar a segunda.

— Provo. Olha, desejando tomar o pulso ao bello sexo de S. Paulo, puz-me a examinar no correr do drama, as impressões, juizos, ou segredinhos que lhes arrancava o assumpto....

— E então?

— Então? Não vês ali, sobre minha mesa, como aquelle cãozinho de gêsso está immovel, olhando imperturbavel e eternamente para o céo?

Repara como aquelle turco de estirado bigode, chapéo redondo e cabeça inclinada, contempla mudo e cynico, a mulher que o espia do alto da escada. Tal é o retrato dessas mulheres, nem uma sensação, ou suspirar arrancado ao que se chama noss'alma.

Nem se quer, um palrar sem idéa, um papaguear, grunhida ou zurro, que revelasse suas naturezas: suina ou cavallar. Nada. Immobilidade de camello.

Depois, movem-se, como a estatua de Spallanzani, olhos esbugalhados, mãos compridas e cahidas, como a composição de Giuseppe Coppola.

Como ella, tocam piano, dizem por única e sacramental palavra, ah, ah, eh, eh, hi, hi!... espirram, suam, limpam-se; inspirando ás vezes, louca paixão á algum enthusiasta Nathael, que morre atirando-se pela janella, e gritando: bellos olhos, bellos olhos!...

Os dous amigos interromperam-se ás gargalhadas.

Eram solidarios na atrabiliaridade.

— Moças vi eu, continuou impiedosamente Gennesco, que quando a scena ia mais bella, mais sentimental e interessante o dialogo, abriam largas bôcas, e batiam o branco teclado, chupando um docinho, ou saboreando gostoso queimadinho.

Outras, abanando-se com o fresco leque, embriagadas na voluptuosidade do cheiro do gaz, achatam-se nas cadeiras, e com olhos langues no infallivel namorado, passam as horas da representação no quiestismo estupido de uma sultana, monja, ou suspirosa Analia.

— Anda lá, confessa ao menos, que havia alguma, que assim não era?

— O', Mathus, pergunta Gennesco, qual é o animal mais tolo em nosso planeta sublunar?

— Evidentemente tu que te suppões frio observador, e ferula do mundo.

— Enganas-te. E' um namorado. E' em boa logica, o homem, que agora conversa comigo.

— Adiante, adiante.

— Gostei da actriz: é moça de talento, tem formidavel nariz grego, e faz versos. Aquelle corpo voluptuoso, ondulante e fragil, á curvar-se como um caniço, era um raio de Italia, e pézinho.... era chinez puro.

— Déra meus vinte e dous annos, meu cãozinho de gesso, e minha obra de Byron, por tomar as fórmas de André, naquella noute.

E' encantador, harmonioso e sublime, o dialogo entre a princeza e o poeta. Aquelle ademan de rainha, de potencia que impéra, e com um gesto faz saltar a cabeça de um homem, por um brinco, ou capricho de moça, foi vantajosamente representado; e as hesitações, o extasi que abraza aquella alma de italiana, ao ouvir em sua alma de artista as variações vagas, delirosas e infinitas, que o segredo do poeta-musico, arranca ao sensivel madeiro. E aquellas estatuas onde a volupia sorria; e a princeza a suspirar em febre aos ais sentidos da canção chorosa....

Oh! digo-te a fé de 3.º annista, que só dei accordo de mim, quando limpava na manga da sobrecasaca de um alferes, meu vizinho de banco, uma lagrima comprida, que me fugira dos olhos. Eu me reconheci, o mais innocente mancebo que o sol cobre, chorava, sentia, e acreditava, era feliz!

— Que orgulho!...

— Olhei depois para os camarotes, e uma velha, horrenda velha, coberta de fitas, rendas, e armações de vidrilho; faces de cathedral, nariz de pyramide, roncava, roncava na suavidade de um sapo-femea....

— Oh! *horresco referens*!

— Pois bem! a poesia do drama me passára n'alma, e a poesia é como o *hatchis* oriental faz ter bellos sonhos. A poesia, é o sopro de Deos, passou pelo marmore, ei-lo estatua; tocou a fronte da mulher, ei-la Julietta.... A velha pareceu-me então, uma linda serêa, montada n'um peixe brilhante, ao som das melodias de Ariel, no sonho de uma noute de verão, como a vislumbrou, a cabeça ideal de Shakspeare.

Eu vi um batatudo gallego, pé de obúz, ventre de barrica, com os beiços grossos, cahidos, e olhos pasmados, babando sobre a cabeça de um formigão, na santa innocencia de um conego-bebado....

— E o beijo....

— O beijo, o beijo.... veio arrancar as moças á seu descuidoso e suado namoro. E' linguagem, que não falha, tudo conspira, falla aos olhos, á bôca, ao nariz, ao tacto, em fim á todos os sentidos, material, visivel, e claramente. E' a pedra philosophal da sciencia feminina.

— Dize antes, é o phyltro da maldição!

— Não. Pelo amor, que não!

A scena passa-se na Italia naquelle paiz de fogo, onde o sol queima, o céo é sempre azul, e o volcão ferve sempre. E' o paiz de amor, vivo retrato da natureza movel, inconstante, e caprichosa do homem.

Mal haja os Arabes, que reivindicão o Eden, que longe de sorrir em Baharem, foi atirado em Napoles, Veneza ou Revenna, cidade sympathica e minha predilecta, por ser a patria nativa da bella, terna, e apaixonada de Giuccioli.

Gennesco ajoelhou-se sobre o leito, e com seriedade comica voltou-se para o sol, na posição do nigromante, conjurando uma sombra. Elle disse:

— Terra d'Italia, *piece del ciel caduto in terra*, quem não sonha teus montes azulados, céo sereno pelas harmoniosas margens do amoroso Lido?!

Que alma de moço, pelas quentes noutes da vigilia afanosa, quando o seio tremeu e alma cantou e suspirou *d'amore*, não evoca tua imagem linda!

Tuas gondolas, que fogem pelo crystal de onda, as tuas stancias do Tasso, e teus proverbios amados?

E tuas mulheres que morrem, e suspiram morrendo, no morrer de amores?

Quem te não ama, quem te ama e não sonha, quem te sonha e não chora, no chorar de saudade? Com teus marmores, tuas *piazzas*, tuas sonhadoras filhas, oh vêr a Italia e morrer, não mente o teu proverbio !...

Com teus venenos, teus punhaes pela sombra, teus numerosos bandidos, o Sirocco e o Vesuvio, o palacio e as prisões, S. Marcos e a ponte dos Suspiros.... eu te amo, ó berço de fadas com teus quadros de Raphael, sonhares da Fornarina, lembranças de Julietta, e lagrimas de Desdemona. Amo-te, e a capella Sixtina desse poeta, genio immenso, que se chamou Miguel Angelo Buonarotti ! Oh ! vêr a Italia e morrer !...

Gennesco cahio sobre a cama, e conservou-se em silencio por algum tempo. Mathus interrompeu-o.

— Cala-te, Quixote, deixa que agora falle Sancho Pança. Fizeste como os nossos deputados, que oram, gritam, enthusiasmam-se, esquecem-se do que diziam, tomam uma pitada, e terminam mandando uma moção á mesa.

— Na verdade, és um tabaquista, não comprehendes que possa um homem identificar-se, com as bellezas de um paiz....

— Está bem, está bem, continúa.

Gennesco continuou.

— André, o poeta, arrasta-se aos pés da princeza. Pobre Reinaldo esquecia-se da gloria, appellos da fama, e do valente corsel, preso aos enganosos braços de Armida, a feiticeira.

O parallelo entre os dous amores é bello, mas eu amo as sensações fortes, gosto de dôres de nervos, e prefiro uma taça de espumante champagne cujo gaz estala, arruinando as vestes setinosas das bellezas que nos rodeam, a um copo de fria cerveja, bebida no recanto escuro da taverna, em frente com um volumoso conviva.

Esses amores placidos, paixões domesticas, frios dialogos de duas vozes que se tornáram, *Centauro*, á uma palavra talismanica, esconjuro de padre: *conjugo-vos*, não estão em altura de certas naturezas. E pensava bem o amigo de André, quando tentou obstar ao casamento dos dous pombinhos.

A differença entre esse amor ardente, impetuoso e fatal, *essa torrente de lava que ferve no Etna*, que leva o *Giaour* á calcar aos pés a cabeça sanguenta de *Hassan*, e á vêr

diante, sempre, em todos os movimentos da vida, a realidade de seu delirio; e esse amor placido, sereno, tranquillo e plebeu, que vai tanto em maravilha ao vendilhão, é espantosa, triste, e saturada de pranto.

O vendilhão ama sua mulher, como tambem ama a garrafa de aguardente, o rolo de fumo, os lanhos do toucinho, e as panellas da venda. Elle ignora se os olhos de sua cara-metade são bellos, se podem matar n'um volver de paixão; elle não vê se o pé da esposa é mimoso, se sua trança de morte véla o estremecer palpitoso de uns seios de virgem; não, elle indaga apenas, se suas mãos são duras para o trabalho; se seus dedos cosem seguro e breve; se ella amamenta as creanças e deita fundilhos em seus sebentos calções, ou remenda bem as grosseiras ceroulas.

A' estes convém a bebida morna, destemperada, e no vaso de vil barro. O vendilhão confunde a machina de filhos com a machina de costurar.

Toma d'ahi uma donzella sonhadora, uma alma inspirada, une-a á esse vampiro azinhavrado, e a pobre moça será infeliz.

O poeta, o genio, a aguia altiva, vôa mui alto. Só lhe vai bem o roubo de Ganimedes. No festim de seu prazer só Hébe, a divina Hébe, fôra digna de vasar-lhe o vinho.

Querer que o poéta se arraste, vôe rente no chão, como os pintos, os pombos e os gallos, fôra querer o impossivel.

Fôra confundir a marcha commoda e alterosa do corsel, pura-raça arabica, ou fina estampa da Normandia, com o trote secco, abalativo e duro, do ruim burrico do manso vigario de Christo. Fôra não distinguir entre o condôr e o morcego.

O homem do viver phantastico, que escalda sob o fogo do genio, que ri-se, salta, chora e se entristece, sem causa justificativa, pela simples influencia do temperamento, tem esphera diversa, separada do commum. Outra esphera, eu vejo, pódem dizer com Manfredo, se o prenderem, lançarem-no em cadéas.... elle quebra-las-ha, agora, logo, ou amanhã.

Taes homens são nomades. Ambulam como o selvagem, fôra insania ou crassa estupidez tentar subjeita-los ás estreitas leis da familia; obrigando-os á observação do codigo marital ou do rotulo da casa.

Gennesco sorrio-se e continuou.

— Bacon disse que o casamento era um obstaculo á todas

as grandes emprezas. Todas as descobertas importantes, todas as obras que tem influido sobre a humanidade, foram fructos de homens, que não tinham tido, nem filhos, nem mulher.

Bacon, Newton, Descartes, Gassendi, Galliléo, Bayle, Loke, Leibnitz, Boyle e Hume, viveram no celibato.

— Pela virgem, basta. Estou vendo que nesse andar citarias até o inventor do phosphoro e d'agua de Colonia. Discordo de ti.

O Dante era casado, *Tom Moore*, o ardente autor dos adoradores do fogo, tambem; e Christovão Colombo, o valente navegador, o sonhador cheio de fé, que dialogando com seu genio, resistio ao sarcasmo da ignorancia, ao ridiculo dos cortezãos, e das testas coroadas, para vir apenas, sobre uma taboa, e tendo por unico patrimonio uma idéa, tornar-se o Messias do Novo-Mundo?

— Argumentas com as excepções Dante casou-se, porque já a natureza lhe dera uma cara de marido. Mas não passou o seu tempo em mandar fazer jaqueta, calça e camisas para a creançada. E sua musa, sua verdadeira esposa, era a filha de Portinari, que elle idealisou, e com ella viveu sob o nome mystico da celeste Beatriz. O verdadeiro casamento do poéta, foi o platonismo.

Demais essa citação não é minha, e se estás na maré das argumentações, agarra te corpo á corpo á *Tom Moore* nas Memorias de Byron; tom. 2.º, traducção de Madame Belloc.

— E o poéta, e a princeza, e a filha do autor do cantico do calvario?

— A menina innocente que se devotara em corpo e alma ao poeta-musico morre de paixão, consumida pelo amor.

Gennesco, que se rira até então, entristeceu-se, e fallou sério o que se segue.

— Oh! o vaso fragil não póde conter o licôr, que á força de agitação, ferveu á estalar o involucro que o contivera.

Pobre menina, eu derramo uma lagrima por ti, e mando-te em pensamento, uma nenia saudosa.

Sapho, de modestia extrema tambem tiveste teu rochedo de Leucade. Muito amaste... e o amor entisica, mirra e mata, como na canção de Italia:

Altra volta gieri bella
Branca e rossa com'une fiore
Ma ora non. Non son piú biéle
Consumatis d'al amore.

E os dous mancebos, que até ali tanto haviam zombado, abraçaram-se e choraram. Eram dous loucos.

Gennesco terminou assim:

— A morte do poeta é o final do drama: já tendo percorrido a escala de todas as baixezas, tendo soffrido tanto dos caprichos da mulher, infernalmente bella, que corôa seu manejo infame, entregando-se ao amor sensual de um outro, tendo a seus pés encadeado o genio.

— A proposito, disse Gennesco, mudando de conversação, sabes o desejo que ouvi a um gallego na platéa, vendo o modo porque a *cortezã* tratava o genio?

— Sim. Alguma estupidez.

— Sim. Mas de bom gosto. O meu gordurento vizinho quiz saltar ao tablado, e esbofetear a actriz que representava de princeza Falconieri!...

— Chama-se a isto: punir em effigie!...

— Pobre tolo, desfructavel sandeu!... disse Gennesco, bocejando e sobrepondo os travesseiros para encostar a cabeça.

— Eu me admiro, observou Mathus, é do sangue frio e indifferença com que viste o poeta, soffrer os insultos daquella mulher?!...

— Ah, ah, ah, ah, meu caro, não tens a sciencia da vida. Se te casares has de viver com o rabo entre as pernas; ou sacudindo e farejando a cauda, ao pé de tua mulher!

Mathus reprimio um gesto de máo humor.

— Não te admires porém, accrescentou Gennesco surrindo. Byron, o proprio Byron, o soberbo genio, curvou-se aos pés da mulher; era um miseravel diante da bella Guiccioli; eu o vi muita vez dobrando o chale de sua adultera amante, no enthusiasmo do mais idiota *cavalier cervente*.

Ha momentos em que a mulher é tudo, e o papel de humildade não vai mal ao homem. Cuidado porém, e é o mesmo Harold, quem nos diz:—« conhece bem pouco o coração da mulher, os que imaginam por suspiros, conquistar esse ente inconstante.

« Que lhe importam corações, quando ella está certa de possui-los?

« Rendei aos bellos olhos de vosso idolo a homenagem que elles reclamam... mas não sejaes muito humilde, ou a mulher desprezar-vos-ha, por mais brilhantes que sejam as metaphoras da vossa confissão. »

São tristes no entanto, as ultimas scenas daquelle acto, em que o poeta descobre que fôra apenas um brinco, um

dixe lindo, destinado a contentar por alguns dias o capricho voluptuoso da italiana soberba.

André, o poeta, não tinha como D. Juan, viva em sua alma, a imagem da belleza, a flôr que nascera pallida, abençoada pelos carinhos de um pai cuidadoso.

Pobre flôr, não vinha perfumosa revive-lo, arrancando-o á estufa crassa da crapula, onde o genio morria, sob a acção maleíica da *cortezã*.

Seguir uma mulher querida, bella e apaixonada, amando ás vezes, promettendo sempre; aprender-lhe os suspiros de amor, decorar-lhe palavra por palavra, a lenda que é no spasmo, na agonia do amor, a musica de seus labios, o enlevo do coração; e ver de subito, crenças que morrem, illusões que desmaiam, e o vulto lindo das visões de luz, tornado esqueleto nú, lívido e poerento!...

Correr sedento para um fructo lindo, e vêl-o desfazer-se em cinzas!

Cahir, como Satan, ferido pela orgulho, rolando das portas do ceo á negridão do inferno!

Subir poerento, cançado e morto degráo por degráo a escada da infamia, e ouvir no cimo a gargalhada amephistophelica apontando o nada dos sonhos, o inanido das abusões!

Apalpar-se, duvidar-se, entontecer e cahir, descrendo embalde da realidade que zomba, do despertar que insulta. Conheceis nada mais triste?

Tal fôra a desillusão do poeta, conhecendo tarde, as falsas caricias da mulher que era sua vida

Sua voz fugio rouca da garganta, muda-se a scena, o poeta deseja mata-la. E' inda o amor. Amor sombrio como o do Othelo.

Como no rei *Lear* uma voz gritava: huivai hüivai, huivai!...

E eu, ajuntou Gennesco sorrindo, digo-te com toda a calma, tive medo do poeta ao vêr-lhe o rosto afogueado, o gesto ameaçador e a catadura em desespero.

E, por prudencia segurei-me á um grosso rotundo, e fornido *futricha* que me estava ao lado, no banco, temendo ainda, que apezar de me escudar com a velha encadernação de *Corpus juris Romani*, fosse engulido pelo poeta!...

Gennesco ria-se como um idiota.

— Não te rias Gennesco; eu tive vontade de chorar!...

— Olá, Mathus, tardará muito o almoço? Sinto-me capaz de comer por dous frades.

— Ouve-me tambem, atalhou Mathus.

A morte de André, apoiado em seu companheiro que tivera boas intenções, mas se enganára nos meios, é tristissima, e lembra a fatalidade dos dramas gregos.

A passagem da gondola, que leva a cortezã e seu novo amante, em quanto a alma do poeta vai pedir asylo ao céo, é um contraste horrivel.

Veneza e a gondola, o canto, a vida, os festins e a orgia; a espuma que surri ao raio da lua e as aguas que cantam chorando e espreguiçando-se!

E o poeta, a dôr a tristeza o afôgo o sangue, e a maldição do genio as cãns doudas do ancião..... E a phrase fulminadora do amigo!...

Oh! é para enlouquecer-se!

Faz lembrar o magnifico final de Hugo, na Lucrecia Borgia, quando os cavalleiros desarmados, não tendo em meio da embriaguez e tinir dos copos, sentido a retirada das mulheres, ouvem como um dobre por morto o cantochão, que responde á canções bacchicas de Belverana.

Dhalila é uma orgia furiosa, que termina pelo affogar em sangue de seu heróe; ha no fundo da scena um cadaver que o povo apalpa investiga e examina, verifica se já cessou de palpitar.

Depois é o insulto do profano o arquejer do publico, e o correr da prostituta na gondola que foge no dorso da espuma, ao cahir indolente dos remos, e coplas saudosas de um canto de adeos....

— Bravissimo! Bravissimo!

Disse Gennesco, atirando-se fóra do leito, e enfiando as calças de chita.

— Cahio o panno, segue-se agora a farça!

Os dous amigos levantaram-se, e abrindo os vidros, debruçaram-se sobre a janella, contemplando o bello céo de S. Paulo.

Depois de alguns minutos, Gennesco disse a Mathus.

— Vai-te mal o ademan de Werther; quanto teu coração bater, fa-lo calar-se. O coração em nosso seculo, é um anachronismo, um velho trapo.

Ora, apezar de tabaquista, bem sabes, Mathus, que trapo é substantivo cuja significação o seculo condemna.

Piza-o ao calcanhar, como o percevejo: deitará máo cheiro, mas emfim, viverás bem.

Põe a tua caixa de rapé do lado esquerdo; sempre é uma couraça, póde embotar os golpes do mundo.

— Fallas como um velho soldado, encanecido na devassidão. Teu caracter é a negação do que dizes.

Sê franco.

— Amemos? Queres tu dizer?

— E então? Creio que não é impossivel?

Pois bem, Sr. Werther, logo que eu achar a madona de meus sonhos, uma mulher louca, cérebro povoado de asneiras, e inimiga das modas, eu amarei.

— Ama-la-hei como André; serei mais louco do que o Giaour....

Um moleque entrou, e declarou servido o almoço.

Os dous amigos sentaram-se á mesa. Já a Republica estava nos postos.

VII.

CYNISMO.

> .....é então que a illusão, phenix de plumagem dourada, vem pousar nos meus labios e..... canta.
>
> STELLO.

Ha em S. Paulo uma reunião original, vivenda louca, caprichosa e interessante, que tem uma chronica importantissima, mas que varia tanto, como o caracter de seus protogonistas.

Não sabemos que mente de poeta, ou de socialista observador, baptisou essa reunião sob o nome sympathico de Republica.

Tres ou quatro rapazes reunem-se, pactuam e vão viver na mesma casa, fazendo em commum as despezas do alimento, do aluguel, etc. Eis a Republica proclamada.

Quando ha em casa da gente um caloiro ou um *bixo*.... então a vida, é uma rizada homerica.

Na Republica: cada qual é um rei: grita, ralha, ordena, e discute; tendendo sempre a fazer triumphar sua opinião, ou gosto especial. O estado da Republica é a guerra.

A' noute, diz um, que não quer chá mas chocolate, outro prefere o café, e um terceiro *só* gosta de mate. Pois bem, o do chocolate toma o chá, o do café o mate, o do mate café.... e a luta se trava, terminando por tremenda descompostura n'outra alimaria, indispensavel á Republica, a princeza da cosinha, a cosinheira.

Que scenas interessantes, burlescas, sublimes e ridiculas não povoam a chronica das Republicas!

Ha Republica na Republica, Estado no Estado, formado pela aristocracia dos moleques! Quem se entregasse ao estudo dessa vivenda, e escrevesse suas observações, prestando grande serviço á historia-biographica, escreveria ainda, um livro curiosissimo.

Tal é a concha da perola, quero dizer, o theatro em que se desenvolve o estudante. Ahi, desde o amor até ás aspirações mais altas da vida, encontrarieis vestigios luminosos dos seus sonhos mais brilhantes.

Só, ausente da familia, no laboratorio do pensamento, enjoado da visita constante de seus companheiros, ás vezes, o estudante soffre o que se chama em giria de academicos, *cynismo*.

E' então, que lhe passam mais vaporosas as imagens mais seductoras da vida. Gloria, esperanças, corôas, sorrisos, aventuras.... o que não sonha a cabeça de um estudante?!...

A leitura dos livros, a influencia de um clima ardente, a posição que occupa, levam-n'o á pensar na patria; e então, elle é politico, jornalista, tribuno, historiador, sobre tudo discute, opina, e zurze fortemente, como orgulhoso que é.

Ora, Gennesco, como vai ver o querido leitor, estava em maré politica, e politicará no capitulo seguinte.

Elle está sentado em sua cadeira de balanço; fuma e atira baforadas sobre seu amigo Mathus, que tambem *cynica*, enrolando no fumo do charuto seus sonhos mais delirosos.

Vigny, o poeta, diria que esta scena é filha dos diabos azues, *Blue devils*, na expressão ingleza. O estudante, porém, tem uma palavra para traduzi-la e é: « cynismo. »

VIII.

AO LUAR.

Per amica silentia lunæ.
VIRGILIO.

— Como é bello o fumo de um charuto! Bofé que fôra delicioso o viver do opio, que embriaga. Invejo a vida do turco, fumar e morrer.

Mathus despertou-se como de um somno e respondeu:

— Vai metter-te frade. Embriaga-te no ascetismo da madona!

Um raio da lua nascente veio bater-lhe na fronte. Elle levantou-se.

— Gennesco, vem vêr a lua, seu rosto é pallido, seu andar vagaroso, simelha á moça-viuva, que acorda somnolenta do seu leito de vigilias.

Como ella banha o valle de luz prateada! Seguem-na algumas estrellas, espalhando flôres, e abrindo-lhe a estrada no céo.

Gennesco baforou uma ironia.

— Tens uma cabeça de poeta!...

Mathus olhava o céo.

— Que melodia é aquella que além descanta, na ponte?

O rio sorri ao beijo da lua; eu quizera correr indolente, como o rio.

Gennesco murmurou:

— De aureas ondas, como o Pactolo!

— A população abandona a cidade, e vem encarar a natureza. A poesia é um íman, que attrahe os animaes.

Correr como a onda, cantar como a creança embalada ás canções da mãe querida, eis a vida.

Porque não sonhar-se?

As illusões embalam o viver, desfazem o monotono da vida, e alentam a esperança.

Que seria a humanidade se não existissem sonhos, illusões, miragens, e creações da phantasia?

Que nos importa que venha um dia em que as sombras se esvaeçam?

E' doce conversar com as flôres, cantar com as aves, e interrogar as nuvens, habitantes ethereos, que povôam o espaço, e miram-nos, chamando de seus palacios de crystal!

Oh! eu quizéra ser uma nuvem!

— Bem, não ha muito eras um rio, agora és uma nuvem. E' progresso.

Gennesco levantou-se, e veio encarar o céo.

— Vês além, Mathus, aquella nuvem curvada? Simelha um eremita ajoelhado na porta da sua grutta.

E' talvez uma alma crente, que soffria na terra, e em uma noute de febre, trocou o viver de argilla pelo manto nebuloso de Werther. E' a alma de um suicida.

A vida não vale um tiro de pistola.

— Queres então, em tua philosophia de fumo e champagne encontrar o ramo de Sybilla?

Diz-me Gennesco, não crês no amor, na patria, no suspiro tremente de tua mãe?

O sol, com seu surriso de rei, não esperta em teu peito, esse anceiar para a vida, essa sêde de inffinito, que espiritualisa, embriaga, e constitue o genio?

E quando a noute vem e passa, deixando-te ardente á consultar os palpites do peito, o bater das arterias, e creando teus dramas phantasticos, burlescos, delirosos, não te passam sombras divinas que arroubam e te inspiram desejos?

Gennesco atirou-se á cadeira de balanço, dando estridentes gargalhadas.

— O que chamas, tu, amor? Em nosso mundo de materia?

Será o grito dos sentidos que atira ao lôdo, a virgem, que adormecêra cantando, sonhando, e adorando o crucifixo da cabeceira?

As flôres murcham, todos o dizem, e porque não confessar tambem, que somos todos tratantes, como o dissera Hamleto ?

Diz-me, tambem, que nome dás no sonhar ebriativo, no feliz optimismo do teu mundo de barro, á esse contacto immoral que prende a moça ao velho, a innocencia á libertinagem, o ouro ao ferro, o diamante ao seixo, a candura á caducidade, a virgindade á luxuria, em fim, a vida á morte ?

Percorre a vida de todos os velhacos, estudantes, politicos, padres, e agiotas, o que vês ?

Cada qual tem mascara, um punhal na sombra e um surriso que envenena.

— Estás de máo humor, Gennesco, sei que não pensas tão mal de teus irmãos.

— Outr'ora, Deos mandava diluvios ; afogava uma geração que envelhecera na devassidão, e creava seres mais perfeitos. Hoje, parece que o Creador engeitou a creatura ; o oleiro espantou-se do orgulho do vaso, e cançado de trabalhar em vão, tirou os olhos do mundo, e lavou as mãos como o fez Pilatos.

O amor, tornou-se o objecto vendavel ; a ignorancia, sciencia ; e o patriotismo, cousa ridicula. Lembro-me do meu amigo Pelletan :— o céo está deserto , no vacuo immenso dos mundos não ha mais em lugar de Deos, senão uma immensa risada.

Que dirias se visses o homem caminhar de cabeça para baixo? Andar para trás em vez de caminhar para a frente ?

Talvez disseras ter chegado o Anti-Christo.

E o que vemos na terra?

O politico pensa pelo estomago, caminha como os condemnados do Dante com a cabeça nas mãos, ao geito de lanternas furta-fogo.

Sente de longe a corrupção do irmão em officio, cahe-lhe em cima, como o corvo á carniça ; arranca-lhe os trapos immundos, talha-os á moda do dia, e faz zumbaias, com o sorriso nos labios.

As esperanças de um homem, sua reputação, aspirações de gloria, altura e bondade, nada são se por ventura apparecem no caminho do mais velhaco.

Rasga-se impiedosamente o peito de um concurrente ; tira-se-lhe o coração fazendo-se um bom prato, sem uma lagrima, um remorso.

Quem és, que te apresentas em meu caminho? Que dados tens para disputar-m'o? Pouco me importa: és menos velhaco do que eu... pizo-te portanto. Adeos. Vou além desfructar o naco, que te roubei.

A intelligencia, o civismo e a illustração estavam escriptas n'um velho e carunchoso bacamarte, que as traças roeram; suas folhas foram queimadas para esquentar um banho, e—*ite, missa est.*

Foram-se as palavras asnaticas, que embalaram tantos parvos, que acreditaram somnambulos, que o governo da opinião fosse uma realidade.

Pouah!.... o maldito charuto encheu-me a bôca de cinzas.

— Bem te entendo, Gennesco, tu'alma de poéta, tua natureza sensivel retrahe-se diante das scenas de escandal-o que por ahi pullulam. Estamos é verdade em momento de crepusculo: creanças ainda, fomos embalados pelo canto do soffrimento; nosso sangue corre envenenado pela influencia de ventos ruinosos.

Essa geração que o anachronismo assella, essas idéas absurdas, que lembram o despotismo passado, vão pouco e pouco esvaecendo, e o terreno que estava de pousío, fecunda-se sob a acção de um sol brilhante.

Dia virá, em que nos levantemos de nosso leito de Lazaro; cada seculo tem sua virtude, sua missão a cumprir.

Não está em poder do verme da terra sustar a machina que leva o destino de um povo.

Não é tempo ainda!

Os espectros hediondos, caricaturas de outras éras, que fallam linguagem que não entendemos, apontam o sol que se põe; voltando as costas para o Oriente, hão de cahir esmagados pelo poder da idéa.

Houve um tempo em que a sociedade era uma lavra em proveito de alguns; sciencia, industria, religião, um patrimonio de poucos.

Os privilegiados, unicos usufructuarios dos bens do Estado, calcavam com o alto cothurno, os que idiotamente os contemplavam de cima.

O Pantheismo de Brahma desceu do alto do ascetismo, e tornou-se politica. Elle encarnou-se nas instituições, invadio o Estado, innundou a familia, e suffocou as aspirações sociaes, sellando as aptidões diversas n'um molde de bronze: as castas.

A ausencia de élos sociaes, a verbena maldita que sepa-

rava o irmão do irmão, e, que por um absurdo, tornava á uns senhores, e á outros escravos, veio trazer á sociedade o pranto, a miseria, a estagnação e o desanimo.

A arvore definhava, seus ramos emurcheciam, seu tronco apodrecia, em quanto mil braços impotentes se erguiam para os céos; e sob o nome de Brahma, Ormuz e Osiris, invocavam um poder divino ou humano que lhes désse allivio, balsamo, ao soffrimento.

Pois bem, um dia, Deos ouvio-os, e depôz o genio no palacio dos reis.

O povo já tinha seu guia, o Moysés pedido fôra encontrado.

O céo escureceu-se, a população que era senhora debateu-se em pranto, e os humildes levantaram-se. Em quanto no Egypto as terras esterilisavam-se, os rios seccavam, e a geração soberba esbarrava no tumulo, subitamente aberto, o povo dos soffredores levantava-se, caminhava guiado pelo genio, que levava no cerebro o novo *fiat*, fadado á ser creador de um novo mundo, e pae de uma geração futura. O encanto se desfazia: cahia um mundo, outro se levantava.

O povo de Deos parou de seu rude peregrinar em uma terra, onde o leite o mel e a abundancia corriam á flux, n'um sorriso do céo. Levantou as tendas, assentou o tabernaculo, e sacudio os poentos sandalos: era a geração de Isaac.

Além, era o deserto, mudo, triste, solitario e terrivel: quarenta annos o povo passara, chorando e esperando. A imagem do Deos, que apparecera na sarça, os seguira na columna de fogo, era severa, como a aridez do deserto: o povo adorou-a.

A lei descera de novo, n'um raio de enxofre: lá ao longe, na aresta sombria do Sinay. A geração peregrina estremecera ante o magnetismo do dogma, e no retumbante trovão adorara a Jehovah.

Jehovah é solitario, como o Brahma dos Indios; impenetravel, como Zerwan-Akrene dos Persas. Sua grandeza tem a magestade do deserto; sua lei o terror, sua vista dá a morte. A essencia do deos influio no organismo social: Jehovah não é tudo, mas tudo é de Jehovah. O dogma incuba o germen do despotismo.

O povo molda-se pela pessoalidade de um Deos.

Embuça-se no mundo de exclusivismo, e apresenta cadêas á seus visinhos. Não era ainda, o escolhido do Eterno.

Um dia a planta aromosa que olhava para o céo, e lá das alturas entrevia o mundo, curvou-se á um vento mais forte e descahio, ainda olhándo o céo.

Seus templos foram tambem profanados.

Nas sombras tristes do pallido salgueiro, nas margens assombrosas dos rios melancolicos, seus poétas, verdadeiros prophetas afinavam as harpas, e entregavam as coplas de saudade aos ventos da tarde. As creanças nasciam embaladas aos cantos de suas mães escravas. E as lagrimas eram de sangue.

Na tréva lutulenta, nas tenebras onde o crêr nascia e para logo voltava á terra em pó, Job debatia-se na cinza, e, no seu sarcasmo contra o céo, desafiava o Eterno. Tudo se atrophiava, mas os olhos do leproso-soberbo chammejavam á nova alvorada.

O povo exhausto, á sombra das ruinas, na murchez da natureza e ingratidão do solo, tremia oppresso, e n'um raio do sol supplicava á Jehovah.

O Deos parou, e do alto do céo contemplou os companheiros de Job; uma lagrima de tristeza banhou-lhe as faces e elle fugio... « O Christo, antes de revelar-se, segue quarenta dias os traços de seu pae, sobre a arêa immaculada. »

O Deos do terror se deixára impressionar pelo soffrimento dos homens, e mandou ao mundo, seu filho, como a hostia do sacrificio.

A' um riso do Christo, a natureza muda-se; não é a lenda assoprada e altaneira, ao geito do Hymalaia, que vê cahir a seus pés o povo amedrontado. E' um filho da mulher, pura como o annuncio do anjo, que reveste as fórmas do homem e vem acrisolar-se no soffrimento; penar como o renovo do peccado e lavar a mancha dos males humanos nas ondas quentes das suas chagas divinas.

Os deoses pagões, desde Baal até Jupiter tremeram nos altares e cahiram impotentes diante da doutrina da verdade. A paz, a caridade, o amor desceram á terra nos raios dourados da religião. O rei e o povo, o patricio e o plebeu, o verde e o azul, o poderoso e o humilde trocaram, pela primeira vez, um riso de irmãos aos pés de um berço: é que o Christo vinha solver o problema do destino, apregoado por Moysés e discutido por Job.

O Christo empallidece na cruz, e seu sangue martyr cahio sobre os homens. O astro sumira, mas deixava na

terra um luzeiro celeste. A fraternisação fôra o marco deixado pelo mestre, como a bandeira de sua doutrina. Era o marco milliario, onde se apoiasse o apostolado.

O cheiroso nardo da Magdalena banhára a fronte dos homens na onda benefica da igualdade. Satan, bateu a possante cabeça ás portas do céo, e mordeu a cauda, reconhecendo-se vencido.

O desvario de um fanatismo horrivel, as labaredas de tantas fogueiras, perseguições, extorsões, o morticinio, tudo se pagou diante do divivo Mestre.

Seus delegados não tinham alforges, não possuiam bens, e batiam o pó dos sandalos na porta das cidades orgulhosas. Um prodigio de amor, a lei geral da fraternidade, a emancipação universal, o dogma santo da liberdade: eis garantias de seu legitimo triumpho.

E o mundo reviveu á crença; a esperança cobrio a humanidade, com suas azas iriantes, balsamicas e protectoras. A mulher abandonou o asylo do gyneceu, antes dolorosa, triste e misera prisão; de instrumento de prazeres, do goso puramente sensivel, tornou-se irmã do homem, senhora na familia, e, com o labio perfumoso, depôz terno beijo na face de seus filhos.

A serpente fôra calcada pela virgem.

Os circos foram por terra, os escravos, de cousa, tornaram-se pessoas e reivindicaram direitos de homens, que Deos havia gravado perennes, immutaveis e absolutos, no fundo de seus corações. Spartaco tivera seu dia de gloria.

Os primeiros serão os ultimos, os ultimos serão os primeiros, disséra o Mestre, em sua ultima ceia. Eis ahi sanccionada a mais espantosa das revoluções. A mão do Christo viera ampliar o dogma do Boudhismo e escrevêra, primeira, a phrase sublime: liberdade, igualdade e fraternidade.

Vieram os seculos, não comprehendendo a verdade doutrinal, tiraram consequencias, corollarios illogicos da bondade religiosa. A intolerancia, o despotismo e a superstição, mataram muitos martyres do pensamento e passaram pelo cadaver de Arnaldo e Abeilard.

A razão é fraca; pallido crepusculo nega-lhe justeza de vistas, e verdades ha, que pelo seu mysterio e altura, fogem de sua apprehensão. Só a graça, diremos melhor, uma geração mais perfeita poderá apanhar a infinidade de idéas, que força é ser aceita pelos homens de hoje, pela fé, pela crença, sem algum exame.

Um democrata disse :—« a Igreja affirma, a razão nega. Entre o sim do padre, e o não do homem, só Deos póde collocar a sua palavra.

O progresso não é, como dizem alguns cannonistas, antithetico á religião. Elle segue o desenvolvimento natural do espirito em todas suas manifestações e aptidões diversas, nas sciencias, nas artes e nesse élo mysterioso que prende o finito ao infinito, o homem a Deos, e o creador á creatura.

Onde a religião que não seja o progresso?

Do culto da natureza ao culto do homem, e deste ao culto de um Deos unico, perfeito e bom? Não é isto o progresso?

Padres fanaticos mal comprehenderam taes verdades; é por isso que a sciencia, na Média-Idade, é magia, e o apostolo do pensamento um socio do inferno.

O maior pensador do apostolado, o mais liberal dos filhos da igreja, S. Paulo já havia ensinado que as heresias são necessarias. Por isso a Inquisição, o espectro vermelho, a amiga de um rei cruento, a assassina da Hespanha, será eternamente maldita.

O Christo, o Christo, disse Mathus, cerrando os punhos, prégou o dominio da idéa, reformou a lei, e provou sua missão divina pelo imperio da brandura, da bondade. Seus herdeiros ineptos, indignos da opulenta herança, esbanjaram em saturnaes religiosas, em lides burlescas o sagrado cabedal que Deos lhes deixara.

Prender-nos ao jugo da tradicçãc, negar-nos a liberdade, quando em cada pedra do caminho, em cada marco da estrada, em cada arvore do campo, no céo, na terra, no mar e no imo de nossa alma, uma virtude, um elemento motor, atira-nos ao peregrinar e manda-nos correr para a frente em busca da terra da promissão, que nos sorri ao longe, lá nas orlas brilhantes do oriente esperado? ?....

Gennesco escutava em silencio seu amigo Mathus. Máo grado seu, aquella linguagem de fogo o arrebatava. Mathus continuou:

— Desde que o homem teve por lei, castigo á sua desobediencia, mytho, talvez da contingencia de nossa natureza, pedir á terra o alimento com o suor de seu rosto, que estamos em caminho, de cruz ás costas, seguindo para o Golgotha.

A perfectibilidade de nossa natureza, capacidade que

tem o nosso ser duplo de desenvolver-se, expandir-se em todos os ramos do saber, sciencia, industria, artes, religião... seria um absurdo, deduzida a intolerancia da doutrina do Christo.

Pelo contrario, é quando tudo se tem curvado ao despotismo de uma religião, que se crê firme e bem assente, quando não ha um suspiro, uma idéa, que religião não seja, que tudo se abala, a discussão se trava e novos principios vêm á luz. Não era preciso que La Mennais nos dissesse:—o bom senso nos prova.

Examina todas as revoluções que tem abalado o mundo religioso, estuda o espirito do seculo, em que ellas appareceram, e verás que é quando tudo na religião julga-se firme e seguro, que uma voz grita do fundo do abysmo a phrase horrivel do demonio das revoluções:— o Deos Pan está a morrer!...

Foi quando o vaticano se tornou simples curiosidade, sala de mascarada, camara orgiaca dos Borgias papas, quando seus proselytos de crápula, indifferentes ao bom Deos, curavam do que lhes era exclusivamente externo; foi quando o Papado, ébrio de sangue, surdo pela bachanal e saciado de victimas, esquecia Deos, nos braços da dissolução, que troou pela Allemanha essa tempestade que passou ao mundo, cobrio os continentes, e balouça ainda hoje suas ondas furiosas.

A arvore apodrecia, era-lhe mister nova seiva; seus fructos cahiam seccos, porque o tempo soara á muito; mudo e solitario, seu tronco ahi permanecera como a columna de um templo arruinado. O lago que fôra um dia limpido e sereno, era então alveo de miasmas, pestilento e esteril: veio o vento de Deos e fecundou-o; o vento fôra a Reforma!...

— Muito bem, Mathus.

Gennesco abraçou seu amigo.

— Acceito as tuas idéas; sou tambem dessa escola do futuro, que defende as raias do pensamento.

Não sou daquelles que renegam Luthero, e acreditam piamente quantas calumnias e miserias o fanatismo tem colmado naquella fronte soberba. Admiro Luthero porque comprehendeu a potencia dominadora do mundo; a idéa que ha de cantar victoria sobre os prodigios da força bruta.

O homem de genio, que dizia: triumphante foi a palavra, só a palavra, que emquanto eu bebia cerveja com meu amigo Melanchton, abalou a santa sé, é credor de

sympathias, de enthusiasmo , do culto, talvez dos apologistas do pensamento , sonhadores do voto livre, dos espiritos superiores que tem comprehendido, que o mundo hoje, pertence á palavra, que traduz a idéa na imprensa e na tribuna.

A sociedade caminha para a democracia, que é a formula suprema da força intellectual; a enthronisação das idéas, que importem a maior igualdade possivel no mundo do pensamento e do direito.

A theocracia foi a desigualdade. A democracia será a igualdade.

Esta preside ao maior desenvolvimento das faculdades do homem, suppõe grande desenvolvimento de civilisação, como aquella subentende o privilegio, a casta e a negação do direito.

A theocracia, seria hoje impossivel, absurda e signo do regresso, porque é a immobilidade.

A democracia é a inspiração do seculo , a missão civilisadora dos dias a que chegamos.

E' a fórma symbolica da civilisação da America.

Luthero e Descartes, Rosseau e Voltaire eis os gigantes que abriram as portas ao mundo do pensamento.

A idéa começara seu reinado fazendo estalar a Bastilha, apostatar a realeza, no sangue das guilhotinas, passara elevando a columna de Julho, varrendo a realeza por direito divino, e escrevendo em nosso paiz a epopéa do Ypiranga.

O genio immenso de Guttemberg , o doutor Faust, na crença monastica, não parou ainda, sua missão continúa, novos prodigios têm a obrar na sociedade.

Um hospede, com quem o mundo não contara ainda, veio agora bater ás portas do pensamento: é a opinião.

O sangue gangrenado dos reis, por origem divina, veio vivificar-se na onda quente das veias populares; a ambula dos padres esgotou-se e só subsiste um baptismo legitimo, é a vontade nacional.

Aos reis, que ora sobre o throno voltam a face para o poente, e fascinados pelo novo clarão, tacteam um passado , que morre, errando entre ruinas e sombras, cuidado; segurem as corôas, o vento é forte e póde espatifa-las.

Hosanna, disse Gennesco, em sublime enthusiasmo; podemos bradar o nosso « Eureka » a alavanca de Archimedes está achada: é a imprensa livre!...

E a lua que passava brilhante pendeu a face, ouvindo-os, e beijou na fronte ardente os dous enthusiastas.

IX.

AINDA AO LUAR.

Uma nuvem occultou a lua e uma sombra correu pela terra.

Gennesco dirigio-se ao seu amigo:

— Vês a lua, Mathus? Ha pouco tão brilhante, bastou uma nuvem para obscurecel-a: eis a imagem de nossos sonhos. Para nós ha tambem uma nuvem: é a realidade. Já fallamos do passado, olhe-mos o nosso presente.

— E o futuro, tambem.

— Uma descrença malefica, censuravel e perniciosa inspira as medidas politicas. Cada qual trabalha, tendo em vista, não o interesse commum o adiantamento de seus irmãos, mas seu bem estar individual,

Parece-me que os philisteus, que se dizem do bom senso e tem o desdem nos labios para acolher o talento infante, que canta por que acredita, não pódem olhar-se sem se rirem da bôa fé do povo, como affirmava Cicero, á respeito dos augures.

Patria, progresso, civilisação, solidariedade, burlas, dirão elles, em todos os tempos, em diversos periodos da historia, outra cousa se não vio, e a escola de Verres não deixou de contar innumeraveis alumnos.

Gritai, moços, dirão os santos homens da fortuna, gri-

tai que tendes valentes pulmões, força no ventre e razão sobeja: cansareis um dia e adoptareis nossa theoria soberba.

Quanto a nós: temos no rosto a mascara de ferro, no peito uma commenda talismanica e no craneo mil arrobas de chumbo. Gesticulai, trepudeai, huivai... e viva a sinecura, largos annos de somnolencia ao papalvo do povo. Estamos seguros: a pythonissa philipisará sempre

A imprensa, sublime descoberta, a columna do templo humano, que devera ser pura, como o culto de Vesta, inviolavel, como sacerdocio, tornou-se um lixo onde vão ter as immundices da sociedade.

Os renegados, os apostatas, os continuadores do Aretino, e toda phalange de homens inuteis, que fallam porque tem o orgão vocal, caminham porque tem pés, cospem sacrilegamente na fronte augusta de Guttemberg, e voltam a arma poderosa contra os que mais alto levantam a fronte, olham-nos de cima porque são divinos, e os desdenham porque tem em si o mérito, a intelligencia o civismo, e a dignidade do homem de bem.

Os homens castos, os pudicos da politica, que estigmatisam o escandalo e fogem, deixando o manto, como o filho de Jacob, são por uma retorsão infernal, accusados, feridos, enlameados, pela causa que os eleva e os innocenta.

Vê, meu caro e sonhador amigo, é tão grande a desmoralisação á que chegamos; a geração tardia debate-se tão fundo na lama politica, que se aponta os moços, que dizem o que sentem, confessam o que entendem, como se se visse um pocesso, um escapo do hospicio — Pedro II.

Tu que tens tanta fé em tu'alma, alentas no peito ardente esperanças tão bellas, serás julgado animal curioso, urso branco, macaco verde, e serás apontado como a onça de gaiola que passeou no carnaval.

Quando entoares teu hymno de triumpho e esperança no progresso, no futuro, na democracia, terrivel pateada acolherá tuas notas e mais de um labio de mulher dirá que bebeste muito ao jantar, ou que te constipaste olhando ás estrellas.

— E tantas intelligencias que ha por ahi, tantos moços de esperança?

— Esperanças? Sim, é bom não descrer. Não sou bem o sabes, um pessimista, litteralmente falando, quando

vejo um rasto de animal examino-o ; ora, *infelizmente* de ordinario encontro um casco de burro, uma ferradura de asno ; burro significa *burro*, e eu uno a palavra ao nome, sem pretenção ás orelhas de alguem

Creio na mocidade, amo, até o delirio, meus irmãos de idéa ; e tenho sempre uma palavra sympathica para seus talentos ; espero nas intelligencias academicas, como nas filhas inspiradas de Deos

Demais, meu amigo, são corseis possantes, têm fogo nas veias, não foram domados ainda ; e na força da natureza hão de correr para a frente, atirando couces, mordendo forte os piolhentos, nafegos, mancos e cégos sendeiros, que lerdamente se encaneceram nos pastos pingues, semilhantes aos caducos patriarchas da tribu asnina e cavallar.

Mas que queres ? Nem todos serão assim. Hoje, o apostolado da intelligencia, a sancta inspiração do democrata; amanhã talvez, a maldição do passado, o sacrificio da idéa, e o culto cégo aos desvarios do poder.

Se pudesses como o protegido de Asmodeu, encarar do tecto das casas o que por ahi vai, ou se tivesses os *famosos oculos da velha*, senão enlouquecesses, como aquelle moço, que posto zombar de almas penadas, ensandeceu acordando com um cadaver no leito, fugiras espantado de abas ao vento como já o fez Rousseau, ou te riras como Aristophanes. Anacreonte, Voltaire ou H. Heine.

Estamos cercados de homens de má fé, calumniadores, arautos de más novas e caricaturas de Scapino.

Os proprios irmãos de idéa, os filhos do mesmo partido, que beberam na mesma taça, sentando-se juntos á mesa civica, redicularisam-se, combatem impiamente e calcam o irmão d'armas, apupando a mesma bandeira. Entristecem-me taes scenas e duvido ás vezes descrendo dos homens e das cousas.

— E' triste verdade o que dizes, mas esperar é tudo. Não se constitue um povo, não se cria uma nacionalidade com uma simples pennada, ou phrase eloquente. Lembra-te das revoluções, das lagrimas e dos soluços, que tem embalado o berço das nacionalidades.

Os máos foram de todos os tempos, e a liberdade, virgem candida, tantas vezes profanada, tem visto muito traidor, muito vendilhão enodoar-lhe as vestes, morreu por isso ? Não. Olha, medita e espera.

O Brazil não é essa creança bella, risonha e feliz, como

por ahi papaguèam: é antes o irmão gemeo de Quasimodo; seus membros quebraram-lhe seus algozes, tornando-o um tronco informe.

Em quanto hymnos resôam e ovações á liberdade echoam pela terra; em meio das flores, das luzes, dos risos, dos festins, passa uma sombra triste, como o protesto contra o banquete dos livres, é o escravo.

A metropole legou-nos um triste dom: bordou nosso manto de uma côr infame. O Nesso moribundo brindou-nos com uma tunica envenenada.

Em quanto a espada do guerreiro degenerado abria caminho em nossas florestas e brilhava, não procurando o povo, por conduzil-o ao redil sagrado, mas por tomar-lhe as riquezas e leval-as ao esbanjamento do jogo, dos jantares e orgias da côrte, os filhos do Brazil corriam para as brenhas e levando nas costas seus innocentes filhos, escapos casualmente aos cavalleiros de industria, iam carpir ao longe a fatalidade da conquista.

A mal entendida piedade de um santo homem, que julgava os homens pelo seu coração, fez apparecer entre nós esses camelos de dous pés, dous braços e que trazem escripta na negridão da côr a macula da escravidão.

Eis o nosso passado colonial. Tudo, que entre nós pensa, maldiz a escravidão e a série de consequencias terriveis, que a acompanhou; sente a necessidade de seu desapparecimento, mas cahe impotente porque o mal tomou fundo e nem é tão cedo que o possamos evitar.

— Sim. Mas não se segue d'ahi que não devamos gritar contra tão barbara instituição. Se os nossos labios se fechassem, do céo, da terra, do mar, dos montes e florestas, um brado levantar-se-hia defendendo a causa dos oppressos.

Em nome da moralidade, do impulso generoso de nossos corações, em nome da historia, do futuro e das gerações vindouras.... protestemos, não sejamos complices de tão immenso e barbaro assassinato.

A escravidão é ferrea e barbara, como a pena de morte: aquella rarêa, esboroemos a outra.

— E as nossas letras? Pobre litteratura.

O homem de talento, longe de pensar no modo de abrir vastos horisontes, rasgar mares desconhecidos á actividade social, tem necessidade de ajuntar dinheiro e prepararum cabedal que lhe dê independencia.

Quando o estomago pede alimento, a penna do poeta,

ou do philosopho, estala sobre o papel e muitas vezes terminamos uma ode, passando uma letra.

Ainda não comprehenderam uma verdade e é: que o homem de talento, o pensador, o obreiro da idéa, trabalha tanto ou mais que qualquer traficante, ou homem de covado na felicidade commum

Não se aprecia um livro, uma composição nova, em nosso paiz se por ventura não n'a precedem titulos e encommendas, em fórma de prologo. Para saudarmos um cantor novel é preciso que a imprensa tenha escripto em letras garrafaes, que o moço é de esperanças, e, trabalhando póde produzir alguma cousa.

O que se chama opinião publica entre nós, é tão mesquinha que o poeta, o philosopho, o prosador eloquente não é conhecido, se acaso não pagou ao typographo uma publicação em regra, uma noticia *ad hoc*.

A politica tudo absorve, em tudo influe, não somos daquelles que a reprovem nos moços. O que é a politica?

Não é a espada como o pensava Carlos XII. Não é a arte de enganar, como o apregoava Machiavel.

E' a cupola do edificio social. E' a montanha onde deve reunir-se tudo que é grande em um paiz. E' o cerebro da nação.

A litteratura não lhe é hostil; a poesia não é a sua negação. Na época em que estamos, á menos de cahirmos no somnambulismo, não podemos levar a poesia para o passado e escrever no templo das musas:

Non me agitant populi fasces, aut purpura regum.

A poesia é a vida: deve, portanto, abraçar todos os ramos de desenvolvimento que rezume actividade social.

A politica e a litteratura caminham ambas para o mesmo fim; longe de hostilidades e negação de hospitalidade mutua, ellas devem-se pelo contrario, o pão da viagem, auxilio no movimento commum. D'ahi a necessidade imposta ao governo de proteger as lettras. Os Lycurgos, os Solons e os Moysés, tambem foram poetas.

Espalhemos a civilisação pelo povo, arranquemol-o á sorte malfadada desses prisioneiros Schythas, á quem eram arrancados os olhos para não verem seus verdugos, e o nosso estado de cousas hade melhorar.

Façamos sentir ao cidadão a magestade que o rodêa, lembremos-lhe sua soberania de homem livre, e teremos o voto livre e politicos legitimos.

Se a poesia blasphema e que...

— Não vês Mathus, como a lua vai bella, de uma belleza merencoria?

— E' talvez o Niobe da America chorando pela sombra de seus filhos.

— Sim. Lamenta, talvez seus filhos que banharam com sangue a terra livre da America.

Que coincidencia? A America nos foi legada por um martyr. A democracia já tem aqui as paginas do martyrologio.

O rio ali passa risonho, e a briza da noute suspira, á vida... ao lado ahi dormem os mortos, e os raios da lua brincam bellos n'aquelle velho pardieiro.

Os dous moços encaravam estaticos o brilhantissimo da noute, e em silencio seguiam o curso inconstante de seus sonhos de vinte annos.

Bastava ver-lhes as frontes soberbas para sem orgulho fallar com Lavater, que eram duas capacidades; almas ardentes e cuja natureza se alimenta de luta.

Mathus quebrou o silencio. Já luziam os primeiros clarões da manhã.

— Não é bello tudo isto, Gennesco? Pois bem.

Dia virá em que os montes rolarão, os rios deixarão seu alveo, a terra se abaterá e estará dita a ultima palavra da humanidade.

Mas a igualdade, a liberdade e a fraternidade não passarão... Christo o disse e o Christo era Deos.

— Ajoelhemo-nos ao pé da cruz, como o discipulo amado; olhemos noss'alma, ouçamos o hymno de crença que a religião ensina á creança, assim como ao homem tanto ao sabio como ao ignorante, ao barbaro e ao civilisado; e quando a tormenta da terra, a mão de Satanaz, passar-nos pela cabeça, encaremos: no céo um Deos e na terra, o ser que resume na divindade do sorriso, e no gesto, na fronte, nos labios e no coração os raios do infinito: « nossa Mãi »

— Sim: soluçou Gennesco, esperemos.

Foi um momento sublime.

FIM DO LIVRO PRIMEIRO.

LIVRO SEGUNDO.

GABRIELLA

L'homme est un apprenti, la douleur est son maitre,
Et nul ne se connait tant qu'il n'a pas souffert.
C'es une dure loi, mais loi suprême
Vieille comme le monde et la fatalité,
Qu'il nous faut du malheur recevoir le baptême,
Et qu'á ce triste prix tout doit être achetê.
Les moissons pour mûrir ont besoin de rosée
Pour vivre et pour sentir l'homme a besoin des pleurs;
La joie a pour symbole une plante brisée,
Humide encor de pluie et converte de fleurs.

(POÉSIES NOUVELLES).

A Mattos Lima

A ti, meu amigo, offereço este conto.

Não é uma simplicidade á Perrault; uma ballada á Burger, ou arrepiador mysterio de Tieck. Ah! não. Santa Barbara!

E' um simples roubo feito ao *memorandum* de Gennesco.

Tu bem conheces a bella mulher que aqui veste as fórmas romanticas da pallida Gabriella.

Uma dessas frontes de Paulista sonhadora; olhos tão vivos como as estrellas de sua terra; ternos como seu crepusculo de inverno.

Não te recordas?

Aquella tez pallida, aquelle ademan de princeza, dentes alvos, boquinha perfumada?

Um riso de magica melodia nos labios, e um poema n'alma?

E o gesto que faz sonhar dramas de vertigem loucos, tão loucos como os phantasia a imaginação de 22 annos?

Sim, meu amigo, rascunhei esse hymno em prosa que ahi vai, em uma época notavel em meu viver de sonhador. Eu amava ou suppunha amar.

Depois não sei porque união legitima, a musa do lyrismo abraçada a Uhland (por matrimonio legal creio eu) me murmurava aos ouvidos:—« se não cantares tua vida inteira, canta ao menos no fogo da mocidade. E' quando a lua vai em maior brilho, que os rouxinoes elevam suas vozes. »

Ora vês tu que asneira?

PRIMO:—eu não sou, não fui, nem serei nunca um rouxinol.

SECUNDO :—de meu amor, eu acordava, apalpava e encontrava apenas o esqueleto da vida, o espectro da solidão, guardando-me em um sepulchro vivo.

Desesperei. E então com os dedos sujos de tinta e uma lagrima nos olhos, eu enchi resmas de papel, ardente, convulso, quasi doudo.

E' por isso que o *Poeta*, drama em 4 actos, que escrevi por esse tempo, enlouquece e aperta nos braços apenas o cadaver de sua amante.

Veio a reacção; e na comedia, *Dous estudantes*, eu ri-me da vida. Na facecia de Figaro e no riso truanesco de Rabellais, vinguei-me do ardor da paixão e do pesadelo do meu amor. Rolei de Hamleto ao pançudo Latreaumont.

Mas tudo foi baldado.

Eu sonhava sempre; e apesar de carregar o rosto e fechar a porta, eu ouvia o mesmo som divino e soffria os mesmos tormentos. Até que uma noute (eu soffria dos diabos azues) adormeci, tendo planejado umas *Vesporas Sicilianas*, ou pelo menos um S. Bartholomeu de mulheres.

Queria matal-as a todas.

Em sonhos porém, vi passar cantando sobre a nuvem a fórma vaporosa de Eloa, essa mimosa phantasia do mais puro dos poetas, Vigny.

Fiz como Satan, sorri, chorei, lamentei, depois supliquei-a; a formosa filha de uma lagrima do Christo doeu-se de mim, e... quando eu a apertei em meus braços, dei uma gargalhada infernal; acordei.

Estava em suores frios, mas em torno de mim nada se havia mudado. Os moveis estavam no mesmo logar, meu cãosinho de gesso olhava sempre para o tecto, e o livro de *Stello* que eu adormecera lendo, estava de pernas ao ar, junto a meu leito.

Tudo continuava no mesmo estado, mas eu... eu havia completamente mudado de pensar a respeito da mais bella porção da nossa especie.

Amanheci idolatra da mulher; e prompto novo D. Quixote a atacar quantos carneiros ou moinhos de vento se levantassem entre mim e a minha Dulcinéa del Toboso.

Eu a divinisava, mas estava curado; já não a amava.

Eis ahi: vês, esse *romance* é uma loucura.

Ha ahi algum ascetico e é muito logico:—escrevi-o em jejum, embalado apenas na fumaça de um cheiroso Manilha.

A proposito, dou-te uma receita infallivel, quando estiveres enamorado, fuma um bom charuto e escreve, verás que tua bella não vale o fumo que se esvaece.

Ainda um charuto.

Escuta: toma um conselho de amigo; quando lêres este conto (se é que consentes em abandonar M..., de Maupin para engulir essa tisana que se chama *Gennesco* accende um charuto forte, fortissimo e bem grosso, e consubstancia-o; porque em breves momentos estarás ébrio evitando assim o tédio da leitura.

Crê sempre em teu fidus Achates

THEODOMIRO.

S. Paulo, 12 de agosto de 1861.

GABRIELLA

I.

A VISÃO.

> Tão bella, tão encantadora, eu vejo ainda sua graciosa imagem diante de meus olhos.
>
> (INTERMEZZO).

Agora, leitor, peço-te um pouco de seriedade. Vamos a um mundo novo, onde o riso é celeste, e o amor ideal de pureza.

Atravessamos um triste deserto, lá deixamos urses, penedos e areaes que matavam, entremos agora na planicie meiga, no reino dos oasis, onde o regato rola, rola, surrindo para as flôres.

Depois das sombras a luz, após o Inferno e o Purgatorio —o Paraiso. Troquemos a Venus pagã, o escandalo, a libertinagem e a devassidão pelo puro amor, platonica idealidade da madona moderna.

Vou narrar-te a pequena historia de uma paixão. E' uma pagina arrancada ao album de Gennesco. Ha nella um vento triste que sopra saturado de lagrimas.

E' um coração nú que palpita e que sangra. Escuta:

Era uma noute de espectaculo.

Gennesco em meio de seus collegas, ria-se e folgava, perdido nessa prosa elegante, pilherica, vertiginosa, que é o viver do estudante; e a unica athmosphera respiravel por seus pulmões de moço. Já um por um, tinham sido notados os vestidos das moças; mil commentarios ventilados, discutidos, acceitos e contradictos, haviam appa-

recido nas cadeiras onde estavam elle e seus patuscos amigos, quando subindo de camarote em camarote, seus olhos fixaram-se em um ponto. Gennesco levantou-se, e encarou fitamente um camarote de terceira ordem onde se enxergava apenas a sombra de uma mulher.

Era na verdade uma sombra: tão triste era seu rosto, a figura vaporosa, e o vestido escuro.

Era um rosto todo brazileiro. Pallido, oval, de um moreno avelludado, roseo e transparente como mimoso papel de ouro. Fronte alta, diaphana, e digna de uma corôa.

Seus olhos eram langues, muito langues, mas quando se volviam, associavam o magnetismo pupillar das filhas do Oriente. Eram como um fóco concentrando o raio ardente de nosso sol da America.

Cercava-lhe os olhos sensivel orla de um rouxo-escuro, que parecia revelar o segredo de nocturnas insomnias.

Não fôra acaso a mão de alguma fada travessa que os ornára assim, ao modo das bellas do Oriente?

Não sei: eram bellos, mais bellos por aquella tinctura.

Tinham um brilho especial, e quando os humedecesse alguma lagrima, necessariamente haviam de recordar uma gotta de orvalho, scintillante na corolla da flôr, por uma bella manhã de abril.

Eram olhos sem par, mais eloquentes do que nossa palavra.

Seus cabellos negros e setinosos, rolando sobre o vestido escuro, vinham balançar-se sobre dous hombros largos.

E pela delicadeza da bôca poder-se-hia idear um accento voluptuoso, arrastado e cadente, como os ha em S. Paulo; quando a Paulista tem bons dentes, lê romances e os põe em pratica.

O que admirava porém, não era a belleza das fórmas; era uma attitude soffredora, um que inexplicavel, contando a olhares amestrados dramas pungentes, tempestades por aquella alma de mulher.

Seu riso raro, mas visivel, era antes a convulsão de um peito em fogo, do que reflexo de ventura e de calma; não era essa quietação estupida, que embala as moças ricas repletas de fatuidade.

E em meio de tantos vestidos de luxo, tantas rendas, enfeites e arrebiques, o vestido preto, o trajo de lucto, que apertava os membros daquella mulher, mostrava a mais doce simplicidade e modesta pretenção possivel, em uma cabeça feminina.

Ella trazia um leque escuro, que se abria preguiçoso como a aza de um corvo.

Não sei se o doudo Gennesco pensava comigo, mas para exactidão dos factos, direi sempre, que seus olhos prenderam-se áquelle camarote e embalde tentaram seus ruidosos collegas arranca-lo ao mysticismo parvo que então o abateu.

Seccou-se-lhe a fonte de pilherias, e sua fronte carregou-se, como á pressão de um plano arriscado.

Seria a voz rouquenha do trombão, o miar da rebeca, ou o estridor do zabumba que o atormentava?

Não sei. O pobre moço mirava o famoso camarote, volvia-se á direita e á esquerda, empurrava a uns, repellia a outros, e continuava em uma agitação escandalosa.

Ao levantar do panno seu chapéo lhe ficara na cabeça, e fôra de myster uma vaia dos collegas para desperta-lo.

Dicididamente, Gennesco achava o espectaculo bem longo, aquelle barulho do mundo importuno, e pagára de bom grado, por se ver a sós, com a linda mysteriosa.

Era de mais. O moço tomou um binoculo, e após enganar uma velha, que esperando o ataque se posera em linha, concertando o nariz, assestou-o (o binoculo e não o nariz) contra o camarote da visão...

Desdem, ou pudor, a bella moça retirou-se da frente, occultando-se no fundo do camarote. As mãos de Gennesco cahiram inertes e seus labios tremeram convulsos.

Um roliço gallego, que lhe ficava ao pé, surprehendeu seu despeito, e escancarou os dentes amarellados careteando um sorriso. Um murro pesado retumbou-lhe no costado. Elle quiz replicar, mas cem pulsos levantaram-se e o pouco odorifero contendor tomou o partido do silencio.

No entanto a mysteriosa fugira; e Gennesco debalde começou a fazer um motim diabolico, a ver se a attrahia ao camarote.

— Péo, péo! gritavam.

— Dá-me o pé, papagaio!

— Fóra, gallego, eia, burro!

Esses gritos cruzavam-se, embatiam-se, n'um barulho infernal. Mas a moça não vinha. O panno cahio em meio de uma vaia estripitosa. O espectaculo findou-se.

Todos partiam. Havia confusão na sala.

Um mancebo pallido, palpitante e importuno, mirava um por um o rosto das mulheres que sahiam,

Uma sombra avultou na escada: ELLA partia, seguida de uma creada, mulher já idosa.

A desconhecida recuou diante de dous olhos vivos que a fitavam; hesitou.... e aproveitando dos empurrões que se davam os estudantes gritando pelas bengalas fugio por uma brecha.

Um carro a esperava.

O moço ardente tentou tamar-lhe o passo, mas um riso rapido, rapido como um tiro, correu-lhe ao canto da bôca.

O cocheiro estalou o chicote e o carro partio á galope, levando-a como em um sonho.

Um suspiro tremeu nos labios do desconhecido. Era um louco.

Montado apenas nos corseis de S. Francisco, elle correu atrás do carro, como se tentasse alcançal-o. Sandice.

O carro ia á toda brida.

O pobre moço perdeu de vista e de ouvido, o carro no dobrar da primeira esquina, e deu accordo de si atolado até os peitos, n'um dos inumeros atterros lamosos que povoam a Paulicéa.

Diabo! gritou elle, passou da poesia á prosa, do romantico ao classismo, sacudindo as botinas enlameadas no encosto de um lampeão.

Um raio de luz cahio-lhe no rosto e aclarou as feições de Gennesco.

Quando o nosso heróe tornou á si, tentou firmar na mente ligeiro quadro das aventuras da noute.

Lamentou a precipitação com que obrára tentando alcançar á pé, um carro que fugia galopando tirado por duas bestas.

Gennesco encarou uma vez o caminho que tomára a moça e embora ardesse na curiosidade de conhecel-a, appellou para o dia seguinte.

Era uma fria noute de inverno. O céo estava rebuçado em seu manto pardo e cuspia um orvalho gelado.

Nem lua, nem estrellas.

Gennesco embrulhou-se no sobretudo e dirigio-se para a casa, levando as calças cobertas de lama.

Por entre as brumas que soffocavam nos braços a cidade de S. Paulo, elle julgava enxergar a linda visão; e uma vez, até correndo para ella, o moço namorado foi bater nos duros cornos de uma vacca.

A imagem d'aquella sombra, sua tez morena, seus olhos negros e a trança luzente, passavam encantadores pela cabeça do moço; e seu coração batia presentindo que

felizes momentos, poderia gozar o poeta que se reclinasse n'aquelle seio.

Gennesco tocava os seus 22 annos. Tinha o direito de sonhar.

Debalde elle tentava olvidal-a.

Tanto mais lindo era o relevo della, quanto maior seu esforço por esquecel-a.

Sentado ao pé do leito, com a cabeça em fogo, e a curiosidade á gritar-lhe ao ouvido, Gennesco monologava sobre a aventura do theatro.

— Quem era ella? Tinha pais, amantes, ou esposo? E o lucto?

E'ra visão?

Neste ponto, Gennesco olhou, e tirou as botinas e calças enlameadas, provando á si mesmo a realidade da moça, pela existencia do atoleiro.

Elle continuou:

— Era sem duvida, alguma filha de padeiro, mulher de alfaiate, ou viuva de sapateiro, que fôra á gastar suas economias de officio, n'uma noute de camarote; e para completar a fólgança, fizera arrastar sua pesada importancia por dous valentes urcos.

E não se admire o leitor, se Gennesco assim pensava.

Em S. Paulo taes acontecimentos são muito frequentes. Não é de espanto vêr-se collocada em alto camarote, perfume nos cabellos, leque ao vento e namoro em scena, a dengosa cozinheira, que em outro dia desconhecerias, com o balainho debaixo do braço ao voltar das compras para alguma Republica de estudantes.

— Seria, por ventura, alguma donzella do interior, vinda a S. Paulo por occasião de eleições?

Gennesco bateu na fronte.

— E' verdade que ella tinha orgulho de cidadã activa; e no mover indolente do leque dava ares de aristocracia popular. Mas aquelle silencio?

— Não. Não era: senão teriamos ouvido discussão no camarote.

A politica tem rastejado tanto, que não ha desconhecido, ou indifferente no genero do animal pensante, que senão eleve á altura de orador. Todos intendem da governança; fallam em soberania, e enrouquecem na defeza de suas theses.

Eu vi, uma noute, uma respeitavel senhora esquentar-se tanto na defeza de um presidente; e fanatizar-se pro-

vando que seu partido, o CONSERVADOR, era o verdadeiro, o patriota, o sincero, o ordineiro, caminheiro, rotineiro, (e outras cousas acabadas em eiro, por exemplo: ratoneiro, estanqueiro,) que tomei o chapéo e puz-me em guarda, temendo que ao geito da hespanhola, um punhal me trouxesse na ponta a convicção de seus discursos.

Ou que minha fragil individualidade, que infelizmente com ella não partia o pão da idéa, desapparecesse sepultada no montão de raciocinios, motivos prós, e theses que sua bôca de syllogismo truncado, cabeça de solecismo e braços de barbarismo, atiravam ás ventas da familia auditora como grandes pitadas de esturro politico.

Gennesco resumio seus planos; e chegou á conclusão final, isto é, não a conhecia. Dizia comsigo:

— Sei apenas que é bella, encantadora, romantica, attractiva e.... calou-se.

Estava exhausto o diccionario dos epithetos.

Elle atirou-se ao leito. Fez tres cruzes na bôca, e bocejou, segundo o breviario fradesco.

Quando o somno com seus dedos de velludo preto, e halito de papoula, prendeu-lhe as palpebras pesadas de MORBIDEZZA, elle suspirou, entrevendo no *dulce far niente* ébriativo a imagem scismadora da mulher da noute. Seus labios deixaram escapar com respeito, a palavra *amor* que perdeu-se no tecto, espantando talvez alguma ratazana, que tomava o fresco.

O amor fôra em busca da visão.

II.

A VÍSÃO TOMA UM CORPO.

Sim! Sim! Vêl-a!
Quero vêl-a! Em nome do céu!
Vêl-a um instante e morrer!

(ANGELO.)

Não sei se Gennesco sonhou com a linda visão. O certo é que elle debateu-se em presa a um somno profundo.

Sua fronte suarenta appareceu mais pallida que de ordinario.

Um raio do sol do oriente coou pelo vidro de uma janella e queimou a face delle

Gennesco debateu-se esfregando os olhos, como quem não havia muito se encostára para descançar.

Já não era cedo; a manhã passára-lhe pela janella; tentando embalde accordal-o com seus cantos de passaros, frescôr de céo e correr alegre do rio.

A terra mandava em fumo, o beijo humedecido que o orvalho lhe doára.

As aves, umas preparavam-se á banhar o corpinho na onda; outras voejando, encontravam-se no ar suspirando de amor, na rapidez dos beijos.

As nuvens eram lindos lozangos, e excentricas figuras na porta do céo, que azulado e lindo, surria-se no riso do sol, orgulhoso de vêr a terra, su'amante, tão seductora e alegre.

Eram flôres e cantar de passaros.

Não havia mais esse silencio da terra, quando o céo falla

pela luz das estrellas, scintillar dos astros e o orvalho que gotteja é como a lagrima de offerenda, um tributo que o mesmo céo paga ao Eterno, em troco da belleza que ostenta.

Era uma linda manhã.

No raio ardente do sol o divino da natureza ía tocar o infinito. E o dia éra o arco-iris da esperança.

Tão bello ia o amanhecer.

Gennesco dormia. Estava deitado de costas e saboreava esse bem-estar delicioso, que precede ao completo despertar: entrevia vagamente a realidade; estava neste crepusculo da alma, pelo vapor dos sentidos, que se espreguiça entre o vêr e o não vêr, entre o que não é e o que foi.

Sua cabeça descahia pesada no travesseiro, e suas mãos luctavam por afastar o raio do sol que o queimava.

Soou uma pancada na porta.

O murmurar do madeiro abrindo-se fel-o pular na cama desperto.

Um vulto negro, cabellos encarapinhados, nariz chato, olhos brancos e duas pupillas negras como dous bagos de uva preta nadando em vaso de leite, fixava Gennesco na passividade do escravo.

Era o moleque e o café.

Gennesco sorveu o máo liquido que para damnação dos Apicios, os Paulistas chamam café.

— Que horas são?

— Oito, Senhor.

— Da-te pressa em deitar agua na bacia, e escovar as botinas.

— Sim, Senhor.

O escravo sahio. Gennesco levantou-se inquieto.

A imagem da bella desconhecida encantava-o. Aquelles olhos pretos, pretos os circos que os rodeavam; aquella attitude de soffredora... tudo isto levava-o de conjectura em conjectura ás mais extravagantes hypotheses.

— Será ella poetisa? Organisação doentia, alma de sensitiva, morrendo e desmaiando ao toque da inspiração?

Era alguma costureira, á quem a febre do trabalho tivesse feito emurchecer na delicadeza da epiderme? Não sei, pensava Gennesco.

Minha imaginação perde-se, quando scismo naquella sombra.

Mal sabia o moço que na folha branca e pura de sua

vida, uma paixão sincera e virgem, começava á ser escripta pela mão de Deos, do acaso ou de Satanaz.

Será certo que o amor, esse sentimento sublime fonte de tantos heroismos e desvarios famosos, não tenha realidade na terra?

Será um sonho, como já o disse a imaginação livida de Byron?

Será simples phantazia humana, como a crêa a mão do estatuario? Animando, formando e divisando o barro que tomou?

Por que á noute as estrellas são mais bellas, e seus raios beijam scintillantes a face azul do lago?

E Julietta, Ophelia, Miranda, Cordelia e Marion de Lorme, foram apenas sonhos, puras phantazias, pesadelo, insomnias, no cerebro sublime de Shakspeare, ou de Hugo?

E Desgrieux, St-Preux, Werther, Adolpho ou Romeu, serão acaso brincos, manequins de purpura, com que os poétas nos enganaram.

Gennesco olhava o céo, que magnifico, sorria-se promettendo um dia bellissimo.

Nas nuvens brancas que bordavam a abobada, no azul dos montes, que se levantavam sublimes como sombras perdidas n'um véo transparente; onde a poesia cantava, elle divisava um rosto moreno, pallido e lindo, como as madonas de Italia, e um suspiro vinha indiscreto revelar a existencia contínua da visão da noute.

Elle começou á passear á passos largos, medindo a área estreita de seu quarto. Parou defronte á meza, apanhou um livro e abrio-o:

Eram as *Cartas de um viajante* de Jorge Sand.

Seus olhos humedeceram e uma lagrima triste correu-lhe pela face lendo as palavras seguintes:— « adormeces logo que te deitas?

« Não vem um demonio sob fórmas de anjo pousar-te á cabeceira e gritar-te: o amor, o amor! a ventura, a vida, a mocidade! Emquanto teu coração desolado responde:— é tarde. Poder ser, mas não foi.

« O' meu amigo, passas noutes inteiras á prantear teus sonhos, e a dizer á ti mesmo:—« eu não fui feliz?!.. »

Gennesco atirou o livro. Curvou-se sobre a meza, opprésso por um peso horrivel. Elle disse:

— Tambem tu, mulher, soffreste males terriveis. Os homens perseguiram-te como sacerdotisa do vicio. Teu genio immenso, tua sensibilidade extrema, fadaram-te victima do

amor; e foste calcada por aquelles mesmos á quem déste a parte mais nobre de teu corpo:—teu coração de mulher.

Por que vens agora, demonio, sob fórmas d'anjo bradar ao triste as palavras do nada?

Coveiro funebre vens lançar teu punhado de terra no infeliz que agonisa!

Gennesco accendeu o charuto.

Procurava enrolar nas nuvens do fumo a impressão que o dominava. Não durou muito.

O charuto esturrava. O moço bateu com o pé, e o pobre charuto, descrevendo rapida curva, cahio espatifado, em um angulo do gabinete.

Gennesco ergueu-se, lavou o rosto e vestio-se.

Na pressa com que o fazia, na impertinencia, no atar a gravata, nos gritos pelo moleque e pelas botinas, lia-se a vivacidade do candidato, ou *fervet opus* do namorado.

Nem almoçou!

Era extraordinario: sacrificar o estomago ao coração, o corpo ao espirito e a quietação ao movimento! Era milagre!

Que bom par de risadas não daria farfalhudo frade ou seu alumno, sentado magistralmente em frente de uns óvos, cultivando a vinha do senhor, regada por frequentes gorgomilos.

Inda bem que Gennesco não morava no convento. Elle sahio.

Ia apressado como um freguez que vai lêr no jornal o resultado do bilhete que comprou. Como o estudante que vai tirar mezada, ou a moça que corre á Igreja, á vêr o santinho de gravata de renda, calça-balão e casaca, á dragonas.

Ao passar pelo portão pareceu-me ouvir-lhe dizer.

— Heide encontral-a!

Elle subio a ladeira, e desappareceu em uma das ruas da cidade.

Ia em busca do velucino d'ouro?

Partia, novo Colombo, em busca da America?

Iria viajar em torno do globo?

Ia sentar praça? ou metter-se frade?

Não sei. A visão se tornára realidade. A sombra tinha um corpo.

Eu creio que Gennesco estava decididamente apaixonado.

III.

UMA LUTA NAS SOMBRAS.

E essa alma, a irmã de minha alma
Ai, como a esperava, para amar e soffrer!

(EMILIE DESCHAMPS).

Entre os problemas difficeis que a humanidade tende á resolver, desde os primeiros tempos e cuja solução foge da mesquinhez do espirito; no legado das éras, quando a palavra de um seculo é commentada pelo outro, e mais uma letra se ajunta á descoberta de uma linha, figura ou vestigio de uma incognita, ha uma questão que zomba da critica racional, escapa ao escapello do pensador: é o amor.

Existe o amor? E' possivel sua realisação na terra?

Que natureza tem? E' material, é puro espirito, ou é um mixto?

Entendam como quizerem.

Não sei quem ama: se santa Thereza em sua hysteria mystica, ou Aspasia e Marco, ou a belleza do dia, fanatica no culto sensual do deos Pan.

Como negar no entanto o amor?

E o céo, e o mar, e a terra, e o vento, e as flôres? Que nome dar-se á essa nota perdida que echôa na encosta e faz scismar o poeta, levando embrulhado o pensamento do philosopho?

E' que tudo perdeu-se e o mundo é a desillusão.

Vê a mulher e a mulher de todos os tempos.

Na quadra infantil quando seus labios puros sorriem em preces a Deos e as mãos levam innocentes a florinha ao cabello, tudo é placido e quêdo naquella natureza.

Suas faces não córam no olhar do mancebo e seus dedos roçam timidos pelos dedos do mestre sem pensamento de malicia. Lendo atravéz de sua alma, verias lindo espelho, reflectindo puro o olhar de Deos.

Eil-a: cresce em annos, em corpo e em volupia; suas fórmas arredondam-se e ganham esse cadencear voluptuoso, perfume de vida que vai tão bem á natureza das Evas.

Mão mysteriosa lhe avelluda os seios e engasta-lhe nos olhos lindos, dous nichos de santa, derramando um aroma do céo naquelle templo de castidade.

Um sorriso divino abre-lhe os labios de innocencia; sua fronte liza é a estrella d'alva, e seu pézinho salta imprudente, de sob as vestes, como um modelo ao estatuario.

No setim dos cilios, na transparencia da cutis, na intima harmonia que prende as partes do mimoso corpo, em uma melodia de ventura, escreveu Deos a palavra do céo: — *belleza.*

No correr da walsa, no passeio á tarde, no pendôr á janella, os que a vêem, sorriem-se e enlevados exclamam: eis uma bella moça!...

O vento leva nas azas leves a palavra magica, e murmura-lh'a aos ouvidos.

Ella... ella pende-se ao espelho, mira-se e aperta mais a cintura, e deita mais flôres na trança de perfume. Tem nos labios um fio do perolas, sorri-se como senhora.

Mas vem Satanaz, pé ante pé, falla no ouvido della uma phrase lisongeira, joga em uma carta o destino da donzella e foge, tendo escripto no espelho, no vestido e no leito, e na alma da moça essa palavra que emmurchece e queima; que leva a desgraça ao rosto inda mais lindo; que sataniza inda a mais bella das mulheres:— vaidade.

Bella e vaidosa, eil-a na sociedade.

Agrada, attrahe, enleva, extasia e mata.

Sim: mata o moço pallido que na voz da mulher escuta o murmurio de um anjo; que deixa o céo, deixa a estrella, deixa a lyra, para sonhar, louco sonhar nas horas do desalento, ao pé da visão; porque voz intima lhe diz: vê, é tua irmã. Escuta: é tua alma.

Mas amar, é verbo que a mulher aprendeu á conjugar.

quando estudava na escola o modo de ajuntar lettras, Dous e dous dão quatro, dizia a taboada; amar em dia de hoje é asneira repete o mundo.

E a comadre locusta lhe recorda, apontando a filha do visinho—« um velho feio, mas rico, bruto, porém abastado, val mais que o poéta; esse é idiota, vive de rimar ás estrellas.

E' mais poetico, mais bonito, de boa moral, o carro tirado por dous cavallos bem gordos, do que o magro poema, ou a ode phtisica, que chocalha irmando: *zum*, e mais abaixo, ora *zum*. » E então?

A moça não ama, zomba. E depois?

O moço pallido morre; não de morte physica, as pistolas de Werther já não tem fechos; porém de morte moral: a crença foge, o amor torna-se brinco, sinceridade, duvida: e a tranquilidade domestica, assemelha-se á quadratura do circo.

Eis ahi dous typos: a creança innocente, candida, pura e poetica. Era anjo e amor no seio de Deos.

A menina espartilhada: artificio e calcinha, balão e vaidade. Mumia, seixo, marmore e serpente. E' a obra da sociedade.

Que differença!

A filha do céo era um raio, o mundo fel-a sombra. Era um iris, hoje, é bruma. Em vez das azas de um anjo deu-lhe a plumagem da coruja!

Rousseau teve razão: a sociedade corrompe, corróe e despoetisa.

Eu peço licença ao bello sexo, consinta que eu diga: Eva, no paraiso rio-se; a fonte lhe dizia: maravilha! és bella, dominas. Hoje, o regato mais limpido, só diria á mulher: és esqueleto, tu gelas.

Mas tudo não é pôdre. A cicuta vê ao pé de si a oliveira. O côrvo grasna, mas a andorinha sensibilisa, e o sabiá trina. Ha mascara, porém ha rostos.

Flôres por cima, abysmos por baixo. Canta-se, ri-se, e diverte-se; porém á noute vem a lagrima do leito, o sonho do futuro, e a paixão que estúa e ferve.

Quanta vez o riso do labio da mulher occulta o desespero do viver! As rendas, as fitas e ouropel escondem, como n'um dó funereo o coração que sangra, o peito que estala, e um destino que se apaga! O homem tem a praça publica, tem a mão do homem para calmal-o. Mas a mulher só tem o silencio, a prisão domestica, a corrente do

dever e o escarneo por consolo. Perdão para ella! Anjo ou demonio, é uma creança, ella soffre! Tem uma corôa, mas é de espinho, possue um sceptro mas é a canna verde. E que paixões sentidas! Que dramas no lar da familia!

E' que ha uma cousa que a corrupção da sociedade não conseguio, nem conseguirá nunca attingir: é o coração da mulher. Por mais que digam: o amor, a mulher não vende: dá.

E' uma questão que não se póde demonstrar por A+B; e os philosophos, os poetas e os padres, que o tentaram perderam seu tempo e seu latim.

Se o paganismo dizia: amor cupido; o Christianismo inverteu a palavra, e diz: *amor est anima.*

E nesses dous polos columnas d'Hercules, *non plus ultra* amantetico, vem parar todos as discussões a respeito: desde o bispo d'Hippone e suas « *confissões* » até Michelêt, e seu methodo phisiologico. O ecletismo será acaso *o omne tulit punctum*?

Não sei e estou cansado de esfolar o latim.

Sei apenas, que o amor não discute obra.

Não é imperativo cathegorico, mas um protheu invisivel que é mais despota que o sultão, mais absoluto que o czar e contra o qual, no entanto, os homens livres e do governo representativo tem perdido as balas e os cartuchos.

O amor é como a essencia de Deos: não se comprehende: sente-se. A religião é amor, nossa mãe amor; pae irmão, parentes, amor.

E acima de tudo, como élo da creatura e do creador, está Deos: que tambem é o amor.

Não sei mais que padre, creio que La Mennais, agarrou-se ao amor para explicar a Trindade. Comprehende-o se tu pódes.

Basta portanto, qualquer raio dessa immensa luz para clarear qualquer argilla d'homem, d'ahi vem que a mulher que ama é purissima como no seu primeiro dia de creação; é verdadeira como ao sair das mãos de Deos. Vaidade, prejuizos, cadêas obstaculos, observações, tá, tá, tá, tá, irá tudo por terra, *sic placit veneri*, e afinal a mulher é quem tem razão. Assim em Roma ou Grecia, na Turquia ou no Brazil.

Feliz d'aquelle que no pó da vida, no turbilhão do mundo, encontrou esse peito que bateu; esse coração que o amou; aconselho-o que se deite sobre o collo

dessa mulher: clara ou escura, moça ou velha, bonita ou feia, rica ou pobre, e impando bochechas, dê uma gargalhada homerica, ouvindo os juizes do mundo, e dessa mascarada humana, que se diz cenaculo do bom tom. Ramboillêt rançoso, que se atira a medir á ponta de compasso o suspiro que fugio, a dôr que soluçou e a alma que se morre. Pandemonio estupido que arranca as lagrimas, suffoca as esperanças e quebra as mollas da vida; propagando a hypocrisia, que se proclama na voz do *demi-monde* a dispensadora infallivel do itinerario directo da paixão legitima e da ligação honesta.

O paraizo não valia o coração d'Eva; por esse preço Adão telo-hia deixado independentemente do anjo e de sua espada de chammas. Nós somos filhos de Adão, tambem preferiremos o coração d'Eva.

Ora, Gennesco sabia de côr a sua Biblia; e queria encontrar a usurpadora de sua costella; elle pois sahio: procurava encontral-a.

Elle tivera até ali, como vio o leitor, paixões passageiras, tentativas de amor, cartas de namoros, cabellos, beijos, e esse esquadrão de futeis bugigangas, que entretem as horas vagas do moço sério. Mas se o corpo, se a cabeça havia dito: sim; o coração carregado havia dito: não. E quando o coração diz: não; não ha gaz, e é impossivel soltar esse balão que os phylisteos, os positivistas, os israelitas, e mais não sei quem, ridicularisam sob o nome de paixão á Werther.

Agora porém, o negocio se complicava. O demonio da moça, se lhe havia pregado ao libreto do cerebro, e o revolvia folha por folha metallica, escrevendo em toda a parte uma palavra cabalistica « amor. »

E o pobre do Gennesco batia, como o Stello de Vigny, na fronte pallida, murros, murros e mais murros, e a Paulista mais teimosa que o diabo azul, ou rato faminto, continuava immovel, *amore amabam*, dizia, e *bona séra D. Diogo.*

Ai, vida! a Paulistinha era da familia das Circes, tinha philtros, e os mais perigosos que eu conheço: dous demoninhos de olhos negros, cintura pequetita, cujo diametro partia do contacto dos indices aos pollegares: e aquelles cabellos, cabellos malditos, e capazes de prender todos os Sansões da terra, passados, presentes e futuros!!

Não se admire pois o leitor, se Gennesco estava de quatro patas, no muito modesto papel de besta, e corcoveava, como o poldro bravio que sente nos rins o pri-

meiro dente do acicate. Vou abrir um parenthesis (não se espante de eu chamar Gennesco de poldro. Homero chamou de asno áquelle formidavel mancebo, Ajax; de quem um poeta disse, mais tarde, aquelle verso bonito que começa: *Etiamsi omnes....* narrando o orgulho do guerreiro contra a ira dos deoses).

Elle amava. E quando o moço começa a amar, ás devéras, é como a mulher que sente no ventre o primeiro estremecer do féto: tem desejos e affirma a physiologia que por força esses desejos hão de cumprir-se. Conta-se até que uma desejara comer a perna de seu marido...

Que exemplo aos futuros CAZADORES!

Mas... o desejo de Gennesco era natural e logico: amava bem, era preciso saber quem era essa mulher que o arrebatava no balão, e o prendia nas mangas de seu vestido. Diz o povo, que é o maior philosopho que eu conheço: quem se dóe do dente vai á casa do barbeiro. Pois bem, Gennesco sahio em busca desse barbeiro de saia-balão.

Na ausencia de indicios seguros, elle fez como o civilisado que se perdesse em amaranhada floresta: orientou-se. Parou na porta do theatro, tomou a mesma posição da vespora, calculou o caminho que levou o carro... e zás... partio.

Comprehende certamente o leitor, que ao nosso heróe fôra impossivel encontrar a moça, procurando-a pela cidade.

Primo, elle não sabia onde era o nicho de la madona; secundo, não lhe conhecia nem paes, nem irmãos, nem marido; nem *a voz com que se dão a conhecer todas as cousas*; tertio (dicididamente ainda me ordeno, que latinorio!) as moças de S. Paulo não se mostram; põem entre si e o mundo a terrivel muralha de um par de rotulas espessissimas, e de lá tudo devassam, salvando sua casta individualidade dos olhares cubiçosos da mocidade.

E' por isso que em S. Paulo não se namora á queima roupa, mas por linha de atiradores.

Quanta vez não se realiza o proverbio, *achater des chats en poches!* Podera não! (Inda hei de escrever um livro curioso sobre esses namoros, alguma cousa moral como *o golpe de vista* historico de Frei Firmino dos Barbadinhos!)

Depois, o povo Paulista tem o mesmo typo: é monotono por excellencia. Chilenas, banguês, burros, padres, capas, mantilhas, lama, caipiras (machos e femeas) eis o que encontrava Gennesco.

A's vezes, alguma moçoila bonita, vista ao través das

rotulas, lindos cabellos, aveludados olhos, cutis delicada, e vóz cadente e acentuada, como as fallas d'Italia. Mas, não a obrigues á rir-se: se ri-se, S. Jeronymo! Pelos labios rubros e humidos, espiarão enfiados dous podres dentinhos, que se hão de recolher desconsolados.

A Paulista em geral, tem máus dentes: se amas alguma, falla-lhe de olhos fechados, e ouvidos abertos, terás na vóz doce musica; se abrires os olhos ah! infeliz pede-lhe que ponha a mão na bôca, ou se conserve muda, como a estatua do silencio.

Gennesco andava; parecia condemnado ao martyrio de Aahasvero, em cada janella ou porta, não enchergando a «visão» elle ouvia uma vóz dizer-lhe: caminha, caminha.

Perdido em seus sonhos, coberto de pó, elle ia resmungando, (justamente como o padre que lê no breviario), uma philippica, linguagem de jornalista contra a estupidez da sociedade, que apesar de seus gritos de progresso, e emancipação, obriga ainda a mulher á viver encerrada, como, no museu, embalsamada mumia.

Como estudante de direito, habituado a procurar as fontes, e demonstrar pelos *atqui* e os *ergo* o que é, e o que não é, e o que devera, ou podéra ser, elle parafusava, e corria letras, virgulas, pontos, artigos e paragraphos da Constituição e do Codigo á ver se deparava com alguma disposição prohibitiva, inhibindo as moças de chegar á janella, bem enfeitadas e cheias de tetéas.

Outr'ora, quando a virgem era COUZA, o Grego a prendia no gyneceu, e dava-lhe para divertimento a roca, e o rodar do fuso; mas, hoje, que a mulher (embora seja ainda, pobresinha, trocada pela raça muar), é PESSOA, e tem nos olhos a lagrima de Magdalena, porque occultal-a?

Hoje, que a donzella, por graça de Jesus Nazareno, Rei dos Judeos, trocou o barbaro nome de Alphegibéa pelo mimoso e aristocratico epitheto de Dona, Senhora, e Excellencia, porque passa o melhor da vida, olhando as gallinhas apanhando pulgas, ou penteando o cãosinho, no interior da casa?

Gennesco foi arrancado á suas cogitações por uma furiosa vaia. Elle ergueu os punhos, e lembrou-se de seus direitos de veterano.

Era no emtanto, uma Republica de segund'annistas que acompanhava a corrida de um pobre caloiro, com uma vaia de pratos, castiçaes, páus, pedras, etc., e gritos de: fóra, caloiro, fóra, burro, ladrão de gallinhas. O moço de

luneta, paletot á ingleza, e calça á balão, voava como se tivesse azas nos pés.

Gennesco lembrou-se então de duas cousas: primeiro que estava ainda em jejum; segundo que era impossivel encontrar uma sombra. Era noute. Elle teve outra idéa.

Aqui começa a narração extrahida fielmente de seu livro de lembranças: é Gennesco quem falla.

— Dirigi-me ao hotel que mais proximo ficava e pedi cêa, pois que quasi noute já era.

Havia grande multidão na sala. A conversação versava sobre as questões do dia. Fallava-se em politica.

Aqui, um barrigudo heróe, fórmas de Sancho com ventre de Falstaff, bradava, quixoticamente, contra o partido liberal; e com as faces rubras e olhos scintillantes de vinho, e nariz borrado de esturro, fulminava o que elle chamava os desordeiros, revollucionarios, os transfugas.

Outro levantava-se em frente do orador, pelo addomen; era magro, pallido, e tinha uma voz de falsete. Estava afogado em dous collarinhos, que permaneciam parallelamente, formando duas fieis perpendiculares.

Com uma das mãos na abertura do collete, com o prumo proverbial do inglez, elle encarava seu rival em bestialogia, e advogava calorosamente a causa do liberalismo. Provava por sua magreza, pallidez e elegia de voz, a sorte horrivel que pesava sobre os liberaes, condemnados *ao* OSTRACISMO POLITICO: era a grande phrase do dia.

Eu ri-me do contraste notavel entre os dous politicos. Passei adiante philosophando:—« ai da politica se taes espadões fossem os unicos a deffendel-a. »

O objecto que me levava era bem alheio á politica, para que por mais tempo eu me demorasse, assistindo á discussão insipida que travavam dous desfructaveis ante um garrafão de vinho, e um copo vasio, como de interesse eram vasios seus discursos bestialogicos.

— Cerveja? Gritei ao hoteleiro e procurei uma mesa retirada.

A imagem de minha bella passou cantando no fumo do licor.

Mas, era nada. Eu continuava em ignorancia. A cerveja não tinha virtude, e eu pedi o milagroso...

— Champagne?

Eu comia e bebia. Momentos depois meu estomago estava cheio, e o champagne me fazia entrever visões do céo.

O dono do hotel sentou-se em frente de mim. Era um judeu-chronica-viva de S. Paulo; e o armazem mais completo de quantas scenas de escandalo ha por esta terra do Apostolo.

— E' ella, é ella; disse eu segurando-o pelos punhos.

— Mé o que você quer, então?

— Nada que te importe.

Levantei-me. Sabia o que desejava.

Contou-me o judeu: que a moça se chamava Gabriella; que era viuva, e que morava na rua D..., sobrado... tal.

Eu estava agitado. Esqueci-me do sobrado, e perguntei ao judeu em voz alta.

— Chama-se Gabriella e o sobrado que numero tem?

Eu esbarrei n'um moço louro, que levantou a cabeça á minha interrogação. O moço bebia sua cerveja. Elle olhou-me e sahio, deixando a garrafa apenas encetada.

Oh! eu podia, emfim, vêl-a; era ella uma mulher; tinha um coração.. poderia amar-me, talvez.

Mas, como vêl-a, ? Eu não tinha quem me apresentasse. A scena do theatro lhe attrahira uma risada, e nada mais.

Eu vasei o resto do champagne em um copo, e brindei ao deos do acaso. Nem uma idéa.

Caminhei para a sala dos bilhares, esperando que anoutecesse completamente; e aguardando instinctivamente a solidão pelas ruas. Adormeci á um canto, embalado pela risada dos estudantes.

Acordei, eram 11 horas. Sahi.

A noute ia escurissima. Um vento frio saccudia as fimbrias pardacentas de uma bruma gelada, e sepultava os caminhantes n'um sudario de neblina.

Algumas sombras acolhendo-se tarde, escoavam-se rapidamente pelas esquinas, e o clarão frouxo, baço e enfraquecido dos lampeões mal allumiava o rosto livido da miseria que ia vender aos leiloeiros da dissolução o resto de calor que lhe corria morno pelas veias.

Apenas o som de meus passos echoava em surdez; e a sombra de meu corpo se desenhava rapida ao passar pela luz.

A noute era comigo. Facilitava meu projecto.

Caminhei por algumas ruas, atravessei escuros beccos, saltei atoleiros e parei em frente do sobrado apontado. A rua estava deserta.

O edificio, no silencio da noute, revestia esse manto

lugubre que rebuça os velhos sobrados de S. Paulo. O tempo sellou-os no passar, e deu-lhes o mysterio como a adarga do respeito.

Elle levantava-se quêdo como a estatua do meu proprio amor. Parecia que aquelle templo onde dormia a madona de meus sonhos, recuava temendo tragar o cadaver de uma illusão.

Correu-me n'alma uma tristeza, como a do prisioneiro que vê sumir-se em escuro calabouço o lindo bordado de suas esperanças, porvir de crença e noute balsamica da ventura e dos risos.

— Ali dizia eu, repousa talvez embalada em sonhos de amor, a visão de minhas noutes; eis a estufa onde exhala o derradeiro perfume a flôr dos meus sonhos.

Eu dei um passo.

— Visão, sombra, nuvem ou Juno eu te possuirei; — flôr, tomar-te-hei teu perfume.

Parei; enxergando os raios tibios de uma luz no aposento. Era um fogo do céo, ou um clarão do inferno?

Andei em torno do sobrado; fôra impossivel uma escalada. As janellas eram altissimas.

Admirei-me: tocando a porta que moveu-se docemente e franqueou-me a entrada.

Apalpei-me: não trouxera punhal. Estava inerte como o discipulo do Christo.

Entrei. Senti pelas proximidades das paredes, que penetrava em um estreito corredor. Estaquei subito esbarrando em uma escada.

— Uma escada? Murmurei. Naturalmente é para subir-se. Subi.

Em meio da escada uma reflexão me susteve.

—Sr. Gennesco, disse eu a mim mesmo, uma velha que neste momento, lendo as horas marianas e afagando o pello setinoso de seu gatinho, soubesse o que vai *mencê* fazer, enguliria dous ovos e um bem fritado salchichão... benzendo-se e taxando-o de libertino.

Sim. Mas notai que eu estava estupido e extravagantemente apaixonado; e que o champagne me impellia veloz. Demais eu sonhava ás portas do Paraiso que não me parecia então guardado por algum barbudo S. Pedro.

Subi. Eucontrei duas portas: uma á direita, outra á esquerda.

Vislumbrei uma luz em direcção á primeira.

— São ventas de fogo, pensei, do leão que guarda o pomo de ouro.

A segunda dormia em trévas:— é o leito de Satan.

Collocado entre a direita e a esquerda, isto é: entre o touro de ventas de fogo, e Satanaz que dormia: (a noute estava muito fria e o diabo, habituado ao fogo deve dormir cedo nessa estação) eu raciocinei assim:

A' direita está um touro, tem córnos, eu não tenho armas, serei vencido Logo o melhor partido é evita-lo.

A' esquerda está o cidadão *canhoto*; ou dorme ou vela. No primeiro caso eu passarei desapercebido. No segundo caso eu contractarei: trocando o corpo desta moça pela ultima nesga de alma de uma velha namoradeira, que eu conheço.

Escudado com este raciocinio, bati. Nada. Bati com mais força: profundo silencio.

Sem duvida, pensei, a moça dorme nos braços de Satanaz o somno da malicia (não é só o da innocencia que é profundo) bati mais fortemente. Máo.

Senti um braço de ferro tomar-me pelas mãos.

— Quem sois? Bradei com os pulmões de Stentor.

— E vós? Gritou-me uma voz avelludada.

— Pouco vos importa. Tornei.

— Sois um ladrão? Luziram dous olhos de fogo.

— E vós, sois Satanaz, que acordou?! Seu halito nada tinha de enxofre.

Unimo-nos: corpo contra corpo, pé ante pé, peito batendo em peito. Lutamos.

O moço tinha um pulso forte, e nos membros a elasticidade de uma borracha.

Apertava-me a tirar-me a respiração, e tão unido á mim que pêava-me todo movimento Eu curvei-me. O moço gritou:

— Miseravel!... E acenou-me uma pancada na fronte com uma chave, que trazia.

Eu rugi como um tigre; e sentindo laivos de meu sangue, em extremado esforço tomei-o do chão... e já cantava.... o hymno da victoria.... quando... meus pés escorregaram-se nos degráos da escada; faltou-me terreno e desiquilibrado eu rolei arrastando na quéda o meu vencido rival.

Um baque surdo seguio-se ao rôlo; arquejantes de ira e de cansaço nos apertamos no chão.

O barulho da luta fôra muito para que não attrahisse alguem.

— Octavio, Octavio, flautou uma voz doce como o som da lyra de Ossian.

Por entre o véo de sangue que me gottejava da fronte eu enxerguei um rosto de mulher...

Em um pulo estava em frente della.

— Senhora, senhora, bradava louco.

— Que barulho! sangue? O que é isto, Octavio?

O meu rival encarou-me com desdem.

— Nada é, minha prima; *este senhor* queria sem duvida escolher tua casa para orgia; eu estava no hotel, e ouvi que elle perguntava pelo numero de tua casa. Vi que a embriaguez não é boa conselheira, e temendo por ti, colloquei-me de espreita, pude com o auxilio das trévas demonstrar-lhe que não é bom procurar a complicidade nocturna para deshonrar uma mulher.

Octavio era nervoso; olhos azues, corpo fragil, e physionomia de Werther. Parecia ter 22 annos. Lembrei-me de o ter visto no hotel.

Ella olhou-me.

— Na verdade, primo, não é a primeira vez que vejo este moço: uma noute estava louco, e hoje .. está peor, está ébrio.

Era muito. Tive raiva. Instinctivamente dei um passo para a frente.

Octavio deu uma gargalhada, e defendeu-a com seu corpo. Houve um momento de silencio. Eu mirei-os dos pés a cabeça.

Já não estava ébrio: via e sentia. A colera deu lugar á dôr, e eu tive um movimento de desespero.

Assim aquella que eu buscava ardente e louco, mas esperançoso e amante, eu a tinha, ali, diante dos olhos, real e identica, palpavel e bella, mas desdenhosa, soberba e ingrata!!

Desanimei. Pela primeira vez tive medo do desdem de uma mulher.

Aquellas palavras haviam caido em meu peito, como chumbo derretido; eram terriveis como se fora a maldição de minha mãi. Tanto sonho, tanta esperança, aquelle castellinho erguido á noute, para a fada risonha, eu o via em terra. O braço da belleza fragil me atirava de novo á orgía, a esse septicismo cruento que se resume na indifferença para tudo!

Desci os degráus da escada, apanhei meu chapéo, e chegando em baixo quiz partir; mas a vóz da natureza prorompeu, e eu murmurei soluçando:

— Adeus; Senhora, havia no êrmo dos rochedos uma planta esteril, que pedia o orvalho do céo, e o orvalho não veio e a pobresinha morreu.

Gabriella approximou-se prestando ouvido ás minhas palavras. Eu continuei:

— Não me odieis; tudo isto é um pesadêlo horrivel. Eu quizera vosso perdão....

Ella murmurou algumas palavras ao ouvido de Octavio, que estava pensativo, e desappareceu.

O louro hesitou alguns minutos, depois desceu, e me estendeu a mão.

— Douctor, esqueçamos tudo isto? Foi um sonho, já passou!

Estas palavras simplices, mas grandiosas, moduladas por uma vóz sonora, eram de uma tristeza profunda.

Eu me senti vencido. Apertei a mão do moço. Lembrei-me então, de que estava ferido, e coberto de sangue; Octavio convidou-me a subir, e como eu me desculpasse, elle ajuntou com a vóz quebrada:

— Vamos, é minha prima que o pede.

Segui-o. Ia passar-se o mais interessante drama de minha vida.

IV.

UMA SALA DE MOÇA.

Conheces alguma ventura que iguale a do moço ardente, entrando em casa do objecto de seus sonhos?

Olhando de perto a concha onde vive e dormita a perola de seu amor?

Beijamos a relva onde passou a belleza, mas ha uma adoração sincera, espontanea e vertiginosa, no transpôr o limiar onde a protegem seus penates.

Si conseguimos pisar na sala onde se decorre a maior parte de sua vida, onde ella espera e surri-se, se intristece e soluça, então cada movel tem um segredo, cada flôr significação especial, e a imaginação do amante que á tudo anima, e dá côr propria, povôa o recinto feliz de loucuras amorosas, dramas intimos, e dialogos infinitos.

Então se ha na parede um quadro de santo barbudo, com suas faces maceradas, sua attitude de ascetico, e rosto de martyrio, nós o amamos, o collocamos no altar e o adoramos, porque ella tambem o ama e o adora.

Se acaso, algum travesso cãosinho salta-nos á calça, a suja, a amarrota, ainda o bem dizemos porque elle é della, e tem tido por travesseiro suas mãosinhas bem feitas, seu collo setinoso.

Se por ventura jaz no chão um livro, um papelinho,

um pétalo de flôr, um lencinho, um pente, grampo, ou qualquer desses pequeninos enfeites, que auxiliam a belleza da mulher civilisada, nosso coração se expande, nosso peito estremece, e nossa mão se estende, apanha-o, e nós o beijamos, acariciamos, guardamos, como se talisman fosse de ventura celeste.

Harmonia, chamaria o homem o cahos se lá existissem bellas mulheres.

O paraizo no Edda Scandinavo é a habitação de mulheres, e o armazem de cerveja, fadado a saciar o guerreiro germanico. Mahomet povoou mais tarde seu Eden de *houris*, e os homens deixaram matar-se.

Pois bem! se em vez de uma occupação material, um gosto pequenino, e attractivo unicamente dos sentidos, encontrasse uma imaginação que tudo cooderna, um gosto fino, um tacto perfeito, que tudo dispõe, tudo organisa, com a mão intelligente da artista de espirito.

O que farieis? O que dirias?

Nada dirias; e farias o papel de tolo, como eu o fiz, ao entrar na sala de Gabriella.

Estava ricamente mobilada.

Grandes espelhos reflectiam sobre lindos aparadores os raios esquecidos de uma lamparina.

Flôres frescas cercavam o ambiente de perfumes doces; e uma caçoila queimava a um canto essas pastilhas do Oriente que ateam os sentidos pela energia do ôdôr. Era espantalho de moscas, ou inspiração de artista?

Sobre um sophá onde via-se uma inscripção: « indolencia », alguns livros abertos mostravam a occupação litteraria da bella senhora.

Uma esteirinha surda em que rugiam com as guelas abertas, grandes leões em tapete, entretinha um frescor delicioso na sala, e dava desejos de ali morrer-se na volupia do opio; ou em uma nuvem odorifera de cachimbo ou charuto. Era um camarim oriental.

Inspirava desejos de ser Sultão.

Tres bustos que sorriam sobre a mesa attrahiram-me a attenção.

Eram Molière, Voltaire e Lamartine.

Que cabeças de genio e que corações diversos!

Molière, a victima do pensamento, que fraco e timido occultava seu vagido ao susurro da gargalhada de uma aristocracia soberba, ainda após a perda de seus castellos, suas terras e seus servos, que a mão de um ministro

potente derruira para cimentar uma realeza, que morria antes de reinar.

Molière, que nos labios tristes parecia sonhar o mundo de Voltaire, e soffria martyr a necessidade de curvar-se ante o dominio da tradição, sob a letra symbolica que sagrara uma familia, senhora de sua França.

Aquelles cabellos longos que lembravam as cabelleiras empoadas, da moda dos polvilhos, arrastaram-se tambem aos pés do grande rei.

Pobre genio! por um capricho do Omnipotente caiste na terra em época de preparação, e presentindo o fervor dos metaes, o borbulhar da espuma revolucionaria, estremeceste tambem, como o seu Tartufo ante os seios nús de Dorina.

Não sei porque harmonia sympathica, coincidencia solidaria, todos os martyres da idéa de liberdade tem no rosto a tristeza do seu irmão em martyrio o suppliciado ao Golgotha!

Além o rosto de Voltaire, no confrangido das faces no arregaçar dos labios, parecia zombar de seus companheiros de somno.

Que abysmo, quantos annos de provanças de Molière a Voltaire!

Bastou apenas o declinar do astro que beijára as faixas opulentas do magestoso rei, para abater-se o edificio monstruoso que Molière e sua escola minára d'antes.

Ambos empallideceram á mascara escura dessa Bastilha funebre que fôra tumulo seguro de tantas almas grandes. Etna secular que suffocára a agonia de muito Encelado valente.

Devera de ser terrivel o riso tumular de Voltaire erguendo o lençol de morto para ouvir a queda do castello criminoso dos reis; fôra espantosa de vêr-se a gargalhada do espectro, saudando o tombar, pedra á pedra da prisão satanica, que ameaçára seu vôo precoce e fallira gellar o genio que lhe foi sublime.

Funebre, horripilante, sombria e geladora risada, a risada de um cadaver reboou, talvez além do túmulo quando elle o amigo do grande Frederico; elle verdadeiro rei de França que entrava ao modo dos Imperadores Romanos, levado aos hombros do orgulhoso povo de Paris, Voltaire o apostolo revolucionario que da fronteira de um paiz livre propheta da destruição escrevia o Apocalypse da realeza traçando de seu novo Pathmos o roteiro dos batalhadores

de 89, 92, 93, sentira o estremecer da França semelhante ao do velho sólo Egypcio quando Isis a deusa desmaia no braço fecundo de Osiris.

Que coincidencia ! O busto Napoleão, um pouco abaixo de Voltaire, desenhava-se em grosseira téla.

Pareciam disputar ainda essa popularidade que tanto delirou a França.

Ao pé de Napoleão sublime no saudar das pyramides porque levava a Republica na bayoneta de seus soldados provando uma vez ainda que a democracia é a formula mais alta do elemento civilisador, carateavam dous bojudos anões com seus chapéos de abas dobradas e calções á Luiz XV.

— Ali eu vi o seculo XVIII que tornára tudo sensualista estatelado ás plantas do grande filho da revolução. Os anões com suas fórmas caricatas provavam a pequenez do reinado de Luiz XV, digo mal, da Pompadour, Coulanges e Dubarry que sorrindo-se ás faces coradas do rei « bem amado » atiravam no torvelinho que já se agitava, o sceptro de S. Luiz. .

Mais adiante levantava sua fronte o genio de Lamartine.

Alma de anjo n'um corpo de Grego, elle era a véla branca que mostrava o porto onde abrigar-se da tempestade.

Elle o filho de um realista assistira tambem ao ribombo da artilheria do povo, e saudára de boné na mão a aurora de uma revolução.

A França delirára. E quando após o trom da artilheria o fumo da metralha e o pó das barricadas, o coração parava gelado, a voz do poeta chamava o povo á prece e fazia descer o sorriso de Deos sobre as frontes suarentas; a harpa do anjo suavisava o som marcial da busina da revolução.

Depois de tanto sonho frustrado, tanta esperança mentida e promessa violada, só a voz de Deos e seu écho a poesia livrou a França de um suicidio.

Lamartine foi o Tyrteu da paz; suas *Meditações* foram a Religião....

Alguns passos arrancaram-me áquelle mysticismo-poetico-religioso.

V.

GABRIELLA.

> Era um semblante entre a virgem e a Fornarina; eram desses olhares que se em vós sempre parassem.... attrairiam aos olhos e aos labios voss'alma inteira, para consumil-a em um clarão.
>
> (NOVAS CONFIDENCIAS.)

Gabriella entrou, seguida de Octavio.

Era a fada daquelle palacio.

Como o arabe, que depõe os poentos sandalos no portal de seu templo de Mafoma, eu cedendo á magia da belleza, havia deposto ao entrar todo o pensamento de malicia ou pretenção devassa.

Eu sentei-me no sofá junto á Octavio que continuava impenetravel.

Admirei Gabriella, sentada em frente de mim.

Foi então, que attendi ao desalinho agradavel e seductor que a encantava.

Seus cabellos soltos e perfumados caiam indolentes sobre um collo moreno claro, que um roupão alvissimo deixava em angelical transparencia.

Seus cilios tão negros e cerrados eram semelhantes a um véo de morte, mas de morte de amor, de ventura: passagem para o encanto do infinito.

As pupillas negras eram como dous pingos de tinta n'um papel de ouro.

Brilhavam humidas desse vaporar de ternura, que exhala do coração puro, que palpita e sonha devotamentos....

Os labios finos e roseos lembravam a taça onde se liba a celeste ambrosia, e tu pobre leitor, desejarias ser um deos para toca-los. Fôra um ideal morrer bebendo ambrosia nos doces labios daquelle anjo. Teria 22 annos de idade.

No aveludado olhar, na attitude de scisma, no suspirar arquejante, lerias a imaginação sonhadora prêsa ao organismo inflammado no fogo ardente de Byron, Musset e George Sand.

A pallidez da fronte, aquelles signos pretos que lhe circumdavam os olhos, aquelle entorpecimento como de mulher que desmaia amando, eram de enlevar.

Oh! eu descobri naquella calma e placidez de rosto, o Etna que ferve, queima e cresta as flôres da vida.

Vi-lhe no corpo a « morbideza » de Sand, e fadei-lhe tormentas como as teve a poetica peregrina.

Era uma dessas almas felizes que amam com a fatalidade de Julieta, sacrificam-se, pobre Marion de Lorme, e morrem por seus amantes, como as mulheres orientaes. Ella....

Oh! quem pôde jámais pintar o brilho da estrella, o gemer da rôla, ou a poesia de uma brisa do outomno?

Da concepção idealista, á materialisação pelas fórmas, vai tanto quanto Deos zeloso tira ao homem, para que elle se não esqueça dos céos.

Ao vêl-a pender a fronte pallida como o salgueiro, dirias: é um sopro de Shakspeare dizendo a Cordelia: —surge.

E ao saber-lhe o passado como eu, disseras antes: é Ophelia que o rio da vida arrebata nas ondas que vão perder-se na escuridão do mundo.

Pouco ainda. Ao vêl-a victima da paixão, confessarias que era Julietta, pallida aurora de um dia sem crepusculo.

Talvez Desdemona: estrellinha vivida nublada em céo de palhetas... por uma nuvem da noute.

Gabriella pertencia á familia poetica do patriarcha do ideal, o velho Shakspeare.

Ella nasceu como se diz que nascera a Venus de Phidias do despojo universal das bellezas da Grecia.

Por maior brilhantismo que lhes dê, jámais poderei bem definir aquelle gesto soberbo e attitude feminil no rigor do termo; e aquella doçura de voz que me prendia e regalava como revelação articulada lá das alturas do céo.

Eu contemplava extatico o rosto de Gabriella, esquecia-me revendo aquella moça, que realisava para mim os sonhos mais bellos, as fórmas mais enlevadoras, que lêra nos romances.

Eu lavei a fronte onde a chave de Octavio me deixara um golpe.

Meu comportamento foi cabalmente explicado. Eu appellei para o fogo de meus annos, precipitação de moço e excentricidade de indole.

Octavio rio-se e desculpou-me.

Ella sorrio-se tambem e lembrou que já era tarde.

Na verdade, as visitas de ceremonia não ultrapassam 10 horas, além só podem ir os namorados ou os maçantes. Lembrei-me de o ter lido em alguem.

Mas, como sahir?

Deixa-la? parecia-me ser exilado do céo; passar das nuvens brancas da poesia á crassa realidade de taverna.

Se a voz do pudor não me reprehendesse n'alma, eu ter-lhe-ia pedido para deitar-me como um cão na porta do seu quarto.

Levantei-me por vezes. Tentei partir. O corpo pesava-me. Eu tinha vontade de chorar, como a creança que soffre.

Eu estava á beira de um regato limpido, onde as faces das estrellas sorriam trementes; uma voz de serêa me chamava, eu queria fugir e minh'alma tombava, sonhando um palacio de crystal.

Oh! sim. Lá em baixo, na limpidez da onda, uma imagem bella me chamava; sonhar e morrer, não é essa pois, a poesia da vida?

Em frente daquella sombra querida eu gosava, como o estatuario sublime, que pela força da crença animou a Galatéa.

Uma corda esquecida que dormira em minh'alma, palpitava então. Eu lembrei-me de ter visto aquelle rosto de mulher em alguma parte. Era um reflexo de brilhante mundo, realidade formosa de uma sombra divina, seguida á medo, no crepusculo de um sonho.

Estavamos de pé: Octavío me olhava, mudo; Gabriella disfarçava ligeira perturbação, e eu devia de ser bem ridiculo, querendo despedir-me e tornando ao mesmo lugar.

O relogio deu uma hora.

O som enrouquecido pareceu-me a nota do inferno. O tempo com azas de corvo passou roubando meu sonho divino. Octavio estava sério.

Gabriella levantou-se. Abrio a sacada. Seus olhos mergulharam-se na rua.

Ella murmurou baixinho:

— Que noute, tão triste!

Sua voz tremia.

— E' uma noute que se não póde esquecer. Não sei que tenho, soffro.

A fronte caío-lhe no seio; avezinha escondia a cabeça sob as azas.

Octavio desviou-se para accender um charuto.

Eu dei um pulo. Cheguei-me á Gabriella.

Quiz fallar-lhe, não pude. Balbuciei algumas asneiras.

Eu beijava a órla do seu vestido...

Octavio voltou-se. Eu disfarcei-me.

Ella despedio-me.

Oh! tudo mais foi um sonho!

Tornei a mim ás palavras de Octavio:

— Então, ver-nos-hemos sempre, não?

— Sim. Desci rapidamente a escada, fugindo como um homem que teme quebrar um bello sonho.

VI.

AMOR E ORGULHO.

Dous dias se passaram, sem que eu soubesse noticias della.

Octavio não apparecera, e meu orgulho vedava-me qualquer approximação.

No entanto, meu amor tornava-se mais intenso, e eu passava longas horas no ascetismo daquella visão.

A's vezes eu tentava rir-me, abater sua imagem e em uma risada de Lovelace, dizer-lhe um adeos eterno.

Eu estava como o enfermo do Dante: em todos os lados a dôr, no duro leito. Outra vez eu sonhava.

Que lindos sonhos não ideava então!

Amo-a, dizia eu, e ella amar-me-ha tambem. E' mulher, tem um coração sensivel, é moça de talento, scisma, crêa visões, comprehenderá a poesia de minh'alma e acabará crendo na pureza de meus affectos.

Esperanças, risos, prazer, gloria, porvir, tudo dar-lhe-hei.

Tomal-a-hei da terra, apagarei de sua fronte a nuvem que a entristece, velal-a-hei aos olhos do mundo e levando-a em mago batel, deixal-a-hei como fada adormida, em um palacio de delicias.

Sonhos, sonhos! o que não sonhava eu para ella?!

Em meio destes sonhos de doudo, eu ouvia um gargalhar secco, como o dava Mephistopheles aos sonhares do Faust.

Eu via diante de mim a sociedade sceptica, materialista, inexoravel, levantar-se em um solio de contradicções e rir-me á face de meu excesso de credulidade.

Eu luctava sob dous sentimentos oppostos. Era um pobre ramo tocado fortemente por encontrados ventos.

A poesia cantava esperanças, fé, porvir e corôas:—« amar e viver », dizia uma voz.

Descrença, murchez, engano de illusões, grasnava outra voz, e a larva do prostibulo murmurava:—« gozar e rir-se. »

Uma noute, eram dez horas; querendo fugir daquellas sombras que me perseguiam, sentei-me ao pé da mesa e tentei estudar. Abri um livro favorito; era o drama *Aldo*, de George Sand.

Meus dedos queimaram-se naquellas paginas, meu espirito embebeu-se no perfume lascivo daquellas palavras e eu esqueci-me um pouco embalado ao vento fresco, daquelle sentimentalismo que vai do mysticismo hebraisante ao prurido sensual de um philtro voluptuoso.

Se ha composição que mais falle á alma e mostre mais feia a chaga do soffrimento, é aquelle drama de *Aldo*.

E' o poeta que lucta contra a fortuna, e conserva-se puro na pobreza e no abandono de uma sociedade madrasta.

Só lhe restava um pedaço de céo: um amor de mulher.

Mas... Jane! Oh! Tambem ella não comprehendeu o pobre louco, que carpia a unica inspiração, que lhe morrera no grabato misero da velha mãe.

Aldo fallava:—« mas a mulher é pois um ser bem cobarde, e bem limitado?

Eu cria mais na candura desta, cuidei-a mais abandonada ao que a natureza inspira-lhe ás vezes de bello e de generoso!

« Porém, ha no fundo de seu coração um cimento de egoismo, mais duro que o diamante: nenhum sentimento grande póde ahi germinar. Fechei o livro.

Todas são assim, disse eu. Amam por desabafo, capricho ou ambição, jámais pelo coração. » Levantei-me.

Abri a janella. Olhei o céo. Estava tristissimo.

Raras estrellas tremiam-lhe na face nevoenta.

O surdo ramalhar do vento frio do inverno agitava as moleculas do ar. Minhas palpebras ardiam. Eu tomei o chapéo. Saí para distrair-me.

Uma carambóla, um copo de champagne, um beijo de mulher, ou uma prosa de estudantes ser-me-iam calmantes. Caminhei.

O vento era frio, a noute escura, o céo pardacento e os lampeões baços.... arrastei-me á tôa.

Espantei-me, achando-me repentinamente em frente á casa de Gabriella.

Um poder occulto zombava de minhas forças e curvava o rei da creação aos pés de uma mulher.

Olhei; uma sombra de mulher passeava pela sala. A sombra acenava; eu vi pelas alvas cortinas da vidraça seu gesto agitado. Ouvi uma conversação...

Um grito do inferno abalou-me ás entranhas. Eu senti o dente agudo do ciume. Lembrei-me de Othelo, o mouro.

O ciume, que se não revelára ainda entre ella e meu amor, levantava-se agora furioso e me espatifava com as garras de tigre. Fallavam. A conversação era calorosa.

Eu cosi-me com a parede; feri a testa carregando-a de encontro com a porta.

Como C. Frollo, eu torturava a carne para esquecer o ciume.

Seguio-se o silencio de alguns minutos. Eu contei-os um por um, pelos éstos do coração e bater febril das arterias.

Depois ouvi uns passos de mulher que foram suffocados por passos mais pesados que se aproximaram da escada. Rangeu uma chave. Uma porta fechou-se. Era Octavio que se recolhia..

O piano deu um trillo sonoro. E uma voz sentimental, repassada de amargor, unio seu queixume ao chorar do instrumento. Gabriella cantava.

A voz era um suspiro, as notas threnos, e o romance uma saudade. Parecia um adeos de virgem.

Não sei o que senti; tornei-me quêdo. Eu tinha vontade de chorar e morrer pela voz que cantava.

Eu vi por entre as sombras da noute, as fórmas achatadas de Sancho Pança mostrar-me as gengivas, dizendo: onde ha musica não póde haver cousa má!

Ri-me do arsenal de proverbios, e senti fugir de meu peito as nuvens que a desconfiança ahi levantaram.

Já não tinha o ciume: verso terrivel do mais divino dos sentimentos; veneno na mais deliciosa das taças. Espinho maldicto que rasga as plantas ao peregrino, que cae ás portas do templo onde arde a pyra sagrada do amor.

Julguei indigno d'ella e de mim o espreital-a, pela

noute, como o ladrão, que envolto no manto, punhal em punho aguarda na emboscada o innocente que passa. Era puro o meu amor; portanto era tambem á luz do dia que eu devera mostral-o. Retirava-me.... Voltei ouvindo uma modinha brazileira, reçumada dessa melancolia dôce que inspira o luar de nossa terra.

Ouvi a palavra «amor» trazida nas azas do vento e ajoelhei-me, agradecendo esse riso do céo.

A musica offegou.... e morreu....

A janella abrio-se e Gabriella assomou n'um raio da luz.

Pareceu-me ouvir-lhe um suspiro.

Não pude conter-me. Adiantei-me.

— Gabriella, Gabriella! Exclamei em delirio. Um pequeno grito e um gesto de sorpreza foram todo o acolho. Depois uma nota tristissima murmurou aos meus ouvidos:

— Adeos! adeos! adeos!

Quiz seguil-a. A janella fechou-se, e uma mola de aço prendeu-me ao lugar: era o meu orgulho!

VII.

ORGULHO.

Meu peito batia, a imaginação sonhava, mas o raciocinio, vinha sob a mascara do orgulho annuviar-me o rosto.

O amor tem o caracter do fatalismo.

Riso do céo fôra capaz de levar-nos á perfeição dos anjos.... mas ahi vem com elle os dissabores, o ciume e a desconfiança para tudo perder.

Octavio me era suspeito: embora houvesse entre elle e Gabriella fria reserva, mudo respeito, é certo, no emtanto que a presença de um moço bello e ardente, sob o mesmo tecto que a moça sonhadora e só, era de um perigo constante.

Que conversação fôra aquella?

Porque Octavio se conservára de pé á deshoras?

E aquelle canto tão triste, aquelle romance pungente, e o adeos?

Eu não descria do coração da mulher.

Eu soffrera muito para que não merecesse um sorriso de Gabriella. Embora viuva de fresco, parecia-me que as vestes de lucto cobriam um coração de lucto, mas lucto que não o de um esposo.

No entanto, meu amor era todo orgulho.

Amei-a? Porque a tinha sonhado.

Procurei-a? Por havel-a amado. Eu temia desamal-a, logo que um outro se pozesse de permeio.

Roubal-a, viver só com ella e para ella? Impossivel. A sociedade ahi estava.

Seu adeos maçava-me e lembrando-me daquella noute, eu me julgava offendido.

O amor é exigente: quer sangue, escandalo, perigo, tudo que o revele. A hesitação em amor é a negação delle.

Eu lêra no *Giaour* o que póde produzir um amor fanatico, cuja propriedade é disputada por outro que tem sobre si as vantagens da posse.

Sempre temi o quixotismo. Ser cavalleiro andante sem esperança de um riso da castellã, parecia-me parvoice. Fugi della. Embuçei-me no orgulho.

Sim leitor, não te zangues: determinei almoçar, jantar, merendar, cear e fumar meu charuto, entregando-me a um namoro parvo como o faziam os da minha idade.

Troquei a physionomia sombria de Werther pelo riso dom juanesco de um Lovelace. Passei da lembrança de Gabriella para os amores de Zuleika.

Não pense, porém, o leitor que Zuleika tenha saia-balão e vestido á Garibaldi; não, tres vezes não. Zuleika é a namorada mais fiel que tenho, não é impertinente, não gasta sedas e veste sedas. Tem a meiguice da mulher, o aveludado da amante e o suspirar arquejante de uma pthysica.

E' infallivel em meu leito; quando escrevo ella está sobre a meza e quando me ausento chora por mim. Zuleika é a minha bella, harmoniosa e querida *gatinha*. Esqueci Gabriella e tudo quanto pertencia ao bello sexo; tornei-me frade, raspei os cabellos, quebrei com o mundo e o unico ser femineo que soberana e despoticamente entrava em meu quarto: era Zuleika.

Byron, no seu odio aos homens, só teve lagrimas para um cão; eu no meu desengano e esquecimento só tive amores para uma gatinha, Gabriella, com todo o seu romantismo, ademan de Paulista e belleza de anjo, não valia minha Zuleika. Assim pensava meu orgulho.

VIII.

AMOR.

Dous mezes levei esquecido de Gabriella e no firme proposito de deixal-a para sempre. Quando sua imagem me passava eu lia e sarava.

Uma tarde eu passeava em uma ponte admirando o pôr do sol de S. Paulo, sempre tão poetico. Embevecido nos ultimos raios do crepusculo, que é como um deliquo de saudade que tem o sol, abandonando sua amante a terra, eu vagava no delicioso frescor da brisa do rio; estava em um paraizo de fumo e abençoava o gostoso inventor do charuto.

O fumo é opio, embriaga, amortece o espirito e o trahe, abrindo as portas ao sentimentalismo; eu portanto, olhava o céo no mysticismo do Turco, e nem sonhando, nem pensando, era um insipido animal.

Eu ia dar um horrendo retumbante e animador « bravo » a um soldado que vinha de empuxar pelo anzol, um peixe, quando senti leve pancada no hombro. Voltei-me.

— Olé, tu?

— Eu mesmo; em corpo e alma.

Respondeu Octavio, apertando-me a mão.

— E's mais feliz do que eu. De corpo vou passando, mas de alma, creio que bem mal. Octavio olhou-me.

— Tens a fronte pallida! Perdeste alguma eleição?

— Não. Cousa melhor: perdi a rima de um soneto, feito aos annos de uma velha. Elle sorrio-se.

— Melhor; perdeu ella ainda desta vez um dos raros pontos de sua chronologia.

— A proposito, disse Octavio fitando-me com os olhos azues. Não tens apparecido e lá vão para dous mezes, que esqueci-me de entregar-te um cartão de despedida que me deixou Gabriella para ti.

Não pude domar um estremecimento repentino.

— Um cartão? Ah! sim, eu não tenho apparecido... porque... porque... tive uma dôr de barriga. Elle rio-se.

— Apage! Tome clysteres: é um ataque bem prosaico.

Passeavamos presos ao braço um do outro. Eu olhava por sobre o hombro a physionomia do meu interlocutor, em mira a não perder-lhe um só dos movimentos.

— Não tens tido incommodo de familia?

Era perguntar por Gabriella. Elle olhou-me.

— Algum, accrescentou. Gabriella teve uma dôr de cabeça, ligeira indisposição e... foi tomar novos ares?

— Não foi para a Europa? Quero crêr?

— Não. Foi visitar alguns parentes que temos no citio.

— E' tão bom viver entre parentes; ha tanta distracção e prazer na fazenda que.... aposto que ella não volta tão cedo?

— E ganharias a aposta.

Não gostei da resposta, quizera antes perder.

— Doente! sem duvida, tornei-lhe, morreu-lhe algum gatinho, cãozinho ou canario de gaiola? São as moças tão sensiveis....

— Não. Esses passam de saude. A molestia de Gabriella é de cabeça.... epilepsia no coração.

— Oh! disse eu, abrindo, máo grado, largamente a bôca. E' máo estado. Dizem que banhos de mar são excellentes.

Caminhamos em silencio. Elle entretinha-se com seu charuto. Eu estava em preza á mil pensares diversos. Já me lembrava de Gabriella.

— Não posso esquecer-me, disse elle, do modo tragico porque travamos conhecimento. Hontem eramos inimigos, hoje dous amigos.

E verdade. Dous irmãos. Foi uma historia cavalheiresca que escrevemos: tú com tua chave e eu com o meu sangue. E a dama?

Elle desviou-se. A dama.... sim.... Gabriella.... não queres um charuto?

— Um charuto? Não. Já mais me hei de esquecer de ti e do acolho sympathico de tua prima.

— Tens um'alma generosa.

Eu sentí que Octavio ao dizer-me estas palavras occultava alguma cousa.

Elle evitou continuar n'aquelle terreno e disfarçou-se com o sol.

— Vês tu que és poeta, quam bello é o entrar do sol? Dir-se-ia que tudo desmaia com saudades da luz. E' o que se chama uma tristeza alegre, doce melancolia!

Eu fitei-o, ouvindo essas palavras melancolicas, e vi tremer-lhe nos olhos o orvalho de uma lagrima.

— E' o crepusculo, respondi. A terra e os céos tocaram-se formando o lindo Euphorion que lá desmaia ao nascer.

— E' a imagem de um sonho!

Longo tempo permanecemos silenciosos.

O ultimo sylpho que dormia na bruma embalsamada do crepusculo havia fugido com o sol, diria Sand.

Soavam sete horas quando Octavio allegando urgente occupação, despedia-se de mim.

Entrei em casa, pensando em Gabriella.

— Amava me, ella? Talvez.

IX

MATHUS.

> A sorte da mulher diz um moralista, é amar e soffrer. Ella é feita para isto. Desde que o mundo é mundo outra cousa ella não ha feito.
>
> (PELLETAN).

A lembrança de Gabriella não me deixou mais.

Apalpando meu coração, eu senti que todos os protestos por deixal-a tinham sido comedia ridicula.

Sua imagem tanto se me enraizára n'alma que não havia affastal-a. Meu amor era o sophisma do sceptico, que nega a existencia do espirito raciocinando.

— Amava-me Gabriella? E o adeos?

Não era livre, não podia vêr-me, contar-me seus sonhos, suas esperanças, seu passado e aspiração porvir? Porque silenciava?

A molestia de coração, o soffrer que Octavio me dissera ser leve, não seria acaso—amor? E aquelle olhar tão terno, tão voluptuoso que fôra a despedida?

— Era viuva: temia talvez a sociedade, a maledicencia do publico tão inclinado sempre ao *vaudeville* do escandalo?

Assim pensava eu, crendo agora na firmeza de um sonho.

De dous mundos que eu idéara, um de trévas outro de luz, um só estava agora em terra aos pés de uma mulher.

Eu já acreditava que a Paulista podesse amar. As

moças dessa terra poetica podem tambem amar; não é tão profunda a corrupção de seus costumes. E no juizo que d'ellas fazem, ha muito garbo e pretenção injusta.

Porque descrér? Não são ellas mulheres?

E a alma, a belleza, o sol e Deos? Não é elle o mesmo?

Eram onze horas e eu encostado ao leito, n'ella pensava ainda ao cahir pesado de copiosa chuva.

Mathus entrou, e gargalhando e fumando, sentou-se junto a mim. Olhou-me em silencio.

A chuva continuava.

— Meu amigo, disse eu, não quizeste ir passear. Com teu genio insoffrido havias de ser sublime, cavalgando um relampago?

Elle continuava em silencio.

— Dizem que e ao clarão da tormenta que é bello de vêr-se o rosto de uma feiticeira? Eu o atacava: tinha necessidade de distrahir-me.

— Fallas como um namorado!

— Que? Quem te disse que eu estava enamorado?

— Estás tão cégo que já não vês a trave nos olhos. Aposto que pensavas nella?

— E's um louco.

— Entre parenthesis, disse elle, ainda lês Brantome?

— Sim. E o que queres? Diz-me, philosopho de 23 annos, charuto na bôca, e olhos langues, querias fazel-o dançar o fandango, ou lascivo *kankan* nas fumaças de teu charuto?

— Não achas sublime o *Decamerone* de Boccacio?

— O que tens com Brantome e Boccacio?

— Quero dizer-te que Boccacio é um genio e Brantome um homem de espirito.

Isto o diz qualquer *Basbleu*?!

— Pois bem, Gennesco, de Boccacio guardo eu severa lição, e de Brantome estas palavras dogmaticas: *la veufve est plus soigneuse du plaisir d'amour cent fois que la pucelle.* Então, meu caro, não achas bonito? E' um homem de espirito.

— Deixemos esses homens genios malditos que deveriam passar desapercebidos pela terra. E' uma gloriola triste essa que se alcança em troco da calumnia, da vergonha e do pranto de nosso semelhante. As aves soberbas, os genios não deveriam nunca manchar suas azas no bordel, nem salpicar-nos de lama.

— Porque maldizel-os? Tiveram uma virtude: a franqueza; foram os Tacitos do imperio de Venus. Pintaram o que viram, contaram o que souberam; nada mais.

A currupção do seculo XV ali está. Passou pelo languido, morbido e doentio periodo da Regencia; ahi véio ella até nós mais adiantada, mais vil.

Estuda a sociedade romana seus *lenones cynedes, proxynetes, et stabula* e torpezas mil; levanta a toga brilhante desses imperadores *monstros*, no dizer de Suetonio; percorre as paginas epicureas de Horacio, de Tibullo, de Petronio, Catullo, de Propercio, de Martial e de Ovidio o germen dessa litteratura venerea, que hoje, assola a sociedade e despovôa o mundo moral: lê os Padres da Igreja no seu discorrer apaixonado sobre os amores pagãos desde as epistolas de S. Paulo, os escriptos de Santo Agostinho, até ás prédicas de S. Cypriano e Turtuliano; acompanha a critica evangelica severa e grave de Dufour e verás que a corrupção progredio o paganismo estendeu-se, e a miseria subio muitos gráos no thermometro da dissolução.

— Muito bem, ajuntei rindo-me. Pelo que ouço és o justo da terra; decididamente tu merecias uma forca entre esses dous ladrões: Boccacio e Brantome!

Mathus levantou-se. Involveu-me na luz langida de seus olhos negros.

— Gennesco, estamos em S. Paulo. Porque te prendes aos vestidos dessas mulheres? São bellas? Não o nego. São puras? Quero crêl-as. Mas bellas e puras, nada mais são do que isto: fructos do mar morto, bellas fórmas, amago de cinza. Cabecinhas ôcas, terrenos incultos, ahi não medra a flôr da poesia.

Amal-as: é construir na arêa; curvas tua fronte soberba em quanto levianas, destrahidas, riem-se ellas cuspindo nas folhas da tua alma. Não; não ames.

— Paradoxos de barbadinho!

Seguio-se um pequeno silencio. Eu já me arrependia de ter provocado o sarcasmo de Mathus; porém, através d'aquelle fervôr ressumbrava um que tão melancolico, que a tristeza de su'alma, sem que eu sentisse, tinha lançado um véo sobre minha alma.

Mathus, olhava-me como quem espera a confissão de algum segredo, a revelação de algum drama intimo, tenebroso. Elle encarrou-me fixamente.

— Gennesco, disse elle, tudo sei. Tu amas uma viuva.

Eu estremeci, sentindo cair-me a chave que tinha entre mãos. Roubavam-me o thesouro. Já não era um segredo entre mim e Deso. Olhei-o; sem dizer palavra.

— Tu amas; com tua imaginação oriental, teu espirito romanesco e instinctos aventurosos, és capaz de alguma loucura. Amanhã a mulher que hoje adoras, para quem sonhas um mundo, a primeira seria, talvez, que te apontasse ao dedo, ao passar: rindo-se de ti, cercando-te de epigrammas no meio de suas amigas. Cuidado.

— Mathus, meu amigo, eu amo, sim; e não me envergonho ao dizel-o.

A mulher que adoro é pura como os anjos, bella como a intelligencia; poetica tal qual eu a sonhei nas noutes de vigilia, com os punhos cerrados, acotovelado sobre a meza e com a fronte perdida nas mãos.

Encontrei-a, quando me entranhava por esse mundo de turbilhões, de ancias e de aspirações, que é a consciencia humana.

Eu era como as aves. voava; sou agora como o escravo: não corro.

Viver ao lado della; sentir em minh'alma as notas cadentes de su'alma; mirar meus sonhos puros na sua fronte pura; olhar no crystal de su'alma as bellezas do céo, eis meu sonho.

Tivera a perola do hebreu, que por ella a déra; meu sangue á Mephisto, e uma palavra, uma só de amor, de confiança, filtrada por aquelles labios e eu fôra feliz, muito feliz.

Mathus me olhava.

Eu sentia necessidade de abrir-lhe meu peito; de lêr-lhe o livro intimo de meus loucos pensamentos. Eu estava de pé; fitava-o com esse rir de felicidade candida que frisa os labios da creancinha, que no voejar pelos campos, corre, vôa, volta á mostrar á mãezinha a borbolêta que apanhou.

Elle disse-me com um sorriso de tristeza grave.

— Gennesco, es um pobre sonhador. Crês na immobilidade do areal! Na constancia das ondas? No sorriso do tempo? Onda, areal, sorriso, tudo isto é a mulher. Quebra-se como o vidro, esvaece como a espuma.

— Não. Ella assim não é. E' moça de talento, não é vulgar; tão triste é aquelle entezinho, que fôra crueldade rasgar-lhe as vestes.

A mulher, Deos a fez assim: pequena e fraca, mas, bella e grande.

E' um livro mysterioso, não basta folheal-o, é necessario estudal-o. Para entendel-o, não basta ser homem, é preciso ter amor e crença, confiança e fé.

Eu a vi: senti-me feliz. O proprio Deos se me revelou através dos olhares della.

Dá á mulher a belleza physica, eis a estatua. Sopra-lhe o espirito que pensa, eis uma inspiração, uma virtude. Estatua eu a admirei; alma inspirada, eu a amei.

— Linguagem de namorado! Serias capaz de roubar a lua para contental-a.

— E' na crença que está a ventura Sentir tudo em vacillação; o sólo á tremer, os muros á caírem, abobadas sobre a cabeça á esmagar-nos, sem ter uma lembrança a evocar, um nome querido a pronunciar, não é isto o inferno? Eu creio. Eu creio.

— E's crente como a creança.

— Tu, és quasi um libertino.

— Gennesco, disse elle levantando-se, acabarás sendo eleito papa pelo conclave feminino; distillando tua vida ardente n'um harem catholico.

— O mundo ha de chamar-te caricatura dom juanesca.

— O mundo? O que é o mundo? O primeiro dos tyrannos hypocritas. Occulta os olhos e espia entre os dedos. Porque o homem lhe diz que o branco é branco, o preto é preto eil-o, de pedra na mão, assaltando o infeliz que o disse.

O mundo quer que se lhe falle através de uma busina. Não muito alto, não muito baixo; escala chromatica entre o *si* do Tartufo, e o *do*, *re*, *mi*, de Faublas. Sua linguagem, Hugo já o disse: — é o systema do *à peu prés*.

Crucifica Jesus Christo e absolve Barrabás; enterra na lama a virgem, pobre hervinha que vendeu á miseria e á fome o perfume do corpo, e abençoa a mulher que tráhe o coração, suffoca a divina sympathia amorosa, e sem fé, sem amor, sem dignidade, passa ao leito de um homem que se diz seu marido, mas que a religião verdadeira e a moral pura, declara um algoz dos sentimentos, carrasco de um destino.

Amar no mundo é rir, quando o coração chora; chorar, quando ri-se o coração. Não quero taes amores.

A chuva continuava.

Uma tristeza invencivel apoderava-se de minh'alma.

Eu sentia um vacuo immenso no lugar do coração; só a imagem de Gabriella poderia enchel-o.

Desde que a não via: meus livros estavam empoeirados; eu não lia, nem escrevia, nem prazer algum podia ter fóra della.

Muito soffri. Amar e não poder confessar o amor; ver o objecto querido dos sonhos, sentil-o ao pé de si, e recolher vasia a mão, é um supplicio que só comprehenderá, quem vir entre si e seu amor a terrivel muralha do mundo.

Mathus levantou o semblante que parecia chorar.

— Taça de fel, é a vida. Um poéta disse:— mulher: mentira!

— Então, porque amas?

Uma hora soava ao longe.

— Porque amo, porque amo? O amor é Satan.

— Não, disse-lhe eu, por minha vez: tu odêas a mulher por excesso de amor. No dia em que essa lampada se apagasse, o mundo volveria ao cháos. O amor é Deos, e ninguem chegou ainda á negar Deos.

— Mentira! Mentira! Mentira! Mathus retirou-se. Não tão apressado que me occultasse uma lagrima nos olhos.

Eu soube depois que elle estava loucamente apaixonado.

———

X.

UM BILHETE.

Pertice gressus meos semitis tuis.
Ps. XVI.

Tres mezes se haviam passado e Gabriella não voltava.

Octavio, eu o via ás vezes, mas seus labios eram mudos. Me parecia que elle evitava descorrer sobre Gabriella.

Houve um incidente

Um dia, pelas dez horas, eu voltava da aula. Cabisbaixo e apressado pelos gritos do estomago que dizia: avante, avante!

Vinha rindo-me ao lembrar muita pilheria, muito dito espirituoso, que ouvira ao retirar-me dessa *prosa* scintillante, vertiginosa, viva e illustrada, que echôa pelas arcadas.

Motim de crenças, palestra de heróes; onde o epigramma esfola ao pé do dithyrambo que fulmina; e por entre o fumo, o susurro e a vaia, estremece o canto do poeta e a concepção do romancista.

Lamartine esbarra em Ulpiano; Musset em Troplong. As melodias de Moore, as contemplações de Hugo, dão as mãos aos textos de Gaio, aos fragmentos de Marciano ou Bartholo.

E a mocidade assim na Belgica, na Prussia, na Allemanha ou no quarteirão latino em Paris, petulante e viva intelligente e corajosa, canta espantando muita gente que ainda crê nas adagas de gancho e nos rabichos d'El-rei Nosso Senhor!

Essa gente boçal e ingenua tem a modestia de querer extinguir o sol, e encerrar as paixões nobres do estudante na boceta de Pandora; não pensa, ao contrario, o bom senso dir-lhe-hia que sem germen não ha planta, sem enthusiasmo não ha crença, e que sem mocidade não ha futuro.

Mas a colmea ferve, ferve sempre.

Dahi saem os advogados, os primeiros oradores, os grandes homens do estado, os poetas, romancistas, os artistas e a gloria da patria. Ahi está o coração do Brazil.

Podemos dize-lo: é a caldeira como nos contos orientaes, della sae o genio que doma a natureza, admira os velhos e subjuga o Universo.

Tal pensava eu.

Ao dobrar a primeira esquina da rua da Freira, encontrei uma velha; embuçava-se nessa mantilha escura que transforma a mulher paulista em um familiar da Inquisição. Mas que tem sua poesia, quando á sombra do mysterio, ri-se uma bôca mimosa que tem perolas e perfume; que sabe essas palavras que ficam e recordam a gentil andaluza, no gesto, na volupia, no accento e na belleza.

— *Nhô* Doutor, disse ella, com esse sotaque carregado, pausado e flébil, que caracteriza a mulher do povo de S. Paulo.

Voltei-me.

Ella estava diante de mim. Bateu na cabeça e agitou a mantilha, como se esforçando para lembrar alguma cousa.

Impertigou-se, volveu-se, murmurou de si para si, e afinal, interrogou-me rispidamente:

— *Mencê.... Mencê....*

Ella interrompia-se, olhando os estudantes que passavam, pilheriando e rindo-se.

— Vamos. O que quer?

Disse-lhe eu, já cançado de encarar aquelle volume de um seculo.

Ella fez um ultimo esforço.

— *Mencê*, é que se chama.... chama.... Fradesco... *nhô* Burlesco.... não é isso.... é.... é.... *nhô* Grotesco?...

Não deixava de ser interessante o processo mneumothenico empregado pela velha para descobrir o nome de minha individualidade.

Fazia como o calouro: dava por páo e por pedra.

— Eu chamo-me Gennesco!

— Isso mesmo: Gennesco. E' *mencê*?

— A menos que tenha um Sosias.

— Não. *Nhô* Doutor, não é *nhã Sophias*....

— Sou o mesmo que a senhora procura, disse eu tirando a velha do labyrintho em que se perdia, confundindo Sosias com *nhã Sophias*.

— Pois *nhô* Doutor, tornou ella rindo-se, de um rir confidencial, eu tenho que fallar com *mencê*.

— Vamos ao caso.

— *Nhã* Gabriella já chegou!...

— Quem? Como? Deveras?... disse eu comprimindo um gesto de surpreza.

— Sim. Ella tinha ido passeiar para fóra e chegou já ha tres dias.

Os olhos pardos da velha tremiam em um raio de lubricidade.

— Mas eu não conheço Gabriella?

— *Hê ha*, disse ella, saltando atrás e rindo-me na face, com esse puritanismo exclusivo ao povo Paulista.

— *Mencê* é *pontista*, canta bem mas não entôa. Querendo cortar as azas ao vôo palreiro da velhota, eu ajuntei:

— Pois bem, chegou e o que tem isso?

— O' quê tem? Tal seria que *mencê* não soubesse!...

— Anda lá, o que é?...

— Eu tenho um bilhete p'ra entregar p'ra *mencê*.

— Dai-m'o.

Ella entre-abrio a mantilha escura, tirou um papelinho e entregou-me.

Estava fechado.

Nesse momento passaram alguns collegas conversando e fumando.

Olharam com sorriso de malicia.

— Estás lendo a *buena dicha*?

— Não. Gennesco está consultando o Pêgas e o Vallasco, naquella velha encadernação!

— Nada disso. Estou indagando sobre uma boa cozinheira.

Deitei o bilhete no Compendio, e despedindo-me da velha, seguio-os.

O estomago ardia, o fogo interno ameaçava consumir-me as carnes, os meus collegas caminhavam rapidos para o almoço.

E' que após duas horas em que sentados nos duros bancos da academia, bocejamos as mais bellas prelecções do lente, bem desculpavel é o enthusiasmo afanoso, com que corremos em demanda do almoço.

XI.

INTERPETRAÇÃO.

Fechei-me no quarto. Só, nem ao menos consenti na presença de Zuleika. As mãos tremiam-me; eu estava agitado, como se presentimento fatal me preparasse uma solução infeliz.

Eu estava como o condemnado que teme lêr sua sentença de morte.

Uma questão interessante ia emfim decidir-se, após aquella leitura eu saberia então se Gabriella me amava, ou se, alma de Lelia, no seu orgulho de belleza, repellir-me-ia para sempre. Li-o; tornei a lêr.

Eu estava como o antiquario curioso archeologo diligente, que tenta soletrar na effigie apagada de um rei, ou na inscripção embrulhada, uma idéa que vislumbrou. O bilhete dizia:

« Doutor »

— Nada mais natural, disse eu, Doutor é saudação que ouço á cada passo.

« Ha tres dias que cheguei, e não pude vêl-o ainda. »

— Logo, raciocinei, deseja vêr-me e porque?

« O modo interessante porque travamos conhecimento,

a brevidade da visita, e o gesto triste que lhe descobri.... não pude ainda esquecel-o. »

— Ainda não pôde esquecer; lamenta a brevidade da visita, e reparou no meu gesto triste?!...

Logo, consequencia: — quer visita mais longa, deseja a reproducção de factos, e piedosa deseja no coração de mulher, alegrar-me. Bem, continuemos:

« Sou algum tanto romantica e não desdenho a leitura de uma pagina cavalheiresca... «

— Bravo, disse eu, já tenho esperanças de um riso da castellãa. Dizia:

« O doutor é uma bella acquisição, tem o segredo de fallar palavras, que ficam.... »

— Logo, algumas ficaram.... no coração, talvez.

Lembrei-me de uma encantadora moça que disséra uma occasião: que desejára que eu fosse um sabiá.... para conservar-me preso, cantando em uma gaiola. Era um prazer barbaro; mas espirituoso. O bilhete acabava:

« Muito em obsequio ficaremos se o Doutor quizer, *hoje*, partilhar o nosso chá.

« Octavio o supplica.

« Sua respeitosa creada

« Gabriella. »

A palavra *hoje*, vinha sublinhada, o convite feito por parte de Octavio me pareceu um artificio todo feminino.

O bilhete vinha perfumado.

— Pois bem. Vêl-a-hei; e, filha do céo ou nuncia de desgraça, eu hei de lêr no livro d'aquella alma.

Uma idéa suspendeu-me: serei brinco de um capricho de viuva? Mathus terá razão?

Não, me disse o coração, aquelles olhos tão puros, aquelle sêr tão angelico, não poderiam prender-me, estupidamente á trama futil de um cansado namôro. Eu beijei aquelle bilhete, como sagrado amulêto: era um perfume della, um fragmento de sua alma, o primeiro canto de um poema de venturas. Guardei-o.

———

XII.

A VERDADEIRA FORÇA DA MULHER É A FRAQUEZA.

Nunca um dia me parecêra tão longo.

O céo com seu riso de azul, seu manto de ouro e nuvens tão lindas, enfastiava-me o monotono me parecia por demais vagaroso.

E' que eu contava os passos tropegos do velho inverno pelos éstos ardentes do coração que vai tão veloz que nao ha alcançal-o senão pelo pensamento.

Foi com enthusiasmo que eu saudei assim os primeiros raios da lua de inverno. Vesti-me e sahi.

Era uma linda noute; tudo cantava, a lua, a terra, o céo e os homens.

No entanto meu coração batia, min'alma esperava, e minha pallidez devia ser a de um enfermo em cuja fronte lutam o soffrimento e o desanimo na lividez de um morto.

Gabriella me esperava. Saudou-me risonha e alegre. Paramos na sala onde eu entrara pela primeira vez e que já é conhecida pelo leitor.

Ella trajava de branco: tinha nos punhos um laço de luto que chorava em meio daquelle riso de alvura.

Era o mesmo raio de luz nos olhos, o mesmo crepusculo nos labios e a mesma morbideza na attitude. Gabriella era Gabriella. Sentamo-nos.

Ella estava muda e eu acanhado.

Octavio não apparecia como promettera o bilhete. Estavamos sós.

Em frente de Gabriella, com seu ademan de hespanhola, indolencia de Odalisca e palpitar offegante, que iguala o tremer doudo d'avesinha, quando o chumbo quebrou-lhe uma das azas, e que encanta e extrasia, e dá vontade de chorar, eu conservava-me timido.... a creoula prendia-me; e as neves de meu peito derretiam-se ao raio fogoso daquelles olhos de Paulista.

Uma reflexão passou-me e é que: a mulher creada impotente e fraca para ser protegida pelo varão, possue no entanto, uma grande força, uma virtude que abate, captiva e doma esse rei da creação, o despota por excellencia, que a psycologia definio: homem.

Não é a raiva da mulherinha insolente, que se ergue nos pés á tocar as barbas do marido. Não é o arrufo da moçoila ao ver entrar em casa de mãos limpas, o jogador que esgotou ao garito as moedinhas que levara. Não. Mil vezes não.

E' essa placidez de anjo, esse quedar de cordeirinho, que sorri quando amaldiçoamos, que abençôa quando blasphemamos. e se evapora no perfume de uma lagrima quando foi molestada su'alma de mulher.

Em uma palavra: é essa força negativa, esse elastico da armadura, que faz saltar-nos da mão ou o punhal ou a espada quando mais seguro era o golpe: é o riso, é a graça, a candura, o pranto: é a fraqueza.

Um riso de Gabriella me tornára mudo; um fio dos negros cabellos me prendera.

Os minutos corriam e nós olhavamos um para o outro. Era demais.

Eu não vinha ouvir um sermão, assistir á missa, ou fazer estréa em uma sessão de mudos. Desconcertei-me, e não tendo que dizer: perguntei por Octavio.

— Octavio? disse ella, como disperta d'um fluido magnetico; creio que não virá, hoje, passar *comnosco*....

Comnosco? oh! aquella palavra foi vibrada na melodia de uma strophe de H. Heine.

Estava na mesma. O silencio continuava.

— Octavio, Octavio, ora, aquelle Octavio!

Decididamente eu estava estupido, como os companheiros de Ulysses na ilha de Circe: Eu gaguejava e nada produzia.

Ella fallou....

— Tem saudades delle?

— Oh! sim, é um bello coração!

— O mesmo diz elle do Doutor!

— Eu não mereço. Tudo que vos toca é tão puro, tão santo, que fôra sacrilegio elogial-o; gozal-o, inda em pensamento.

— Acha isso? E se eu dissesse o mesmo do Doutor?

— Eu não acreditaria.

— E' egoismo.

Ella pronunciou esta ultima palavra, accentuando-a intencionalmente.

— Não. Eu sei por experiencia de alguns mezes, que quem se approxima do céo, póde fulminado ir cahir no inferno.

— E' a fabula de Semelé, como a conta o Paganismo, não?

— Sim. Semelé foi punida, por querer admirar um deos. Ha corações que emurchecem por querer amar.

Ella calou-se. Eu a esperava.

— Crê no amor, Doutor?

Disse ella, depois de uma pausa.

— Eu? oh! como n'um raio de Deos!

— Eu tambem creio, mas como n'uma labareda do inferno.

— E o que é a vida sem o amor?

— E' o mar sem a tempestade, a estrella sem a nuvem, e o coração sem o lucto.

— Não: é a lampada sem o oleo, o céo sem a estrella, e a vida sem a luz.

— O Doutor é ultra-romantico!

— Não amais, então?

— Sim. Meus parentes, meus prazeres, meu retiro e a cinza de minha mãe. Eu amo as ruinas.

— E nem uma flôr entre ellas?

— Nem uma flôr!

Estas expressões magoaram-me. Eu tive um momento de despeito e sentei-me longe d'ella, sombrío como a mumia embalsamada.

A lua que ia bella no céo sorria triste na sala. Entre nós levantava-se o silencio.

Gabriella veio sentar-se junto de mim.

Contemplou-me por algum tempo. Depois encostou se a meu hombro, como a papoula que descae na haste que a apoia.

Gennesco, disse ella, suffocando um soluço, como quem soffre. Tiremos a mascara. Em amor não póde haver carnaval, é necessario.. .

— Sim, é necessario que a comedia se acabe. Tu me amas, Gabriella ?

— Não, Gennesco, porque não posso amar-te.

— Não pódes amar-me ? Tu, não me pódes amar ?

— Não : é impossivel. Fôra infamia, talvez.

— Talvez ? Quem sabe ? Eis a grande palavra feminina ; o sello com que se marca o descrer de um moço. Talvez : é o epitaphio que se inscreve na tampa de um caixão, onde some-se o coração que amara, que vivêra de uma illusão, e sangrara n'ella pensando. A mulher é sempre mulher. Uma por todas e todas por uma. Vaidade, orgulho, desdem, capricho, sombra e ruina, cinza e miseria : eis o amor dellas. Eu sei : a belleza da mulher é como o côrvo, alimenta-se de cadaveres. Não me pódes amar, adeos.

Eu queria a luz e me deste as trévas, eu queria crêr e me deste o scepticismo. Tu amas as ruinas... pois bem, lá terás mais um cypreste... adeos... adeos...

Eu me levantára e tremente procurava meu chapéo.

Gabriella ergueu-se, tomou-me pelas mãos e fez-me sentar.

— Gennesco, Gennesco, escuta-me e depois me criminarás. Tu me conheces, sabes acaso do meu passado ? Pobre mancebo, sorris apenas para a vida ; teus labios não se mancharam ainda no amargor das taças ; o céo de tua vida inda é tão azul. Escuta. Eu tenho necessidade de ti. Quero teu peito, quero guardar tantas saudades que me nascem n'alma. Gennesco. Eu vou contar-te minha vida, meus sonhos de creança, meus amores de esposa e meus suspiros de amante.

Ai, que bem saturadas de pranto são as scenas do passado... escuta-me...

Gabriella soluçava e pendia do meu braço, como a pallida folha ao tronco solitario.

Eu já não queria partir. Estava triste e esperava.

O pranto della me vencêra.

XIII.

UM CASAMENTO DE CONVENIENCIA.

Gabriella encostou a testa em meu hombro na doce familiaridade de irmã. Era tão bella, tão angelica; eu tive vontade de beijar-lhe as vestes; mas deteve-me um sorriso sério que brincava no coral de seus labios.

— Gennesco disse ella, eu preciso de teu perdão...

Eu fiz um movimento.

— Espera. Escuta.

Gabriella fallou assim:

— Sou viuva. Fui casada com um homem que a sociedade me deu para marido; a conveniencia social que sacrifica o sentimento ao calculo, e o coração á razão e o amor ao egoismo mercantil, fez-me passar dos doces lares de meu pai para o leito de um extranho, que a religião declarou meu protector e arrimo na minha vida.

Deu-me Deos um espirito sonhador, uma alma de fogo, que sonha, scisma e soffre de males imaginarios. Prefiro uma flôr á um vestido, um céo azul ao mais lindo balão.

Em companhia desse homem, meu marido, vivi, como vivem as mulheres sacrificadas ao luxo, á prepotencia e ao despotismo do ouro, triste e resignada. Um sentimento unico me prendia a elle: a gratidão.

No emtanto não era elle um máo homem; intelligencia

fraca, caracter secco e rosto de arithmetica. Inflexivel como a medida de sua fazenda, era um typo do homem negociante, como os ha por ahi.

Acudia aos meus desejos com a rapidez com que cobrava uma letra, e satisfazia meus caprichos como bom marido que era. Tudo quanto é material, relativo ao viver economico dos conjuges marchava regularmente, e um porvir de felicidade parecia dever sorrir-nos.

Mas faltava tudo, a alma, a vida, o sentimento que é o assento da tranquillidade do casal, que torna o viver um Eden na terra: faltava aquillo sem o que, o casamento é o inferno, onde duas vidas soffrem, duas partes do mesmo todo, arcam-se, atacam-se e amaldiçoam-se, arrastando uma catastrophe sinistra: faltava-nos o amor.

Acompanhando aquelle homem, acceitando a imposição solemne da Igreja, eu só me entregara em parte: a razão aconselhou-me, mas meu coração refluio timido aguardando desforra.

Eu fizera o que se chama um casamento de conveniencia: onde a belleza, a graça, a candura e a inexperiencia da creança jogam-se em uma partida canonisada, contra a posição, fortuna, grosseria e despotismo de um marido.

A palavra de Deos é invocada hypocritamente e assiste sacrilega á solda metalica de duas vidas que muita vez se renegam, e tem entre si a santa antipathia que salva ou periga a natureza humana.

Dous seres que tinham-se visto uma ou duas vezes, cujos caracteres oppostos impossibilitavam qualquer solidariedade: um sonho contra um calculo, a candura contra a astucia, e a menina de quinze annos contra o ricasso de cincoenta: eis os elementos que seguiram minha entrada no casal, e que vieram depois, larvas medonhas, murmurar-me scenas de tragedia, de luto e de lagrimas. Minhas bôdas foram tristes, o ruido da festa mal velava meu presentimento de desgraça; as flôres brancas da larangeira aromosa, que cingiam minha fronte de virgem, eram goivos; murcharam em meu primeiro dia de noivado.

Os dias que vieram, trouxeram-me a experiencia triste de um viver infeliz.

A dureza de meu marido, seus calculos constantes, sua economia applicada até á mesquinhez; seu ciume balofo, phantastico e impertinente, tudo isto eu soffria em nome do Martyr do Calvario, cuja cruz eu tomára aos hombros.

Demais, meu marido tinha momentos de sublime devotação: era ás vezes, subserviente como a creança.

A leitura que fôra sempre minha occupação constante ajudando-me a caminhar na vida, despertava, no emtanto sentimentos desconhecidos, aspirações ardentes, que me enublavam a imaginação.

Eu acordava ás vezes de um longo extasis, vindo de sonhar com uma nuvem, aos gritos de meu marido chamando-me para contar uma boa compra que fizera: um rolo de fumo, uma carga de rapadura, tantas mantas de toucinho, ou pipas de aguardente.

Tudo me aborrecia: comecei a comparar meu marido a um lanho de toucinho. A pobre moça sorrio-se tristemente.

Um dia esse amor que se não revelára ainda, mas dormitava em meu peito o ser occulto e infinitissimo, que fôra calcado, levantou-se soberbo e fez-me descobrir que não ha paz domestica, felicidade conjugal, sem intelligencia de corações, harmonia de idéas, ou completa eliminação de paixões fogosas. Eu amei e comecei a soffrer.

Frequentava então nossa casa um moço estudante correspondido de meu marido. Tinha vinte tres annos de idade: era cursista, moço de muito talento. Pertencia a essa familia de moços sonhadores que Deos sagrou poetas.

Elle não era bello: mas tinha uma conversação que arrebatava, um dizer claro, imaginoso e cheio de figuras tão lindas que faziam sonhar. Quando elle fallava era a musica de sua alma que vibrava. Amei-o e elle amou-me tambem.

Era um amor puro, ideal, platonico; era a imaginação de Lamartine sonhando Raphael, ou o vulto candido de Graziella: era o mysticismo do hebraisante.

Não eram nossos corpos que se amavam, nem nossos labios que ardiam: não; uma ligação mais pura, mais sancta nos prendia: era o contacto de duas imaginações; o encontro de dous globos de luz: eram as almas nossas que se adoravam.

As longas horas do dia eu as passava lendo com elle na mesma pagina, suspirando á mesma nota e scismando ao cadente de um verso ou harmonia indolente da strophe. Era uma scena de pureza e de encanto, como a traduzio o Dante no seu episodio de Francesca de Rimini.

Que lagrimas, que suspiros, que vagos anceios, ao lermos as paginas ardentes de Sand, a martyr.

Momentos de ventura, projectos de felicidade, sonhos, sonhos, sois talvez, como disse o poeta, a unica realidade da vida!»

Gabriella parou. Enchugava uma lagrima, que lhe tremia nas palpebras.

— Aquella mulher, que eu ha pouco accusára, que me parecera insensivel, era agora divina para mim: confessando-me sua fraqueza, as larvas de sua imaginação de amante, Ella abria o livro de sua alma, para que eu o lesse.

O que é, pois, o coração da mulher?

Ella continuou:

— Perdoa-me, Gennesco, se ainda lamento o tempo que já vai; se uma lagrima de saudade lembra ainda um passado tão bello e tão cheio de amargor.

Contar-te os momentos de distracção que tivemos, o riso, o canto, a poesia e o romance que nos embalava, fôra impossivel. Escuta: um dia, demos fé de nós no fundo de um abysmo. Luzia á beira a fronte carrancuda de meu marido.

O passado de poesia esvaeceu-se, as estrellas foram-se, o mundo tornou-se triste e um canto lugubre, arrancou-me ao pezadelo do amor. Eram os goivos do noivado que brotavam, agora, frescos da corôa murcha de meu viver de esposa. Era a tréva, era a noute, era o desmaiar das illusões....

— Eu sentia no ventre o estremecer de um féto.

XIV.

ESPOSA E MÃE.

A respiração de Gabriella era custosa, Sua voz tremia, como a grimpa de um campanario tocada pelo raio.

Ella continuou:

Eu tinha no ventre um filho, era de Jorge. Não era elle o meu verdadeiro esposo? Não o tomára eu no altar puro da natureza, não lhe jurára amor, sob o olhar benigno de meu Deos? Oh! que me importava o mundo com seu sarcasmo, e os homens com seu cynismo. A marca de adultera, que me queimava a fronte, refrescava-se á um beijo delle. A infamia, a infamia, mas por elle. Quando tudo na terra nos deixasse e as turbas sedentas de escandalo nos apedrejassem, nos cobrissem de lôdo, nas azas, brancas do amor nossas almas se levantariam, indo pedir asylo nos céos! Oh! eu tenho saudades, lamento o passado como a perda de um thesouro. Prantêo-o como Ossian pranteava o passado de sua Irlanda.

A voz de Gabriella tocava a exaltação. Era o primeiro svmptoma do delirio.

— Uma noute eu estava em meu quarto, approximava-se o tempo de meu parto. Eu não vira Jorge naquelle dia, esperava-o á noute, impaciente e febril.

Encostada em meu leito eu contava um por um os segundos que fugiam.

Ouvi passos, levantei-me.

Ebria e louca eu caminhei para a porta, estendi os braços, julgando abraçar uma sombra.. recuei espantada diante dos olhos de meu marido que me fitava com esse olhar de pedra, reluzir de louça, que torna em monstro o rosto de homem: equiparando-o ao vulto hediondo do carrasco.

Elle trazia nas mãos uma carta, que mão satanica, escondera debaixo da porta. Pintava-se em caracteres negros e cynicos meus amores occultos, minha paixão adultera, e rematava-a uma risada piedosa pelo marido traido.

Meu marido atirou-me ás faces o horrivel papel, emissario do inferno, e cuspio em minha face de esposa os insultos mais lodosos que sua indignação de esposo, acanhamento de intelligencia e grosseria de trato podiam lembrar.

Eu ouvia sem dizer palavra aquelle chuveiro de maldições e perdoava-o, sim perdoava, porque eu tinha amor, e o amor é o perdão a bondade e a indulgencia.

— Gabriella era sublime. Seus cabellos cahidos, sua fronte pallida, como a lua que nos sorria; seus olhos animados, e alma della que ardia, era a estatua da Sybilla quando geme sob a inspiração do deos. Era ella, como a prophetisa que sobe, sobe nos vaticinios, pedindo á Deos que derrame a fé nos que a ouvem.

Era a Magdalena purificada no crisol do amor, pura e bella, subindo n'um raio de perdão para o céo dos eleitos.

Eu beijei-lhe a barra do vestido em religioso respeito; eu estava sob a impressão de um poder superior.

Era um desses momentos em que a mulher sublima-se tanto, que o homem roja aos pés della, tremente e pequenino. Ella fallou:

— Seguio-se uma scena terrivel: meu silencio longe de acalmar as iras de meu marido, excitou-o em extremo. Levantou-se rugindo como a féra, rasgou em minha cara a carta amaldiçoada e amaldiçoou o féto alheio...

O rosto de Gabriella empallideceu mais.

— Oh, disse ella, vê o tigre que procura para a prole o mais escuro das cavernas; vê o leão, que foge da luz do dia, e vai crear na solidão seus caros filhos. Estuda os animaes domesticos, as aves mais innocentes, desde a aguia até a andorinha, e verás que tudo palpita, estremece e chora pela prole. Tira-lhes o filhinho e irrital-as-has.

A mulher é tambem tigre, leão, aguia e andorinha: insulta-a, cospe nella, maltrata-a, mas não lhe toques nos filhos... e desconhecerás o ser fraco, feminil e escravo, naquelle rosto de hyena, naquelle rugido de tigre, que se atira furioso em defeza do vagido timido da creança delle.

Tudo eu soffrera: a esposa culpada perante a sociedade estava punida, nem uma palavra dissera.

Mas, meu filho? Innocente e triste que mal lhe fizera?

Ouvindo meu marido stigmatisal-o, eu ergui-me espontaneamente. O rosto delle pareceu-me horrenda caricatura; eu olhei seus pés, pensando nas patas do demonio e tomei-lhe as mãos desafiando-lhe as garras do diabo.

Elle abrio estupidamente os olhos, espantado da hediondez de meu rosto. Eu vi-me em um espelho fronteiro, e lembrei-me da cabeça de Medusa que estatuava os homens.

Era uma mãe que se levantava para defender seu filho contra o esposo; era a voz do ventre que pelos labios maternos, vingava a esposa ultrajada que ouvira submissa tantos insultos de lôdo.

Oh! foram tão vindas de minh'alma as palavras então ditas, que dellas me lembro ainda como se hoje fossem.

A indignação de mulher, meu orgulho de mãe inspiraram-me essas palavras que me coaram uma por uma, saturadas do meu sangue mais intimo, do fundo de meu coração rôto.

«—Senhor, até aqui eu vos tenho ouvido placida e submissa, como a ovelha que se leva ao matadouro.

« Dous annos de um viver de casados deviam ter inspirado outros sentimentos a nós ambos.

«Vosso comportamento tem sido indigno, embora, até certo ponto, eu o tenha provocado.

« Senhor, somos acaso responsaveis pelos males que nos trazem a mais fatal das paixões: o amor?

« Qual é a mulher que unindo-se a um homem, póde seguramente dizer: tua serei e não de outrem?

« Não é licito ir além de certo limite; ha regiões prohibidas ao homem, onde o espirito desmaia, a força paralysa-se e o contacto se quebra; assim foi meu fadario.

« Eu vos dei meu corpo, constitui-me vossa companheira, segui vosso destino. Mas meu coração não era vosso, meus sonhos eram só meus, e o meu amor, unicamente de Deos. Meu coração vingou se.

« Quereis minha vida? Tomai-a. Meu sangue, derramai-o.

« Infligi-me dôres, quero soffre-las.

« Quebrai meus membros, murchai minha belleza: que meus ossos estalem, e vossa raiva, como o deos Moloch, se sacie de sangue... Vingai-vos, senhor!

« Mas, attendei bem, a esposa se entrega, curva-se a vossos pés, e não tem uma palavra de odio para maldizer-vos.

« Porém, a mãe não ora, não roga, não pede e não supplica!

« Ordena que respeiteis seu filho, ouvistes, senhor; disse-lhe eu tomando-lhe as mãos; matar-vos-hia se nelle tocasseis com as mãos impuras.

— Eu estava exhausta. Minha exaltação era extrema. Uma vertigem me entonteceu. Eu ouvi um barulho... mas nada pude fixar: desmaiei.

Gabriella parou algum tempo, como quem descança de uma viagem dolorosa.

A lua que vagava pallida e bella nos céos, deu na face della, um beijo de irmã.

Aquella saudação de sympathia e soffrimento foi o baptismo ás dôres daquella mulher; de quem eu tanto desconfiara, mal sabendo quam rude lhe havia sido a vida.

Ella e a lua, pallidas, tristes, soffredoras ambas, eram duas irmãs no soffrimento. A lua carpia uma viuvez eterna, e Gabriella pranteava seus amores perdidos... fadada (quem sabe?) ha pezares maiores.

Pallida e bella! Assim curvada pela dôr... era a péri das melodias, exilada dos céos, pela paixão do amor!

E a lua ia risonha no céo, e ella, a Magdalena do amor chorava na terra!

XV.

JORGE.

Gabriella continuou:

— Quando eu acordei, vi diante de mim elle, Jorge, embalando nos braços uma creança: á quem um parto prematuro déra a morte.

Meu primeiro beijo de mãe disse ella entristecendo, esfriou-se ao contacto de uns labios lívidos. Minha benção descahira n'um cadaver.

Meu marido estava sombrio.

Jorge tentava consolar-me e mostrando o céo sorria-se triste, dizendo:

— Nosso filho era um raio de luz em tarde tormentosa, luzio, passou e desmaiou!

Uma lagrima e um pouco de terra: eis o donativo de nossas dôres.

Parece que a sepultura de meu filho nos trouxera o perdão de meu marido. D'ahi em diante elle começou a velar em torno de meu leito.

Um dia eu já estava melhor; encostada á janella de meu quarto; conversava com Jorge sobre o passado.

Estavamos bem unidos, nossos halitos s'embebiam e cercava-nos então um véo mystico: nosso amor.

Meu marido entrou.

Sua fronte annuviou-se e um tremor convulso percorreu o corpo delle:

Jorge levantou-se.

Meu marido com a rapidez do relampago engatilhou duas pistolas e apontou-as contra as fontes de Jorge.

Eu dei um grito: era tarde. Elles estavam conchegados.

Jorge tinha no rosto a tranquilidade do martyrio, seus labios abriram-se n'um sorriso de desdêm e elle fallou. Sua voz era calma, ligeiramente tremula.

— Matai-me, senhor, vós bem o vêdes: estou em vosso poder.

Respeitai-a porém, antes de esposa, ella tinha um coração de mulher; amou... só á Deos é ella responsavel por esse amor.

Puni-me: perdão para ella!

Jorge disse estas palavras com tanta dignidade grandeza d'alma, e sublime amor que eu tive orgulho de o possuir por amante.

Meu marido olhava-o. Era um momento solemne. Jogava-se uma partida louca.

Eu levantei á Deos uma oração pungente e pedi, no coração, pela vida de Jorge.

— Ella é innocente, Senhor só ha um culpado... sou eu...

O céo, a terra, a vida e os livros, inspiram-lhe amor... qual é, pois, seu crime?

Fui eu que a sorprehendi, illudi seu espirito de mulher e....

Oh! eu não pude conter-me. Elle perdia-se, tentando salvar-me.

— Não, não, Jorge, tu mentes!

Meu marido deixou-o.

— Sim, senhor, disse eu voltando-me para elle, Jorge é innocente, Jorge é uma creança, Jorge fugio de mim, fui eu que o obriguei á amar-me!

Nos olhos de meu marido tremeu uma lagrima. Elle arrojou as pistolas.

Eu e Jorge ajoelhamos ao pé delle.

Momentos depois todos tres abraçados, nós choravamos amargamente; eu lamentava, Jorge abençoava e meu esposo se arrependia.

Meu marido comprehendia agora, após tantos dias de experiencia de tristeza e de lagrimas que ha uma cousa que a mulher não vende, uma cousa que se não compra:

o amor, o coração. A flôr da experiencia é pois bem triste: allimenta-a o pranto o lucto, e a dôr?

Assim, tres peregrinos perdidos seguindo destinos oppostos, partidos ao sorrir da alvorada, quando o sól ia á prumo, se encontraram no horto das Oliveiras. Seus corações doridos se reconheceram e um sorriso de fraternidade humanisou-os pela dôr. D'ahi em diante fomos todos amigos consoladores, indulgentes irmãos.

Um véo de puruza cobrio nossas relações.

Jorge era sagrado casto e inviolavel; eu o amava com amor de irmã.

Nas horas perigosas do dia quando nossos labios queriam unir-se e o meu coração batia unido ao coração d'elle, uma sombra sevéra passava vagarosamente entre nós e nos separava.

Jorge formou-se dous annos depois.

No dia do gráo nós o recebemos na porta, coroamo-lo de flôres, como n'um dia de festa, e celebramos sua formatura como uma solemnidade em familia.

A' meza, nós juramos fidelidade.

Meu marido brindou á amizade eterna, e eu, tocando minha taça na taça delle e de Jorge, saudei tambem o sentimento dos anjos.

Um dia Jorge teve de partir.

Seu rosto estava pallido, uma febre interior o devorava, e elle tinha momentos de monologo em voz alta, como a sombra de Hamleto.

Elle disse-me sorrindo que partia para sua terra, em parte sómente, porque su'alma, sua vida, roubara-as S. Paulo.

— Não vês, dizia elle, como estão azues os montes? O céo sereno, e a natureza bella, mas triste?

E' minh'alma, eu a vejo nos montes, no céo, na terra, no vento, em tudo que me falla de ti!

Oh! eu quizera morrer, dando-lhe meu derradeiro sonho; fôra feliz sentindo na extrema agonia seu peito arfando ao contacto do meu! Meu amor foi um deliro!

Eu olhei-me ao espelho: minha testa empallidecera, meu rosto vestira esse véo de luto, que não me deixou mais; e a insomnia de amor, o habito ardente da paixão, cavou-me nas palpebras esses circos azulados que traduzem a obsessão constante de uma lembrança viva.

Eu tomei uma thesoura, escolhi a trança mais bella de meus cabellos, corteia, e como a pobre Briggita com

ella brindei á meu caro Jorge, sacrificando-lhe o ornato mais interessante de uma mulher.

A fronte de Gabriella descahio, e foi com uma voz pungente, fraca e arquejante que ella assim terminou a historia de seu passado:

— Jorge partio. Partio e ainda hoje sangra em meu peito o enferrujado punhal.

Meu marido chorou, teve saudades e lamentou sua partida.

Eu? Eu não chorei: as lagrimas são como o orvalho: traduzem vida, são esperança das flôres. E' ao gottejar do orvalho que as plantas vivem, os passaros cantam e a natureza sorri.

Eu não chorei: minha dôr era profunda; o fumo de meu coração se volatisara antes de chegar ás palpebras.

Eu não chorei. Não é verdade, o dizer de Eurico. que chorar fôra consolo?

Eu jámais me consolei depois da morte de Jorge.

Oh! Não. O que é a morte? A lembrança de Jorge está aqui: elle vive, vive em meu coração....

Seis mezes depois eu assistia á agonia de meu marido.

Elle penava de febre. Era um delirio, um frenezi, um rir de doudo. Eu o prendia nos braços, e sustinha ao collo sua fronte enfebrecida. Seu sangue batia em uma corrida infernal, e noutes, longas noutes eu velava ao pé delle.

Exausta, pallida e resignada, eu levava ao Golgotha a cruz que tomara.

Meus cabellos cairam, minhas faces amarelleceram, e meu corpo curvou-se ao peso do soffrimento.

Estes circos que vês, são vestigios da febre, signaes que ahi deixou-me o tormento; como o sólo por onde correu a lava guarda o calcinado dos metaes que por ahi passaram em fusão.

No cahos da intelligencia, no crepusculo pallido de suas ideas sem nexo, projectava-se a sombra do passado: no cerebro derrancado passavam-lhe lembranças perdidas, e... eu, velando á cabeceira delle, como a escrava, como a amante, como a esposa, como irmã, mais ainda, qual carinhosa mãi, ouvia minha historia contada, commentada e ennegrecida pelos epithetos mais lodosos, mais miseraveis que a imaginação do cobarde inventou para torturar a mulher.

Oh! muito soffri, a taça do prazer era agora cheia de fel.

Quando submissa e triste, eu abraçava meu esposo, soffria resignada as consequencias de meu amor, uma palavra de lama, uma nodoa de veneno, me era atirada cuspida e me queimava como um ferro em braza!

Tres mezes eu não dormi, tres mezes fui insultada por quem já perdoara; tres mezes um doudo quebrou-me as forças, a vida, a honra e a belleza!

No leito de agonia, no ultimo lampejar da razão, meu marido abençoou-me e partio...deixando-me só no mundo... uma lagrima e duas cruzes!...

Seguio-se longo silencio.

Eu só via os raios da lua quebrando-se prateados nos moveis luzentes.

Um fogo luminoso, reflexão da lua nos espelhos, inundava a sala de tanta luz, mas luz triste e melancolica, que eu supersticioso esperava ver aquella martyr do coração, victima da fraqueza do amor, purificada pelas dôres, subir aos céos, levada como santa nas azas dos anjos.

Era a Niobê, como a sonhou o Paganismo: mortos os filhos, como tambem morrem as illusões.

Aquella mumia fria, isolada e muda, estava diante de mim frio, isolado e mumia como ella.

Eu respeitava aquella dôr que fôra bastante para canonisar um herege, purificar impuro metal e tornar um anjo, o proprio demonio.

Duas horas soaram lentamente no relogio.

O tempo mais cruel vinha despertal-a daquelle somno pesado.

A' ultima pancada ella ergueu a cabeça. Afastou as ondas do cabello chamou Octavio e correu espantada para mim, como quem foge de um spectro, de uma sombra, ou de um vampiro

Sua fronte de moça se occultou no meu peito de amante.

Estava fria, era o marmore de um tumulo.

Uma idéa subita passou-me, estaria louca? Velaria, o mar de gelo, o resto de lucidez que ella tinha?

Concheguei-a ao coração. Estava gélido.

Eu estava frio, como se tivesse apertado a mão á estatua do commendador.

Eu tive medo, muito medo, vendo meu rosto pallido, reflectido por um espelho na solidão daquella sala.

Eu estremeci. Apertei-a nos braços, a saccudi: Gabriella, Gabriella!...

Tremeu-lhe um suspiro no peito.

Ella olhou-me. Era a lua pallida das noutes de Ossian.

Pedio-me para ver a lua « sua irmã. »

Eu a vejo ainda, com seus labios brancos, trança negra e vestido frouxo, de joelhos na sacada, seguindo a imagem de Deos na lista esbranquiçada da lua que ia a prumo no céo

Corria uma brisa embalsamada.

Ella ergueu-se, estendendo-me a mão.

Eu beijei: adorando-a, como o italiano deve adorar sua madona.

XVI.

CHRISTO.

Ella encostou-se á meu hombro.

— Amar é bem triste, Gennesco: ai das almas de moça que se expandem ao vento da paixão. No fundo da taça está o fel, e o fel raras vezes deixa de vir aos labios!

— Que importa, Gabriella, a morte pelo amor não é a melhor? No lodo da vida se ha uma perola não é sem duvida o ser que amamos?

Que seriamos sem o amor? Espuma de onde que estala na praia e não fecunda. Maldicta a arvore que não dá fructo!

— Amar é soffrer!...

— Sim. Mas o céo é dos que soffrem!

Eu senti uma lagrima sua cair em meu seio.

— Gabriella, lembras-te de Jorge?

— Silencio, disse ella, levando uma das mãos á minha bôca.

Não pronuncies tão alto esse nome. E' a nota que lembra musica de morte.

Ainda hoje, que lá vão sinco annos, eu não posso ouvil-a sem soffrer. Meu passado revive como época de lucto e prazer, lagrimas e risos, e eu tenho vontade de esquecel-o no carcere de um tumulo.

Amei-o muito. Por elle tanto soffrí que sua imagem estampou-se nas fibras mais ternas de minha alma. Sua lembrança é um thrêno de saudade!

— Perdoa-me, Gabriella, disse eu beijando as fimbrias de seu vestido branco.

Em meu orgulho de libertino, fatuidade de verme, reptil e serpe, eu confundi-te com as outras mulheres

Tu que tantas dores tiveste, deves ter comprehendido quam dôce é o perdão vindo de labios, que amam.

Dá-me o balsamo, que sane as feridas de minha alma. Teu coração sensivel tão cheio de expansão, tem a agua lustral saltada ao rochedo da dor que purifica e desenfecta os membros de Lazaro. Gabriella, Gabriella....

Ella surrio-se.

— Escuta-me, disse, e terminou assim sua historia.

Perdendo os seres que me eram mais caros, quiz fugir do mundo, emparedar-me n'um sepulchro.

Querendo a morte, o tumulo que mais fagueiro me sorria, era o convento.

Recuei. O convento não é uma Thebaida como eu a desejava. E' muita vez o asylo da superstição e o pandemonio do vicio.

Fiquei no mundo caminhar sobre espinhos, só e muda, solitaria e triste, foi meu designio. Minha romaria era para Deos.

Nos theatros, nos passeios, nos divertimentos: sempre a solidão.

Quando um coração está de luto, e uma alma triste, a solidão ahi está; em meio dos risos, das flôres, das festas, dos homens e do mundo.

A solidão não é filha dos êrmos; não é o producto dos objectos externos; não é a ausencia dos homens, o retiro, o claustro, a masmorra, e pelo contrario: essa sombra que nos surrí no leito, no dispertar, e que dormindo ou velando, nos estende braços descarnados, murmurando ao nosso ouvido: eu sou tua irmã!...

Como a scentelha, ella existe occulta no fundo do coração: ao mais leve contacto, ella brilha.

Assim foi minha vida, Gennesco; triste e esquecida eu levava meus monotonos dias .. até que te encontrei no theatro....

— Sim, Gabriella, e tu fugiste de mim; offenderam-te meus olhares.

— E' certo. Eu fugi de ti como o marinheiro, que já

vio de perto a tempestade do oceano. Põe á capa o baixel ao menor ponto negro.

Eu amava minha obscuridade, almejava o socego. Meu amor unico era: a solidão.

Quando vieste á nossa casa: apoz o conflicto de Octavio, eu cri na fatalidade, e deixei passar essa deosa, como pensava a imaginação hellenica.

— Eu já te amava, Gabriella. A noute do theatro me mostrára em ti uma mulher singular. Eu tive um presentimento de teu passado....

— Agora, escuta: o que ainda não sabes. Meu primo Octavio sorprehendeu a paixão que me confessas.

Poz diante de meus olhos um porvir sinistro; e eu pensando no que podia fazer uma imaginação ardente, um coração expansivo como o teu... fugi... e sob pretexto de visitar meus parentes, colloquei entre nós a extensão de algumas leguas.... Agora já tudo sabes.

Uma luz pallida inundou a sala.

Os primeiros clarões da manhã resteavam no céo.

— Gabriella, eu me lembro da vespera de tua partida. Por essa noute fria, um mancebo ardendo em amor, com o inferno no peito, e uma esperança no céo, palpitava junto á tua porta. Elle estava em trévas e pedia luz: tinha fome, tinha sêde e só tu tinhas o pão e agua era o teu amor.

Oh! muito soffria aquelle coração de moço, á quem enchera de felicidade um só dos teus sorrisos.

Pois bem, esse moço só tinha um pensamento, eras tu; só tinha um culto, era tua alma; só via em suas noutes uma sombra divina, eras tu:— alma, vida, esperança, seu céo e futuro na terra, esse moço era eu...

Gabriella, continuei em presa á uma exaltação, lembras-te daquelle adeos, adeos que murmuraste, ouvindo-me?

E aquellas notas tão tristes que deste ao piano, aquelle suspiro de saudade, aquelle ancear melancolico que soluçaste... lembras-te?

Oh! eu crí que tu me amasses... mas a partida, a ausencia, meu orgulho me fizeram depois duvidar.

Agora, disse eu ajoelhando-me diante della, eu creio em ti, como no amor de minha mãe; adoro-te como o naufrago a velinha que o soccorre.

Minha vida de moço, meu futuro de homem, minhas crenças tão grandes, minhas aspirações ardentes, tudo depende de ti... Gabriella, Gabriella, piedade, piedade!...

Seu seio arfava como a onda que presente a tempestade; eu caminhava de rojo, preso aos vestidos della.

— Não, não, eu não devo amar-te.

Sua voz me pungia. Ella luctava por fugir-me.

Mas Satan me tomára á vontade, e me empellia naquelle terreno.

— Dei-te minha alma, tornei, e me negas a tua.

Meu coração é só teu, e não me dás um riso... Oh! mata-me, mata-me, mas dóe-te de mim!

— Oh! disse ella, não me dôo eu de ti? E o meu passado, Gennesco; lembra-te da minha vida e lamenta-me. Eu tenho necessidade de um riso, falta-me teu coração de poeta.

Eu serei tua irmã, cuidarei de ti como terna mãe, lerei teus versos, cantarei para que te inspires e deixarei tua fronte suarenta quedar em meu collo.

Serei tua amiga, tua irmã, tua musa, tua mãe...

Mas amar-te com amor de amante, não, não posso... adeos ..

Ella entrou no quarto. Eu segui-a. Eu estava em delirio.

— Gabriella... mata-me... mas me ama...

Gabriella correu a cortina de um oratorio, e com um passo solemne levantou-se diante de mim...

— Olha Gennesco, disse elle mostrando-me o crucifixo de Christo...

Eis o meu passado, uma cruz e a Magdalena ao pé!...

Eu ouvi um gargalhar secco: era Satan que fugia diante da imagem do Christo.

Retirei-me assombrado, vertiginoso e louco.

O craneo me pesava e os pés arrastavam....

Eu sahi, louco sim; mas sahi.

XVII.

SATAN.

> Eu cerquei com meu braço a cintura de minha querida amante; ella voltou docemente a cabeça: uma lagrima affogava seus olhos. Seu corpo dobrou como o caniço, seus labios cairam entre-abertos sobre os meus, e esquecemos o universo.
>
> (CONFISSÃO DE UM FILHO DO SECULO).

Soavam 11 horas, quando n'outro dia entrei em casa della.

Tudo estava silencioso.

Caminhei sem encontrar a criada e fui bater á porta que levava ao quarto de Gabriella.

Ella recebeu-me, risonha e alegre, como se nada se tivesse passado em uma das noutes antecedentes.

Na trança escura alvejava uma rosa branca: era a virgem do sacrificio.

No meu peito já não havia esse bater ardente do coração, que vertigina o cerebro a sonhar scenas de sensualismo. Estava calmo.

Em presença daquella mulher, eu sentia que nos podemos acercar de um sêr de outro sexo, tendo pensamentos que não os de pura materialidade.

Seus olhos vivos, negros, voluptuosos, não me faziam enlanguecer e desejar morrer, beijando sua fronte de Paulista.

Meu espirito queria o seu, meu coração corria para o peito della, mas entre nós estava o sorriso de Deos.

Ella tomou-me pela mão. Passamos pela sala. Os vasos estavam cheios de flôres. O ambiente era um perfume.

O sol derramava uma luz de felicidade. A casa sorria-se.

Sentamo-nos em frente do jardim.

Tinhamos por docel um céo de azul puro, como o coração de Gabriella.

Deos olhava no fundo de nossos corações, e mirava-se em dôce reflexo: a pudicicia.

A andorinha perdia-se no seu vôo de inverno e piava adejando para o ninho.

A melena dos coqueiros farfalhava pelo vento que corria indolente contando o afan das flôres, que suffocavam ao beijo do sol meridiano.

Gabriella sorria-se á furto; uma agitação importuna zombava do sangue-frio que ella queria ostentar.

Estavamos sós. Octavio sahira a negocios e dissera que voltaria tarde.

Um véo de reserva se estendia entre nós. Ninguem queria rasgal-o.

Eu quiz fallar: por tres vezes, apenas bocejei como quem mal dormio a noute.

Gabriella disfarçava-se com um annel dos cabellos e tentava amortecer o arquejar dos seios.

Por um exforço de vontade, eu consegui exclamar:

— Meio dia!...

— Meio dia, repetio ella, como se fôra um écho e calamo-nos.

E o tempo corria, o vento zombava e nós não dizia-mos palavra.

Gabriella voltou-se para mim.

— Gennesco, um relampago passou nos olhos della, sonhei comtigo esta noute.

— Ah! sinto, que tivesses um pesadelo!

— Não. Eu sonhei que tu me amavas.

— Sim? Nada mais natural: tu és moça, eu tenho 22 annos; tu és bella e eu sou poeta: a equação forma-se no amor.

— Enganas-te, disse ella, sacudindo tristemente a cabeça; não, tu me não amas

— Não te amo? Eu? Não t'o hei dito?

— E' uma illusão.

A fronte della descahio, como a magnolia que pende pelo peso do orvalho.

— Gabriella, eu te amo tanto, que fôra loucura buscar a terminologia vulgar para dizer-t'o.

Não é só meu corpo que deseja o teu; meus labios não se contentam com o ardor dos teus. Não. Nem é só minha mão que estremece ao contacto das tuas.

E' minh'alma que sonhou tu'alma; meu espirito que se embebe no teu espirito. E' sentir a ventura na tua voz, no teu sorriso, nos teus olhos, em tua palavra, a um aceno teu.

Leste as *Confidencias de Lamartine*?

Não achas que o amor phantasiado por aquella cabeça de anjo é puro como um raio do sol, o perfume da flôr, a brisa de Napoles e a face pallida da tua rosa branca.

Pois bem, pallida moça, meu amor é assim.

Eu volvo-me para ti, como a creança para o seio materno. Minha alma é tua alma, meu suspiro teu suspiro, minha esperança tua esperança: meu amor é a essencia de dous seres perdida na unidade de um sonho.

Se me não sorris? Eu soffro. Se te não vejo: peno; se me não amares, bem poderás espalhar uma flôr murcha sobre mim: um cadaver.

— Enganas-te, Gennesco, em ti não é o coração que falla: é a cabeça que delira. Tens lido muito. Sonhado como um louco. A' força de sentir alheias impressões te fizeste crer a ti mesmo: que na realidade sentias.

O que tu vês em mim não sou eu mesma, uma fórma tangivel, um corpo: Gabriella. E' Sand, é Stael, é Brigitta.

Sonhaste na effervescencia da imaginação que eu era a Graziella, e me offertaste o teu amor.

Tu sonhas pela intelligencia, amas pela imaginação, teu coração é mudo, como a louza de um sepulchro.

Se eu te amasse... seria infeliz.

Julgas-te muito conhecedor da mulher para que eu encontre a candura que é o assento do amor.

E' necessario que nos expliquemos, mais tarde seria impossivel.

Ella parou.

Eu ouvia bater seu coração. Ella me amava. Quando o arquejar dos seios o não dissesse, aquelle olhar furtivo, a languidez da pupilla m'o diria.

Era uma tentativa, um artificio de mulher, um duello com a consciencia: esse palavrear da moça que se confessa vencida, quando o coração diz: sim, e o labio diz não. E' o que os devassos chamam luxo, e os entendidos na materia, diplomacia feminina.

Ella accrescentou:

— Tu poderias amar, Gennesco, antes de conhecer a dissolução; antes de sentar-te á meza da orgia. Os seios trementes que viste, a phrase mentida que ouviste, mataram-te os sonhos, cobriram de gelo a realidade das tuas visões.

Ai da flôr cujo petalo bateu o destruidor graniso; esmorece, pende, murcha, desperfuma-se e esfarella-se,

O que tu chamas amor, não é o pio triste da andorinha que lá corre no espaço em busca do esposo. Não é o arrulo mesto da pomba, que prantêa o companheiro do ninho. Não é o rio que ahi corre soidoso e falla uma linguagem mysteriosa ás flôres que o namoram. Não.

Pelo riso de Deos, rosa perfumada do Eden da vida; inspiração do poeta, ultima verdade do philosopho; religião santa, pura e sublimada do crente, que espiritualisa, e no ascetismo se altêa á concepção de um ideal divino, tu acceitas o spasmo dos nervos, o arquejar do peito que encontra um peito, o murmurar confuso, vertiginoso e material de duas bôcas que se beijam.

Confundes o escaldar dos membros, o fervor dos sentidos e a sensação animal, com esse embalar nas nuvens da poesia, essa aspiração infinita, vaporar de duas almas que se encontram, se embebem, se enrolam e desapparecem no oceano da creação!...

Tomas a sombra pela figura, o esqueleto pelo corpo, a negação da vida pela vida. Não Gennesco, tu não amas.

Suas faces estavam coradas. Ella parecia penar de febre. Eu a ouvia:

A mulher não é para ti uma virgem, uma visão de Deos, complemento necessario de tua vida de homem. E' um fructo que desafia o apetite e vai após contental-o, apodrecer no lixo. E' uma bebida doçorosa que por momentos faz ter bellos sonhos e deixa o tédio, quando a embriaguez passou.

Lembras-te della como da flôr que viste bella um dia: tu passas e lhe dás um sorriso na murchez da tarde.

Não crês que a mulher seja ainda esse ente que espantou a natureza e sorrio pura olhando su'imagem na fonte. Porque um beijo perdeu os homens, não comprehendes essa harmonia das almas, esse rythmo que Deos estabelece entre os sexos, fadando a mulher salvadora da humanidade, dando-lhe o poder de recuar os males da vida, subtrahindo o homem á Satan, e subjugando a serpente por um riso de archanjo, sob as fórmas de mãe, de irmã, de filha e de esposa..... Não, tu não poderás amar.

Tomarias o perfume da flôr e a deixarias; tu confundirias o céo com o inferno, o amor de Satan e o amor de Christo; Aspasia e Magdalena.

Não, Gennesco, tu não sabes o que é amor?

Duas lagrimas, duas perolas correram-lhe ao longo das faces de roza.

O vento saltou travêsso e atirou sua trança perfumada na chamma de meus labios. Foi a primeira negaça de Satan.

Os olhos della estavam languidos como a vibração do alaude; ternos como a modulação de uma flauta, pelo descampado em noute de luar.

O céo era de azul; as nuvens corriam vaporosas estendendo seu alvo tapete ao sol; e a brisa silenciára.

Depois. ... rajada subita arrancou a roza do cabello de Gabriella.

Ella deu um pequeno grito. Era tarde.

Os petalos foram cair ao longe, batidos da ventania.

— Eis ahi, Gabriella, como queres o amor. Cedendo, apenas ao egoismo. Sonhas a dedicação, a confiança, o sacrificio no moço que te amar; e negas-lhe o sorriso, a vida, o abandono que lhe seriam mimoso idéal. Eis-te bem triste, porque o vento esfolhou tua pallida roza.

Maldizes o filho do ar: mas como elle, esfolhas muita illusão virgem, muito sonho angelico; tu mulher bella, tu martyr, quebras na mão do orgulho talvez, o ramo unico que sustenta um desgraçado sobre o abysmo. Meu Deos, meu Deos, porque crear o céo, nol-o revelar, se o roubas ao nosso poder? Porque déste á mulher a belleza, porque formaste teus anjos, se tu não queres que os amemos? Tu nos déste as azas e envenenaste o ar, tu nos mostras a flôr, mas no calice onde cáe o orvalho, Deos, tu guardaste o veneno. Deos, que val o mundo, o que é a vida, o que és, o que és tu se o amor é um sonho?

E as aves voavam soltando nos ares entristecidos trinares. O vento sacudia a corolla das flôres; o dia baixava e o céo vestido de azul fulgia nas alturas; no céo a festa, no ar o ruido; ao pé de nós o silencio, a tristeza, o scismar profundo.

Gabriella tinha a fronte nas mãos.

Uma intuscepção profunda prendia as mólas daquella natureza poetica. Calma espantosa havia succedido áquelle delirio de á pouco.

O mundo quando se move nos eixos, sentindo a approximação do cometa deve silenciar assim.

Naquelle dialago entre ella e su'alma havia a concentração

de forças, esse refluxo de coragem que prepara o espirito para as grandes luctas e o coração ao sacrificio.

Longos momentos correram assim.

Ella ergueu a fronte bella. Em seu rosto sorria a melancolia calma.

Dei-lhe o braço, levei-a para a sala.

Ao passar pela porta, a estreiteza nos unio. Eu estremeci. Foi a segunda negaça de Satan.

A bella moça sentou-se junto ao piano.

Scismava

Eu cahi sobre uma cadeira ao pé da meza.

Apanhei o livro que ahi estava aberto.

Era Lelia.

Lelia! quadro de angustias. A alma erra sem norte. Suspira como a avezinha ferida. Affirma o nada dos sonhos, santifica o suicidio, e aponta o isolamento como o postulado ultimo de aspirações infinitas.

Triste livro: escripto por uma douda, cujo intervallo lucido era esgotado entre as fumaças do narghilè, e as elegias de Musset. Indo das melodias de Listz ás predicas asceticas de La Mennais e Pierre-Le-Roux.

Verdadeiro pandemonio de um cerebro doentio, onde os guizos do carnaval retinem em meio do estremecer do peito, do queimar das palpebras e das notas de desespero.

Pequeno 8.º que tambem tem seilos mysteriosos como o Faust, e porvir agoureiro como o Apocalypse. Allegoria moderna da mulher que pisa a serpente, mais que estrebuxa sentindo no corpo roaz veneno.

Ha leituras que são como certas bebidas, só as comportam naturezas herculeas, almas vigorosas.

A rechonchuda moçoila que lê a cartilha e entre uma sandice e uma pitada, falla dos 12 pares de França, de Carlos Magno, e da historia de João e Maria, hade ser tão insipida nos seus gostos, como as fórmas achatadas de sua pellitrapa individualidade.

O alcool do curaçáu far-lhe-hia espirrar, como o cão que sente fumo nas ventas.

Mas a mulher que tem por leitura favorita Lelia, a Biblia, o Dante, já vio mundos. Correu pela via dolorosa e ajoelhou-se no Calvario. Essa não teria por escandalo beijar a fronte pallida de Alain Chartiêr; embora dissesse com Margarida de Escossia: — « eu beijei lhe na bôca, não beijei o homem, mas o lugar donde sahiram tão bellas

cousas. » Ha uma aggravante. Dufour nos conta que o pobre Alain era o mais feio homem de toda a França.

Essas naturezas descommunaes, neste mundo de miserias, hão de ser atassalhadas, impiedosamente atassalhadas pelas comadres que rezam pelas contas, e segregaram sua carnosa substancia dos ataques mundanos. Que fizeram provisão de palmito e capella para apimentarem seus rostos insossos para o banquete dos vermes. Tristes mumias, inuteis empadas que se occultam no pó, amaldiçoadas pelo mundo, pela carne e pelo diabo.

Eu conheço perfumes que não mais deixam o corpo a que adheriram. Ha leituras que resumem epitaphios. Ora, saibam todos: Lelia era a leitura favorita de Gabriella.

Agora, perguntar-me-ha leitor malicioso

— Lelia era o Erotica-Biblion da pallida Gabriella?

— Não sei. Eu perdi o fio da dissertação aos primeiros trillos do piano.

Ha alguma cousa sobre-humana na mulher que falla ao piano.

A tecla estremece, murmura e soluça com ella.

Então, se tens um coração ardente, 22 annos na chronica, e esperanças na vida, digo-te que és um miseravel se te não sentes com a coragem de arrostar a morte, por afastar o máo anjo do lado da virgem.

Cada som que foge, cada nota que arqueja, essa onda harmonica que passa susurrante de inspirações, é o sonho d'alma, o perfume da donzella, o poema de sua vida que vai nas azas dos anjos invisiveis pedir por ella á Deos; dizendo:—« a pobresinha sofre, tu és um Deos, adormenta-a. »

Então, Deos, que é pae, depõe um beijo de paz nos labios da padecente. A padecente canta.

Gabriella, com as palpebras cerradas, o corpo reclinado ao piano, e as mãos trémulas garganteava essa aria final da Lucia: que é o arranco da loucura, a agonia do desespero.

Meus olhos seguiam alguma cousa no espaço. Paráram contemplando um quadro exquisito que pendia da parede.

Representava uma virgem em completa nudez.

Levantava-se de seu banho de pureza. Os cabellos caiam-lhe sobre os hombros, e suas fórmas nada invejavam á filha de Latona.

Occultava a pobresinha, com as mãosinhas molhadas os seus seios trémulos. Corando e chorando.

E pela porta do quarto, entre-aberta via-se algumas cabeças desalhinhadas de lividos libertinos, que riam-se ás gargalhadas do rubor da donzella.

Aquelle quadro traduzia o destino de Gabriella.

O mundo não comprehendia a castidade dos sonhos della. Ria-se e zombava como os infames devassos.

Doeu-me n'alma aquella visão.

Seus amores angelicos, seu vaporar de pureza, o que eram para os profanos?

E o canto de Gabriella entristeceu-me como se fôra a confissão de uma virgem, em meio de um deserto.

Eu estava bem triste.

As flôres já não tinham perfume, o vento se calára, e eu só ouvia no coração o bater febril do sangue.

Eu tinha desejos de ajoelhar-me diante della e começar minha confissão de amor. Eu tomei a penna e com traços ligeiros traduzi em selvaticas strophes o que me ia n'alma.

I.

« Flôr do Eden, peregrino archanjo,
« Visão dos céos, merencorio lirio!
« Um beijo, ao menos, pelas vestes magas,
« Depois—o pranto, o soffrer martyrio!

« Ai, se souberas que veladas noutes
« Passei cantando tua roupagem diva
« Que vezes, pallida, de chorar tristonha
« Minh'alma ardente se perdeu captiva!

« Nas folhas brancas de meu livro d'alma
« Teu nome escripto só me lembra:—amôres!
« No peito exhausto o coração não bate....
« Minh'alma eu dei-te, no vaporar de dôres!

« Se lá nos céos, eu sonhava a estrella
« Do puro amor, de um amor bem santo,
« De Deos um riso, se no—além—passava
« Teu rosto eu via por um véo de pranto!

« Ao vêr-te pallida, soffredora e bella
« Irmã dos anjos, adorei-te eu!
« Não mais pela terra encontrei bellezas
« Tu'imagem n'alma, foi o sonho meu!

II.

« Filha de Ossian, vaporosa imagem,
« Anjo perdido que o penar enluta...
« Deste-me crença, ideal, amores,
« Pallida moça, eu te amo:—escuta!

.....

Eu passára minh'alma para o album.

Levantei-me. Gabriella adormecia, sonhando ás ultimas notas de seu canto favorito.

Cruzei os braços diante della.

Eu estava como o estatuario que s'extasia diante do ideal, de sua obra divina.

Suas palpebras eram dous véus de seda.

Seus cabellos escorregavam por seu rosto pallido, indo morrer de volupia, ao beijar o collo della.

Era o salgueiro quando pende melancolico á banhar-se no rio.

O seio arfava de leve.

O genio da musica quebrara seu talhe flexivel.

Suas mãos deitadas ao piano, pareciam ter esquecido as melodias.

Seu rosto era um canto, um thrêno, um riso, uma tentação; aquelle pézinho de fada...

Eu estava diante della. Espectro que representava a realidade. Ella era um sonho ardente, apaixonado e vertiginoso, como o phantasia a cabeça loura de Hugo.

Eu era um tronco, ella a parasita.

Eu um filho do homem, e ella uma creatura de Deos.

Sonhava. Eu respeitava o dôce enlevo daquella alma de Paulista.

— Um raio de sol—abrio-lhe as palpebras de seda.

Ella sorrio-se estendeu-me sua mão.

— Gennesco, não sei que doçura mysteriosa tem a musica? Sinto tal expansão, que tenho agora medo de mim. Parece que se quebrou um mar de gêlo, que eu tinha em meu peito.

A natureza da mulher é como a das flôres, vai á murchar-se, vem o orvalho do céo: Eil-a viçosa.

Eu era triste e agora, disse ella, puchando-me sobre si, sou feliz.

De nada me lembro; parece que nasci hoje, todos os meus sonhos estão de pé.

— Gabriella!

— Escuta. Eu pensava em ti; emquanto cantava, pareceu-me ouvir uma voz de anjo murmurar-me ao ouvido:— « elle te ama. »

— Sim, sim, Gabriella.

— Eu tive medo e calei-me. O amor...

— Piedade, Gabriella, eu juro viver por ti. Oh, se soubesses...

Ella levantou-se.

Foi ao vaso e tirou um jasmim do cabo.

— Toma-o, disse, nosso amor é puro como o aroma dessa flôr. Peçamos á Deos que nossas relações sejam puras e brancas como sua corolla de neve.

Tomei-o, escondi-o no peito.

Um prazer indefinivel animava as feições de Gabriella, que ria-se e fallava, emudecia e saltava, como se tentasse abrir azas pelo espaço livre.

Ella me prendia as mãos, me fitava a sorrir-se, e me deixava para sentar-se ao piano e cantar.

Comprehendi então essa fraternidade candida, innocente, delicada e dôce da mulher e da creança que o poeta Camões sagrou em um verso immortal.

Era assim qu'eu havia sonhado a mulher, apezar da mascara do mundo, a frivolidade dos amores, e esse borboletear enganoso que me fôra a vida até então. Era assim: alegre, intelligente, viva e pura; bella sem fatuidade, elegante sem pretenção.

Ao pé do espelho, Gabriella deixou cair em lindos anneis, seus cabellos negros que lhe beijaram as faces, enrolaram-se pelo collo, espreguiçando-se pelos hombros della.

Voltou-se risonha e me disse:

— Então, meu poeta, não é assim que me chamas Ophelia? Nem se quer falta-me loucura para completar o teu ideal! Mas... o que tens? disse com ligeiro gesto de arrufo, não dizes palavra? Estou feia, muito velha?

— Não. E' que me parece um sonho tudo isto, e eu desejara dormir para sempre. Temo que a ventura me fuja; temo ser muito feliz.

— Coitadinho! quer dormir! Pois dorme creança, e sê muito feliz.

Isto dizendo, Gabriella pousou em minha fronte um beijo ardente. Seus labios queimavam e seu peito batia.

A moça, recuou tremendo, como se tivesse hido muito

longe e o pudor prendeu-a em um encantador embaraço. Ella afastou-se e procurou distrahir-me passando a outro assumpto.

Chegou á mesa e tomou o album.

— Versos, Gennesco, são teus?

— Não. Não leias, Gabriella, tu me não perdoarias!

Na verdade, eu temia offende-la. Teria sido imprudente, e meu amor, tinha sido ousado? Era uma questão de vida ou morte. Esperei.

A Paulista correu o album hesitando; mas vencida pela duplice curiosidade, a da mulher, a da amante, ella começou a ler...

Eu via o arfar dos seus seios, o rubor do rosto, o tremor das mãos, e o respirar custoso das impressões profundas...

Seus olhos cobriram-se de lagrimas, o album cahio-lhe das mãos, ella tentou fugir de mim... Não sei o que fiz; foi a derradeira negaça de Satan. Lembro-me que a enlacei nos meus braços, Ondina amorosa, pallida e bella; recordo-me do frescor do aposento, de seu halito de perfume, da luz frouxa, do silencio e da athmosphera que embriagava. Lembra-me um suspiro, um ancêo e nada mais. Eu estava involto nessa nuvem protectora e magica que os poetas fazem descer sobre os amantes, como na fabula de Jupiter e Leda, de Eros e de Psyché. Ia, talvez, colher o pomo da vida...

Senti um ferro frio procurar meu coração.

A meu canto de ventura respondia uma risada secca, gélida e horripilante, como a de um espectro que levantasse a louza de seu tumulo.

Tornou-me em estatua.

A pobre Gabriella, pallida e abatida, rolou no canapé quasi sem sentidos.

Eu olhei para a porta: ali estava Satan, tendo nos labios o riso mais sardonico de todo o seu inferno. Era bem triste o despertar.

XVIII.

FEBRE.

D. JOSÉ.

— Mas, se eu a adoro mais do que poderias amal-a, tu!

D. JUAN.

— José, José! Não compares o furacão do rio á tempestade no Oceano!

(D. JUAN DE MARANA.)

Octavio agarrado á porta cortava-nos com seus olhos azues, e ria convulso, um rir que gelava. Havia nelle a raiva de Othelo, a sanha de C. Frollo, por sob o gelo da pedra de um carneiro. Alguma cousa, como o desdem do verdugo vendo rolar no sangue a cabeça livida do victimado.

Não se pinta a refracção dos labios, o contrair do rosto, e a visão medonha daquelle cabello hirto que se alteava, tentando fugir-lhe da cabeça, como os espinhos de um ouriço.

Eu vi os seus dentes alvos, cerrados, como os de um cataleptico. Era horrivel.

A alteração do rosto, o suor da fronte, contrastando com suas feições delicadas, a attitude, o gesto, e aquella imagem de desolação, triste e muda, clareada pelos relampagos que lhe saltavam dos olhos, tornados dous brazidos sulphureos, fascinavam a imaginação.

Tomal-o-hias por aquelle padre lubrico, que rugia car-

nivoro, contemplando os seios nús da Esmeralda, ébria de gozo, no beijar libidinoso de Phœbus.

Sim: era Claudio Frollo; mas C. aos 22 annos, e quente ainda desse queimar, que abraza as veias ao americano!

Eu estava pasmo.

Admirava-me a metamorphose daquella criança.

Debalde, no Octavio satanico, eu tentava distinguir «Octavio» o amigo, aquelle que me déra hospitalidade, como o arabe; e á romana, partira comigo o pão e o sal da amizade.

Uma idéa fez-me entontecer:

Octavio amaria Gabriella?

Senti-me fulminado.

Aquella mulher era bem fatal; pagava bem caro o talisman de sua belleza divina.

Quantos cirios extinctos e por morrerem ainda; no seu templo de Madona?!

Gabriella não dizia palavra. Era a columna de um tumulo.

Parecia-me que uma tormenta vinha rugindo.

Octavio tomou a chave, após dar duas voltas á porta, escondeu-a no seio e veio cerrar as janellas.

Eu estava quêdo. Elle parou em frente de nós, com os braços cruzados.

Um frouxo riso sacudio-lhe os nervos, e seu olhar corria desdenhoso de Gabriella a mim, e de mim a Gabriella.

Eu olhava e esperava.

Gabriella, vermelha de indignação, de contrariedade, de orgulho de mulher e abandono de amante, levantou-se como a nuvem d'agua, que corre a espatifar o barco do pescador ousado.

Havia naquelle olhar esse clarão que precede o desabar do raio.

E naquelle ademan de soberba rebeldia, eu entrevi esse sussurro que accomette as ondas em procellaria.

A natureza de mulher enfraqueceu diante da energia fulminante da dignidade ultrajada. Ella fitou-o, fitou-o como para feril-o, e sua voz pôde apenas gutturar: Octa...!!

Ella deu em terra como o tecto que se abate.

Eu dei um salto e corri para levantal-a.

Octavio apontou-me á face uma pistola e me obrigou á recuar.

O moço tomou-a nos braços, sacudindo os anneis do cabello. Um olhar de doçura infinita correu-lhe na rapidez do pensamento.

Octavio conchegou aos seios de Gabriella o roupão que desatara, deu um suspiro e levou-a com sua trança cahida, sua face pallida e palpebras pesadas.

Elle deitou-a desmaiada no seu leito de viuva. Eu ouvi um longo soluço.

Momentos depois agitou-se o reposteiro e Octavio entrou.

Elle deitou sobre a mesa a pistola.

Tomou uma cadeira e sentou-se defronte de mim.

Eu tomara meu partido.

O que me doía não era o amor de Octavio. Não: esse não passava de simples conjectura.

Não era elle moço? E Gabriella bastante linda para inspirar paixão?

Que jus á fidelidade tinha eu para exigir o afastamento de qualquer outro?

Pelo contrario, não era eu o verdadeiro intruso naquella familia

Não fôra uma aventura de libertino que me trouxera áquella casa?

A felicidade de um bom achado deveria orgulhar-me ao ponto de me dar direitos de proprietario?

Não. Mil vezes não.

O que me doía: era muito amar Gabriella e ver que aquelle anjo, aquella belleza fatal, tornara inimigos dous sêres que se amavam; e eram-n'o, quiçá, irmãos sinceros.

Eu lamentava aquella desillusão terrrivel. Em minha vida de estudante, o que sempre me doera fôra a falta de franqueza e a manifestação imprevista de uma negação de amizade nunca esperada por mim.

Preferira morrer á ter de evidenciar a quebra de amizade de meus amigos.

Octavio olhava-me.

Eu estava decidido a duellar.

Não penso que o duello seja cobardia, nem attentatorio á moral.

Das impressões de cavallaria que tenho tido, é esta uma das melhores que sempre conservei. Prefiro a uctal do leão, face á face, peito contra peito, coração batendo ao coração, á luz do sol, sorrindo ao rosto bello da morte, á esse pulo do tigre, punhalada pelas costas, ataque de emboscada, que sagram entre nós os valentes do dia.

Venha o duello com seu sangue, suas leis barbaras: é preferivel á facada do sertanejo, á paulada do caipira, á

bofetada do covarde, que aponta um ferro ao peito de um homem que não tem comsigo arma alguma.

Tal pensava eu.

Perdêra um amigo e causára um dissabor a Gabriella. Estava triste, disposto a morrer inda mesmo assassinado.

Eu sorri, com triumpho, á face pallida de Octavio, era um desafio.

Gennesco, disse elle, quando entraste pela primeira vez, nesta casa, um rasto de sangue assignalou os males que comtigo aqui entravam. Meu braço quiz suspender-te, mas a fatalidade chasqueou-me, dando-te ganho de causa.

Sentaste á nossa mesa e te dêmos franca hospitalidade.

O riso de uma mulher fez-nos amigos, a sympathia tornou-nos irmãos.

Inda mal! o riso da mesma belleza tornou-nos inimigos irreconciliaveis.

Sorri-me, era o seculo que fallava.

Octavio continuou; ia já perdendo a calma que ostentára.

Nunca suppuz que amor tão intenso se mostrasse entre dous corações que pareciam repellir-se.

Sabendo desse amor, ao vê-lo mover-se no embryão, eu tentei obsta-lo. Tudo foi inutil, o amor é fatal, tarde ou cedo chega á suas consequencias.

Vendo que mais frequentemente aqui vinhas, eu comecei um systema de guerra, a fuga.

Eu sahia, com o coração ardente, a face fria e o craneo queimado, procurava o barulho, a sociedade e o susurro dos mil nadas do mundo, tentava velar em sudario meu coração vivo.

Escuta: hontem ao voltar, eu soube que aqui havias estado; que tinhas ficado até tarde; e que durante tua visita, Gabriella conversára comtigo, a meia-voz. Contou-me tudo a creada.

Tudo! Os suspiros, as lagrimas, os soluços, vossas esperanças, vossos sonhos e confissão de amor!...

— O' tormentos do inferno! Supplicio de Tantalo! Cala-te, voz maldicta, pesadelo da paixão, sangue fervente que me queima a vida!!...

Elle estorcia-se, como devêra fazer o condemnado, preso ao potro da inquisição, no penar da tortura.

Elle continuou, com ardor:

A amizade que eu te tinha era síncera, fôra escripta com meu sangue e sanccionada por minha alma. Eu te

amava desse amor desvairoso que torna um só, dous corações distinctos.

Era Oscar e Dermid, Castor e Pollux.

Pois bem! A certeza de que eras amado de Gabriella, que era teu o sorriso della, sua alegria na terra, e nuvens brancas de ventura: eu tresvaliei. Esqueci-me de ti, esqueci-me de meu silencio, e tornei-me duro, implacavel, importuno e ingrato.

Tinha sêde de sangue; sonhares de infamia! Era febre, febre, febre!

Um demonio me tomára o espirito, e me inspirava planos nefandos; na porta, á rua, no leito, no livro, no céo, na terra, no mundo, eu via dous olhos fitos sobre mim: zombavam, chasqueavam, riam-se!

Eu quiz fugir: parti hoje, com a morte n'alma e Gabriella nos labios, bati á porta da taverna, gritando vinho, vinho, vinho! Eu queria esquecer!

Cada onda que me corria pelas veias, cada gotta, que me embriagava, gritava aos meus ouvidos: Gabriella, Gabriella, eu via então surgir da terra uma figura medonha, que tomava meu coração, arrancava-o de meu peito, e o mostrava, rindo-se, á Gabriella.

Depois, espetava-o com envenenados punhaes, e n'uma gargalhada do inferno o atirava aos cães, que fugiam horrorisados, e uivando como n'um dia de maldição!

Eu fitei aquella figura, e entre um véo de sangue e rosas do festim, pude conhecer teu rosto de amante feliz!

Corri, voei até aqui e entrei, espiei como o ladrão, e sorprehendi teu beijo de felicidade!

Era o momento em que ias soffrego e cégo de vertigem colher o pomo da discordia. Eu vi estupido e boquiaberto Gabriella cahir em teus braços, languida e morta; na atonia amorosa de um goso de Léda, de Hébe, ou de Danae!

Tive raiva, muita raiva, e antepuz-me, novo Judas, ao teu triumpho de amante; ri-me, ri-me e arranquei á teus labios a taça do gozo que pensavas tocar!...

Octavio parou; olhava-me como se eu tivesse em minhas mãos o coração delle.

Compadeci-me daquella dôr e tentei consolal-o.

— Octavio, Octavio, meu amigo; um dia, ia o sol bem bello no céo, eu apertei tua mão, com meu coração nos labios, dei-te minha alma, jurando-te amizade até á morte!

Queres minha vida, minha alma, de mim precisas para tua tranquillidade?

Eu me dou a ti em corpo e alma.

E' assim que eu comprehendo a amizade!

Elle me fitou espantado. Suppoz que eu zombava e gargalhou descrido.

— Gennesco, se suppões embalar-me enganas-te.

E' cousa bem facil dar quando tem um homem a bolsa cheia; ao mendigo importuno que nos vem turbar o somno: é bem suave atirar a moeda, dizendo-lhe: — toma e vai-te!....

Ah! ah! ah! ah! Não me enganas.

Meu amor é um delirio, é a tunica de Nessus; devora-me, suffoca meu sangue no queimôr corrosivo do veneno!

Satanazes, milhões de diabos! eis o que brota no meu cerebro; correm os miolos um por um, e os saccodem, semelhantes a ventos encontrados, girando de entorno a um campanario!

Elle batia na fronte pallida e suarenta, como se tentasse afugentar os diabos.

— Octavio, amas Gabriella?

O moço pallido deu um pulo, tomou meus pulsos, apertou-os, com força sobrenatural, como se fossem dous arcos de bronze; deixou-me e caminhou agitado pela sala. Elle parou repentinamente como se seus pés subitamente fossem chumbados no soalho. Elle ruguio:

— Pergunta ao vento, aos céos, aos montes, ás pedras da rua, aos moveis da casa, aos livros que me são favoritos, a meu travesseiro, a meu leito, onde tantas noutes hei penado de febre sonhando e pensando em Gabriella.

Oh! que o digam os dias de tristeza em que eu passava longe dos homens, procurando os campos e fallava ás aves que voavam de meus amores occultos, de minha paixão ignorada!

Sabes acaso o que é viver, sonhar, caminhar e tocar o objecto que amamos, adoramos, incensamos como o unico ideal na vida?

Desejar beijal-o, morrer n'um abraço tremuloso, trocando a eternidade do espirito, por uma hora de paixão, amal-o, sonhal-o, encontral-o e renegar, até pela idéa, o possuil-o e o gozal-o?

Pensaste o que soffria Quasimodo, enviado pela Esmeralda em busca do cavalleiro amado e desejado pela cigana?

Não ideaste ainda aquelle arquejar doloroso, pungir de

morte, aquelle refluxo de um amor cégo que tentava expandir-se e retrocedia, temendo cortar o unico fio de ventura : a possibilidade de vêl-a e de amal-a ? !...

Oh ! diz ao sol que se esconda, diz ao rio que não corra, ordena ao vento que se cale e ao verme que deixe o cadaver : mas não me perguntes se amo Gabriella !

A paixão é tambem epidemica : communica-se, contagia. Aquella voz me despertara tambem a paixão.

Eu sentia que meu amor caminhava, caminhava e em breve, nossas duas paixões teriam de encontrar-se como duas nuvens que trazem raio.

Elle caminhava agitado, espumante, quasi doudo.

O fogo que por tanto tempo se contivera, prorompia agora, furioso e ameaçava consumil-o.

Era preciso vêr-lhe o afogueado do rosto, o assanhado do gesto, o raivoso do aceno e o derrancado da physionomia, para comprehender-se por aquella voz que modulava triste e sublime, a grandeza de seu amor, o excitado da paixão, n'um cerebro queimado por dous fumos : o fumo da belleza e o fumo do licôr.

Elle estacou diante do quadro da mulher núa, que occultava a pudicicia dos seios contra o olhar vertiginoso de alguns libertinos, que gargalhavam, mirando-a, cubiçando-a.

O rosto delle obumbrou-se.

O moço alteou-se e acenou tremendo murro contra o quadro, que desceu em estilhaços.

Octavio chegou ao piano.

As teclas feridas rudemente, acordaram por um susurro selvagem: lembrou o vento sacudindo a cordualha do navio que balança ao clarão da tempestade.

O moço derribou os livros que estavam abertos sobre a mesa.

Mordeu o leque de Gabriella, atirou-o ao chão e pizou-o.

Sua cabeça pallida, hirta e medonha, lembrava as figuras phantasticas de Hoffmann, o pilar de tavernas.

Ao passar em frente do espelho, sua propria sombra o espantou.

Elle voltou-se.

— Oh ! sou eu pois um malvado na terra ! Que maldição sobre minha cabeça! Sou Caim ! Onde está o irmão que matei ?!

Porque tanto amor, porque natureza tão ardente, tanto

sonho, tanta esperança, se a estrella de meu destino brilha em lividez de máo agouro e enubla-se a qualquer nuvem de fatalidade!

Eu fui maldito no ventre de minha mãe; a sociedade acolheu-me com o riso de madrasta e tão moço ainda já tenho contra mim a antipathia dos homens!

Porque me não fez Deos de uma fazenda inferior, por que deitou-me na fronte o fogo da idéa e encheu meu peito do fél estuante do orgulho? Porque me deu crença na amizade, no talento, na dignidade, na generosidade e no amor, n'um seculo de miseria, de pranto e de angustia!!...

Oh! apaga, apaga, apaga Gennesco a mancha que me queima a fronte... aqui... (dizia elle batendo na testa) eu sinto o stigma do inferno! do inferno!

Louco! que me deixei embalar pela esperança, cri em uma mulher, cri na vida e sonhei junto della.

Não, não, não: apagarei os vestigios de meu amor!...

Elle correu para a meza e tomou o album. Parou, estremeceu: lendo as strophes que eu ahi escrevêra.

Uma gargalhada zombeteira fez-me o sangue subir as faces. Levantei-me.

Mão invisivel arregaçou-lhe os labios, cégo pelo odio, pelo delirio, pelo ciume e pelo amor e embriaguez elle rasgou a folha do album, mastigou-a, cuspiu-a, e arrojou-a na minha face....

Dei um pulo e desembainhei o punhal; vi-lhe, tambem luzir nas mãos um ferro: corremos como dous carneiros que se atacam...

Uma sombra se interpoz.

Duas mãos enteiriçadas por crispação nervosa pozeram-se de permeio.

Gabriella tudo ouvira tornada do desmaio, e n'aquella crise viera como um anjo de paz separar dous moços loucos, e extremos em suas paixões.

— Octavio, meu primo Octavio, é um miseravel! Ouvio? Um miseravel!

O moço empalideceu; o ferro escapou-lhe das mãos, e seu corpo deu contra a porta immovel como o marco de viagem; solitario e funeroso como a cruz de um morto triste, triste á beira do caminho.

Ella correu para mim; accultou sua fronte no peito arquejante.

Ficamos em silencio.

Ninguem póde sentir o que se passou n'aquelle momento.

Nosso amor era impossivel.

Deos não o abençoava. Aquelle momento era a luz que nos mostrava o abysmo a que chegámos; eu pela imprudencia, ella por sua natureza artistica expansiva, imaginosa e poetica.

Octavio troxera uma noticia mas triste e funesta: nossa separação.

Um soluço revelou que a estatua se animava. Octavio dirigio-se a Gabriella. Seu rosto era calmo e frio; tinha a resignação do martyr.

Suas mãos levantaram-se e seus joelhos cairam. Com seus olhos fitos nos olhos della, Octavio fallou assim:

— Gabriella, perdão para o culpado. Eu amei-te muito e te occultei; calei-me porque temia o desdêm. Sou culpado: por amar-te.

Perdoa-me. Christo já pregado no instrumento da infamia olhando para seus algozes, inda dizia: perdão, perdão, perdão!!

O proprio vento parecia murmurar a palavra de Deos e dizer:—« perdão! »

A alma de Gabriella subio-lhe aos olhos n'uma lagrima Ella levantou Octavio com um suspiro e abraçou-o.

Eu beijei suas vestes de mulher e abençoei aquelle coração de Paulista.

Saudei pranteando o astro de meus sonhos que se deitava afogueado.

Eu era um anão em presença d'aquelle amor de Octavio, eu era um libertino comparativamente áquella paixão, que vivêra da sombra e do mysterio de solidão e de pureza.

Gennesco não valia Octavio.

Deos devia passar antes de Satanaz; o amor dos anjos antes dos amores da terra. Chorei e resignei-me.

Serviram o jantar.

Eu aproveitei o momento em que Octavio, arrastado por Gabriella, dobrava o reposteiro e desappareci.

Eu parti amaldiçoando a terrivel curiosidade, que me levára a seguir o destino daquella morena.

XIX.

OCTAVIO.

Plains-là! Son triste amour a passé comme un songe!
Elle a vu ta blessure et n'a pu la fermer.

(MUSSET).

Dous dias depois, Octavio veio ter comigo.

Atiramo-nos nos braços um do outro; nunca foramos tão amigos.

Não era sómente a sympathia de sentimentos, a uniformidade na crença, o sorriso puro de Gabriella, que agora nos unia:—não.

Era a identidade no soffrimento, o baptismo de uma dôr mutua, a confiança na bondade de nossos corações, que nos inspirava, agora, uma fraternidade mais nobre que o sentimento de egoismo e prazeres, que até então nos ligára.

Elle estava macilento:—parecia soffrer

Antevendo alguma desgraça, perguntei-lhe:—Gabriella?

Uma lagrima orvalhou-lhe a pupilla azul.

— Soffre.

Disse, com um laconismo que me espantou. No tom com que elle respondeu-me, notei uma firmeza calma, um estoicismo anormal a seu coração de sensitiva.

Comecei a scismar.

Ella estava no sophá. Muito pallida e completamente prostrada: a lucta que a agitava era, sem duvida, fortissima.

Notei-lhe nos olhos um brilho de febre; nas faces rubras

uma animação desusada; os labios estavam roxos e suas mãos tinham a brancura de um osso de virgem.

Saudei-a.

Gabriella olhou-me, sorrio-se e cerrou as palpebras, como a creança medrosa que teme ver em sonhos um espectro feio.

Vi aberto na mesa um livro, era a Biblia.

Meus olhos cahiram sobre este verseto de Job:—« eu disse á podridão tu és meu pae, e aos vermes vós sois minha mãe e minha irmã. »

Eu levantei a vista sobre Gabriella que parecia dormir.

Octavio estava mudo e de pé junto ao sophá.

Attrahiram me alguns caracteres escriptos á margem da Biblia.

Pareciam annotados,—« porque me tiraste tu, do ventre de minha mãe. Oxalá que eu tivera perecido, para que nenhum olho me visse. Que tivera sido, como senão fôra, desde o ventre transladado para a sepultura. »

Eu espantei-me, ouvindo o éco de minhas proprias palavras; sem senti-lo eu havia lido em voz alta.

Gabriella soluçou, penava de febre.

E Octavio continuava immovel, frio e silencioso como a ruina de um templo.

O silencio ganhou-me. Entristeci-me.

Aquella pouca luz da sala, a tristeza de Octavio, e em presença do livro santo, dir-se-hia, o ascetismo martyrologico, dos primeiros christãos sepultando alguma irmã de crença, na abnegação dos fumos do mundo.

Perto da desolação a melancolia de um passaro gorgeava seu canto da vida, era um canario que cantando e tremendo, nos sorria triste de sua gaiola de arame.

Levantei a cabeça e mal vi passar diante de mim uma sombra que esvaeceu-se através do reposteiro.

Octavio acordou e eu segui-o fatalmente.

Entramos no quarto de Gabriella, o Christo com seu sorriso de perdão, descobria-se sobre a mesa.

Gabriella soluçava ao pé.

Eu a vejo ainda, com suas tranças negras varrendo o chão, as faces vivas, contrastando com a sombra dos olhos, esmaltavam-se na pallidez do rosto, eram duas rosas, tintas de sangue, atiradas pelo tufão em um paramo de neve.

Aquella mulher que soffria, penitente Magdalena, ao pé da cruz, aquella belleza romantica, origem de tantos dissabores, aquelle suspirar custoso que saccudia os seios

della, como o agonisar da avesinha palpitante, em seu ninho de penugem, tudo aquillo esmaltado pela branca leve e fluctuante roupagem que em laços de lucto prendia seu talhe de volupia, derretera montes de gelo que tiveras ao peito.

O bronze tresdobrado de um coração de Han d'Island, cedera impotente, diante da fragilidade daquella victima do infortunio.

O espirito daquella moça voejava pelos céos.

Ouvi um derradeiro soluço... depois... Gabriella ergueu-se, já não chorava; sorria, como o anjo de um sepulchro.

Ella parou fitando-nos com doçura divinal.

O que ia ella dizer? Acceitaria meu amor, ou o amor de Octavio?

Gabriella arquejou, como se alguma cousa estalasse em su'alma, e voltando-se para a imagem do Christo, estendeu a mão....

— Aqui.... ao pé de um martyr.... eu juro....

Octavio correu sobre ella.

Suspendia um juramento, talvez, imprudente.

No movimento caío um vidro do bolso delle.

Eu apanhei o vidro; continha um liquido negro: era veneno.

Destampei-o: já o levava ao nariz.

Octavio deu um grito, e pallido e agitado arrebatou-m'o das mãos.

Gabriella abria um bilhete, que escapára de Octavio, em seu esforço por tomar-me o vidro. Leu-o.

Elle quiz impedil-a, era tarde.

Gabriella vacillou e desmaiou.

Em quanto o meu amigo deitava a nossa amante em seu leito de virgindade, eu estremecia, lendo o bilhete. Dizia assim:

« GENNESCO

« Muito amei. Adorei uma creatura e esqueci-me de Deos, fui castigado.

« A belleza que eu amava, tambem fascinante: fez-nos amigos e ameaçou separar-nos: eis a fatalidade.

« Não posso viver sem ama-la, sem adora-la com delirio, furor e loucura; e não posso amal-a sem odeiar-te, offender-te.

« Eu sou a sombra no teu quadro de luz, coveiro sinistro no teu berço de amor, pois bem: morrerei.

« Torna-a feliz; dá-lhe um throno de rainha no teu coração de poeta.

« Adeos Gennesco; meu ultimo pedido é: que não se lembre ella de mim. Temo offendel-a.

« Dou-te a felicidade no coração de Gabriella.

« Teu caro

« Octavio ».

Eu cahi prostado no sophá.

Como o prisioneiro, que encerrado em escuro carcere, sonhando e penando nas trévas, descreu e blasphemou na solidão dos homens e de Deos, e que eleva-se, extasia, abençôa e duvida, chora e ri-se, encontrando o sol, saudade de seus tempos de livre: assim eu estava.

Como a victima de febril pesadelo que tomba, cae, resvala, escapa, se embate e segura, escorrega e grita, de um grito das entranhas, desperta duvidosa, tacteando pelo espinhoso de um leito: assim eu acordava.

Eu era um cégo: fascinava-me a cactarata de luz.

Eu mal comprehendia naquelle turbilhão de pensamentos subitos a delicadeza do devotamento, a firmeza de tanta amizade, e o martyrio de tão grande amor.

Mas no silencio da sala, na solidão dos homens, entregue a meus unicos pensamentos, eu sentia que uma calma doce, terna melancolia cercava-me de um manto de pureza.

A mascara do libertino se despregava, e o vento fresco da belleza moral me banhava o rosto.

O passado que eu atravessára como um jardim de lindas flôres, descuidoso e alegre, na corrida do ébrio, eu o via triste, funereo, como o sudario que me velára no tumulo.

A orgia, que eu aprendera á cantar e idealisar no dythirambo, que era o lethes de meus soffreres do dia, e das esperanças mentidas, eu a via lobrega, como um poço de que nos falla a escriptura: onde as lagrimas caem, gota á gota, e o abysmo que se não enche as pede, pede sempre.

E o passado e a orgia se levantavam como dous cadaveres, ensaiando ter-se de pé e vacillavam, vacillavam á decompor-se em pó.

Ideastel-o já, nos teus sonhos arrojados, em tuas visões

do Apocalypse, o que devera ser o pôdre Lazaro, levantando a lapida de seu leito de gelo, vendo e gozando da luz?

Eu era como o pôdre Lazaro.

A aura balsamica da fé pura me desinfectava os membros,

Eu sentia que atado a um póste sujo vegetára apenas, n'um fosso de miserias.

No alto da montanha onde a crença me pozéra, eu encarei o valle, e lá, do recanto escuro, eu vi surgir um ideal de moço, que a mão de ferro da fatuidade, e da luxuria, abafára, mas não matára.

Eu vi uma sombra passar cantando, e essa sombra tinha a figura de Eloa.

Minha fronte caío sobre o peito, e eu saudei a aurora das crenças e dos ideáes.

A «amizade» meu ideal de moço, minha tentativa de estudante, taça de delicias, que já por vezes me enjoára de fel; virgem, a quem se erguera um templo em meu peito de poeta, eu a tocava palpitante, viva e real na phantazia crente.

O «amor» talvez um sonho, que me passára sempre sublime, ardente, apaixonado, como um Leviathan celeste, pelo liliputiano circo de nossa terra de pygmeus, ali estava diante de mim, provado, exposto e nú; phantasma de ventura, em meio de riso, festa e goivos, mostrando-me um throno de sublimidades.

A «mulher» que me fôra sempre visão do céo, ora subindo na strophe do poeta, na elegia do vate, ou no thrêno do bardo, para ir até Deos pedindo o balsamo do soffrimento; ora descendo sublime Walkiria á enxugar nosso pranto, adormecer nossa fronte, e calmar os éstos ardentes de nosso coração; a «mulher» que eu aprendera a adorar no vulto sympathico de minha mãe, inda infante, no berço de pureza no anjo perdido pela vida, sacrificando-se por seu filho, vivendo n'elle, pensando só com elle, eu a encontrava agora sublimada e triste, martyr infeliz sob suas vestes de amante.

E iria eu com a minha paixão....

— O que era meu amor, minha paixão, em frente de Octavio?

O pigmeu em frente do gigante, um namoro de salão por uma devotação até ao sacrificio?

Levantei-me.

Já acreditava que a mulher é uma idéa, o céo ainda

bello, o futuro risonho, e a amizade realidade ainda que rara, e o scepticismo do moço uma grande parvoice.

Sim: depois do sonho daquelle amor, nunca mais descri do coração da mulher.

Eu apertava em minhas mãos de febre aquelle bilhete de Octavio, temendo que tudo fosse um sonho e se esvaecesse.

Minha testa queimava como se minha alma presa tentasse consumir-se.

Encostei-me á porta do quarto onde a belleza, a victima, o pomo da discordia quedava ao consaço.

Perdi-me na atonia do espirito. Pareceu-me, então, ouvir um gargalhar secco, uma risada zombeteira, ultimo sarcasmo de Satan, levantei a cabeça e meus olhos se fitaram sobre o Christo.

O filho do homem, o symbolo do soffrimento, abria os braços sobre a meza.

Sorria-se, desse sorriso de perdão que salvára a Magdalena, abraçára a Samaritana e abençoára os homens.

Ajoelhei-me diante delle e orei.

Orei, como o penitente que bate á porta do céo, pedindo á Deos uma luz para viver. Acalmei-me.

Estava disposto á partir.

Um soluço penoso quebrou aquelle silencio de tristores.

Eu abri o resposteiro.

Octavio estava de joelhos diante *d'Ella*.

Os labios frios da moça pallida soluçaram estas palavras tristes e truncadas:

— « Octavio.... amor.... Gennesco.... meu Deos.... vou.... morrer.... mor..... »

Ella calou-se e esvaeceu.

Octavio, o pobre Octavio, parecia prender-se ás notas delirantes daquelle somno do offrimento.

A Paulista debatia-se em presa, á esse sonho, e duas lagrimas banhavam-lhe as faces, como duas gotas do céo pelos braços de uma cruz.

Seus labios tremeram: ella parecia diagolar;

— « Deos.... minha mãe.... Meu primo?.... Gennesco, dá-me tua mão.... Octavio.... vês a mão de Gennesco?.... quero-as unidas. Sêde amigos.... »

Eu apertei em meu coração o pallido Octavio.

O moço ajoelhou-se junto della, que tomou nas suas a mão de Octavio....

Gabriella adormeceu na melodia de um sonho....

Eu imprimi-lhe na fronte pura o meu osculo de irmão.
Sua bôca sorria: era a ventura.
Eu recuei por timidos e leves passos, rasguei uma folha da carteira e escrevi meu derradeiro adeos, traduzindo as dôres de um poeta:

« Perdão! Se quebro o encanto
« Que ao pé de Deos nos unia
« Minh'alma em agro pranto
« Eterno adeos te envia. »

Eu estava triste, mas tranquillo.
Olhei pela ultima vez aquellas duas cabeças de poetas, que a corôa de espinhos começava a emurchecer, beijei com fervor o Christo, e sepultei nas chagas do martyr o meu sonho de ventura.
Gabriella amaria Octavio.
Seus dias de amor seriam no futuro, mimoso collar de aljofares.
Entendiam-se, amavam-se.
Perdoei-lhe amal-o.
Quem encontrára uma perola, que a desdenhasse? Que alma de mulher fôra insensivel a tal amor?
Se a moça Paulista o não amasse. Jago teria razão:
— « o amor não seria mais que a luxuria. »
Ella amal-o-hia.
A alma da mulher é como um lago crystalino, destinado á reflectir o céo, o amor de Octavio era o céo.
Chorei, perdoei, abençoei e parti.
O céo estava nublado. O homem perdia-se no turbilhão da vida.

FIM.

Br.
ZSS 1.B.
2 vol. en 1.

17018

17018